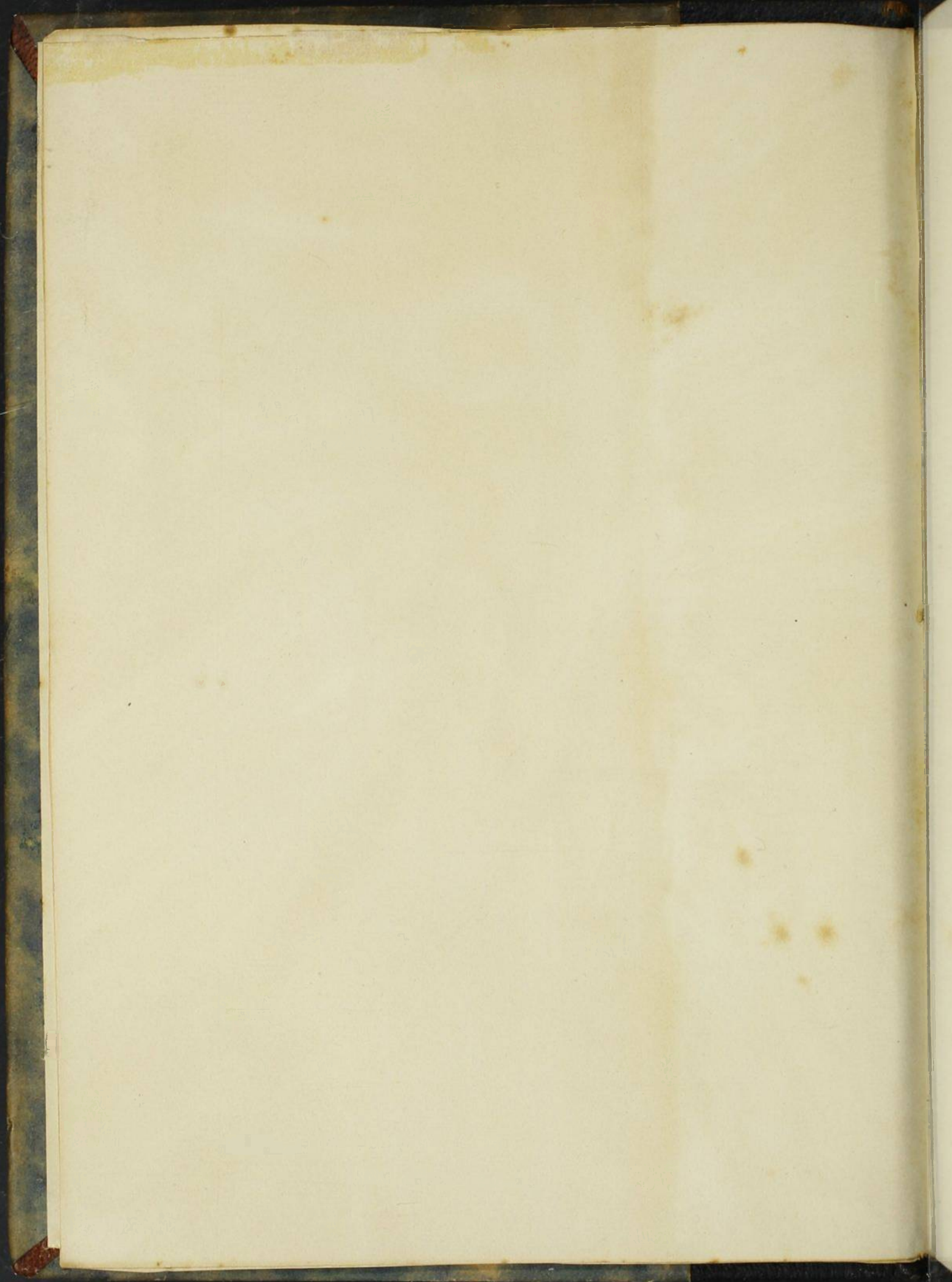
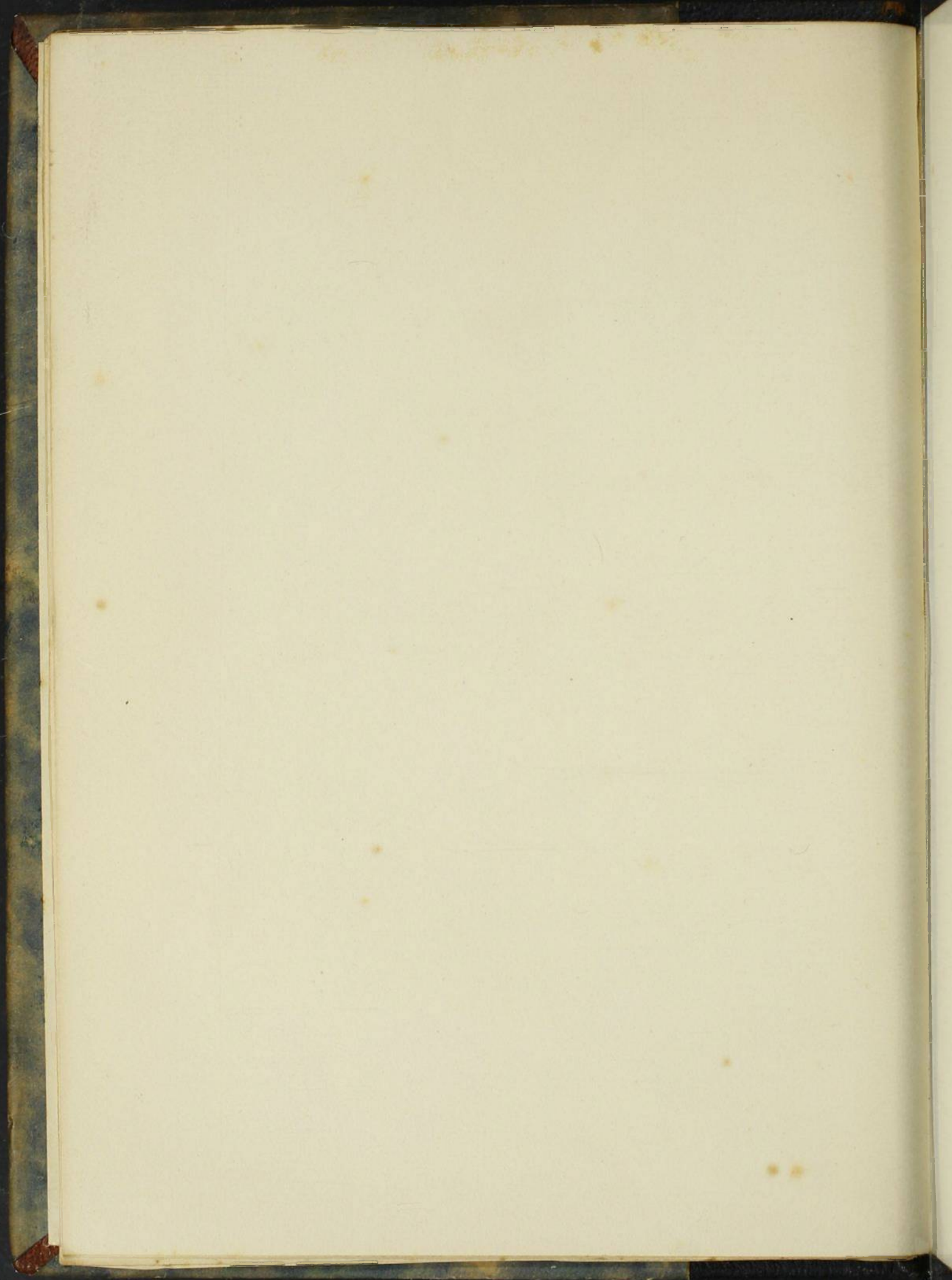


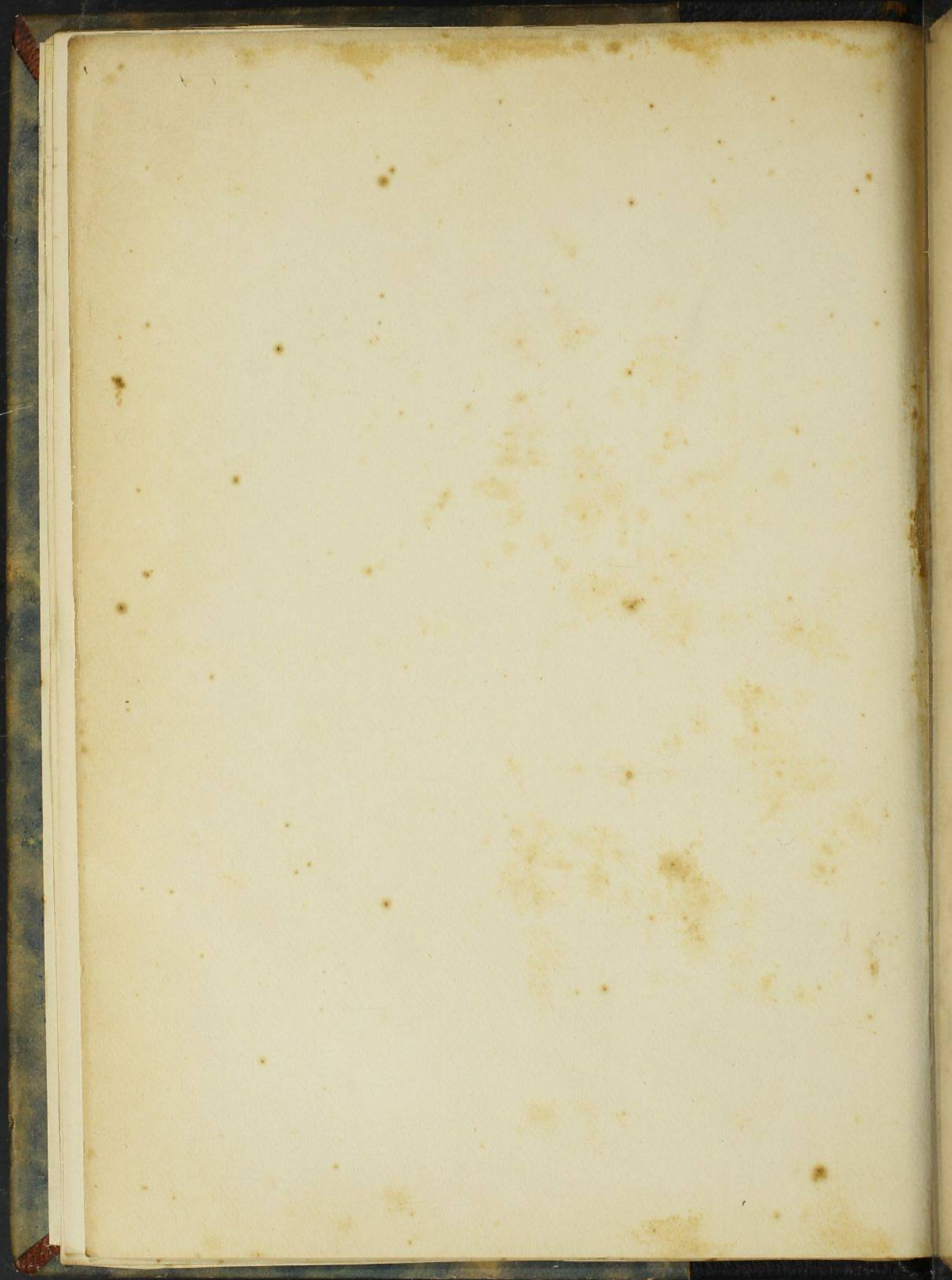
le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin





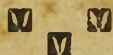


JOÃO RIBEIRO

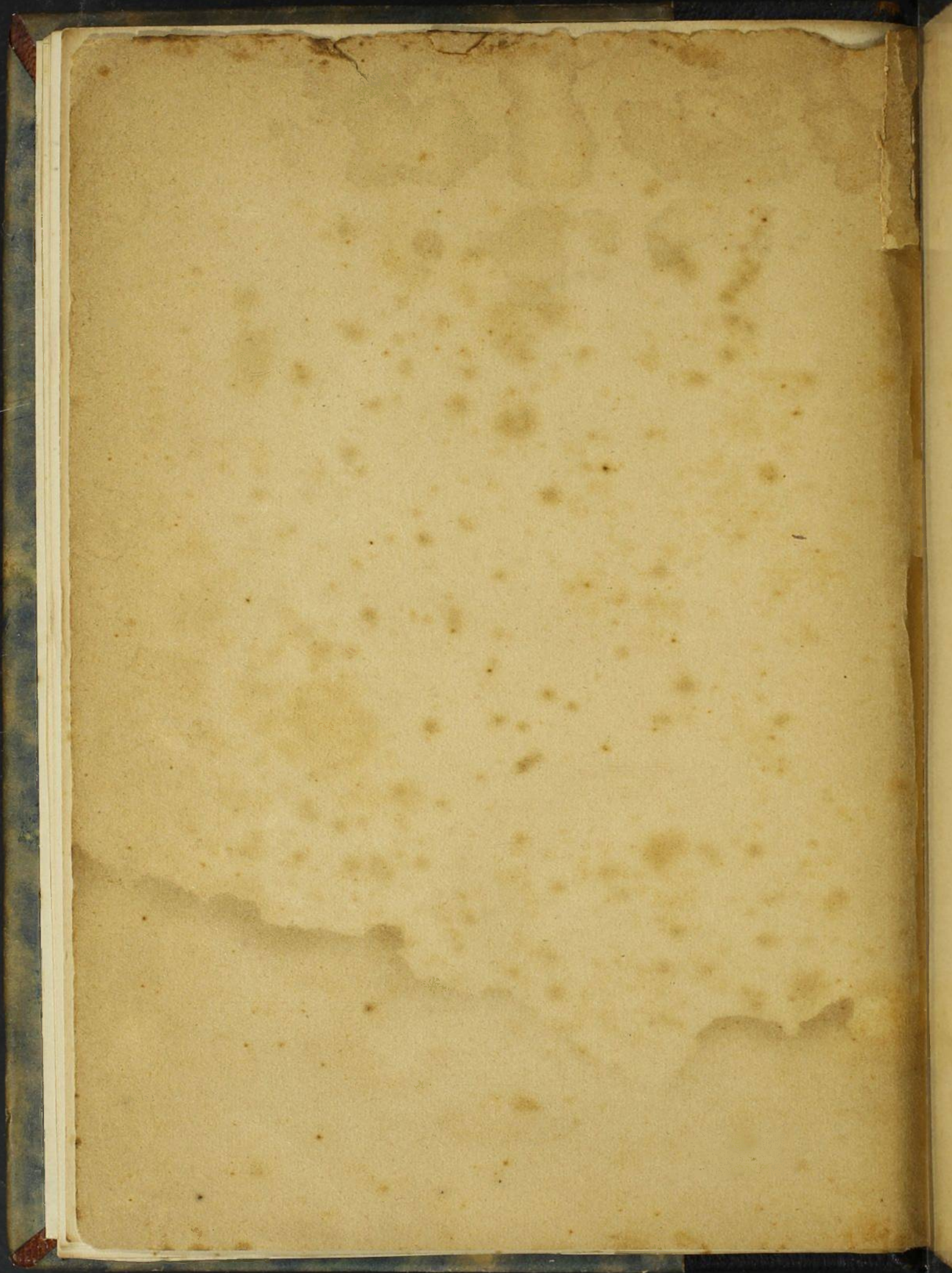
Floresta ^{de}
Exemplos



EDITORA ARQUISTA LIMITADA
Rua Xavier de Toledo, 216

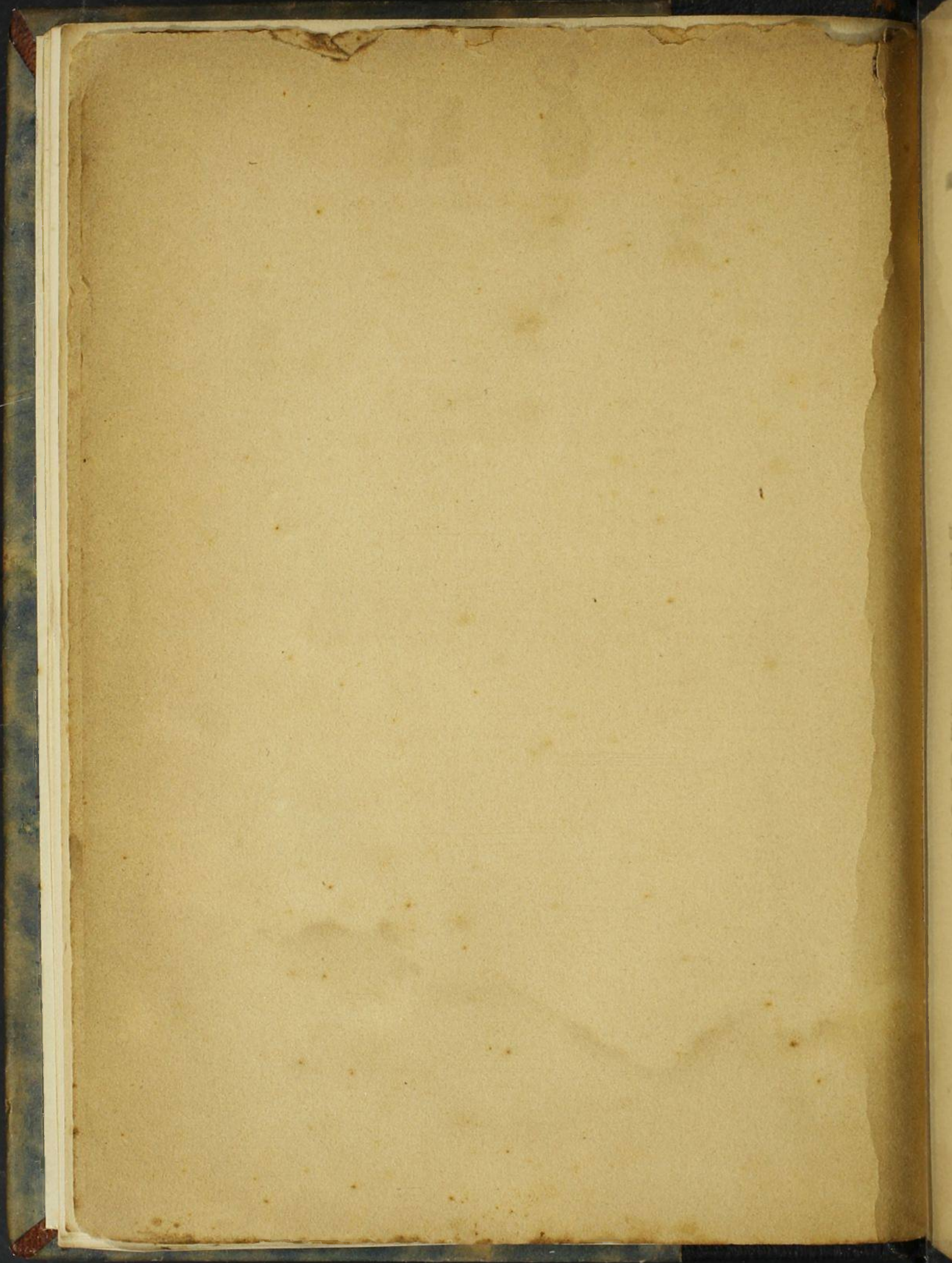


———— EDITORES ————
J. R. DE OLIVEIRA & CIA.
42, Rua S. José, 42
RIO DE JANEIRO
———— 1931 ————



A

Mucio Leão





Floresta de Exemplos

Costumavam os escriptores de outro tempo, quando lhes sobravam laze- res de ocio contemplativo, reunir em *Florestas e Silvas* (como lhes chamavam) os casos memoraveis que convinha perpetuar para deleite de sabios e ignorantes.

Tambem, eu que gosto de refluir á modestia das fontes, mais do que á soberba dos rios que estão a desaparecer no mar, consegui ajuntar com aturada paciencia uma selva aspera de exemplos que os tempos novos sepultaram em immerecido olvido. E propuz-me resussital-os sem embargo da parvoa ridiculez com que se acolhem as hervinhas humildes do meu inculto jardim.

Entendo que a gente nova, só por imprudencia desculpavel nos verdes annos, muita vez se mette a zombar dos antigos, sem respeito pelas barbas e pela ancianidade dos velhos que não se ha de desmentir sem grave offensa dos costumes.

Ora, os velhos e barbados doutores contam historias a que não se pôde de recusar o credito que merecem.

Sei que ninguem acredita em milagres, nem presta fé ás maravilhas que passaram.

Comtudo não é menos certo que aconteceram ou deviam acontecer.

Estavam na ordem divina do universo a fé nos assombros e os assombros propicios á fé.

E se hoje essas espantosas historias jazem como columnas derrocadas é que tempo houve em que desafiaram o sol e sustentaram os templos.

Convém recolher taes escombros ainda que seja ao ingrato silencio dos museus ou á precaria passagem das letras, porque a Summa Sabedoria na sua eternidade não distingue os dias que passam, não havendo para ella os enfados e o perigo de envelhecer.

Podemos acreditar ou descrêr, a negação e a duvida sendo gestos ephemeros, indignos da verdade que ninguem ousa descobrir, e que talvez não exista.

Só Deus o sabe. Como dizia Santo Athanasio: *Deus é um ou é nenhum.* Por onde se entende que é possivel negal-o ou crêl-o, comtanto que ninguem se abalance a multiplical-o como o fizeram os gentios; porque tanto é monstruosa uma creatura sem cabeça, como outra que tenha duas ou um cento como

acreditaram os mais avisados pagãos de Grecia e Roma.

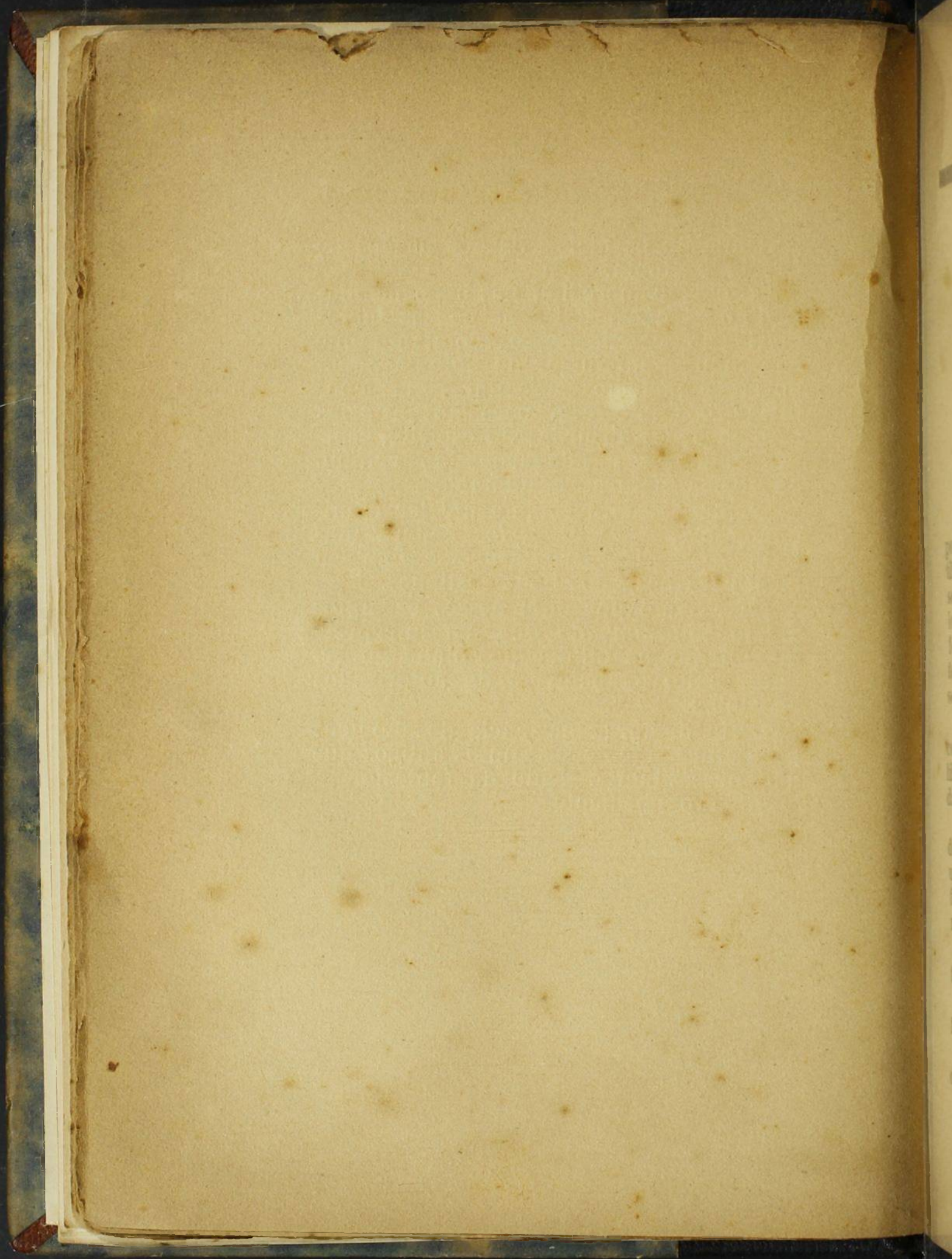
Podemos acreditar nas historias maravilhosas e em todas as cousas incrediveis ao entendimento, comtanto que não toquem no fulgor da Summa Sabe-doria; e podemos acreditar nellas conforme o ponto e a occasião proprias ás divagações absurdas do espirito, sempre salutaes e adequadas ao rythmo da logica natural e humana.


Quem desprevenidamente ler a minha *Floresta de exemplos* achará materia para riso e escarneo e tambem para edificação dos bons costumes.

Não falo por mim nesses exemplos e não sou mais do que um interprete inhabil que na minha glossolalia imperfeita repito as palavras de autorizados apóstolos.

Fio da larga paciencia dos homens para aturar-me nesses contos antigos que não necessitam o genio da fantasia.

Servo obediente.





● Vendedor de Passaros

Na pequena cidade de Spandavia, por uma tarde de Julho, á sombra das tilias, conversavam tres sujeitos, quando se acercou delles, interrompendo o dialogo, um vendedor de passaros, que offereceu a mercadoria cantando ou antes gemendo uma tristonha melodia que se tornou popular em toda a terra.

A cantiga do *Vogelhändler* dizia que com o vender dos passaros se vendia a liberdade. E quem não quieria a liberdade, o dom mais precioso do mundo?

Inquiriram os circumstantes da vida do misero mercador, que mais parecia um farricoco encapuzado a carrear defuntos que a levar a sua alegre e chilreante gaiola.

O vendedor de passaros contou então, a sua historia.

— Eu fui outrora um vendedor de felicidade.

Sorriram os que alli estavam recordando a panacéa que realmente o ven-

dedor apregoava, annos antes, pelas ruas de Spandavia.

— Era uma panacéa a felicidade que eu vendia, disse elle melancolicamente. Eram uns canudos de drogas e especies da India, que não davam a felicidade a ninguem e trouxeram afinal, a minha desgraça irremediavel.

E comtudo eu vendi innumeraveis canudos a um thaler de prata; e se o dinheiro bastasse para a felicidade eu seria feliz.

Quiz o destino, por seus secretos avisos, que ao passar pela rua dos Prazeres, a certo ponto della, senti um empurrão. E ainda que não fosse visivel a causa desse abalo, attribui-o a qualquer allucinação dos sentidos. Era aquella uma rua perigosa.

Relatei a minha mulher, a amantissima esposa a quem tudo contava, o estranho acontecimento. *São abusões.* disse-me ella, com boa sombra e com um sorriso, recommendou-me que não frequentasse semelhante logar de perdição.

De outra feita, no mesmo ponto, recebia eu outro empurrão. Não pude atinar com a razão desse aviso, se aviso era, das forças sobrenaturaes.

A terceira vez, que foi tres dias depois, no mesmo ponto e logar, recebi outro empurrão. Não pude conter-me e levando a.bem esse imprevisto sinal,

parei á porta da casa onde se realizava a surpresa e entrei por ella dentro. E afim de justificar a ousadia, lancei o meu habitual prégão : — Quem quer comprar a felicidade?

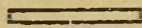
E, qual não foi o meu espanto a ver lá dentro, desenvolta, em desalinho, ainda com as roupas do leito, a minha mulher e o seu cúmplice e occasionador da minha desgraça...

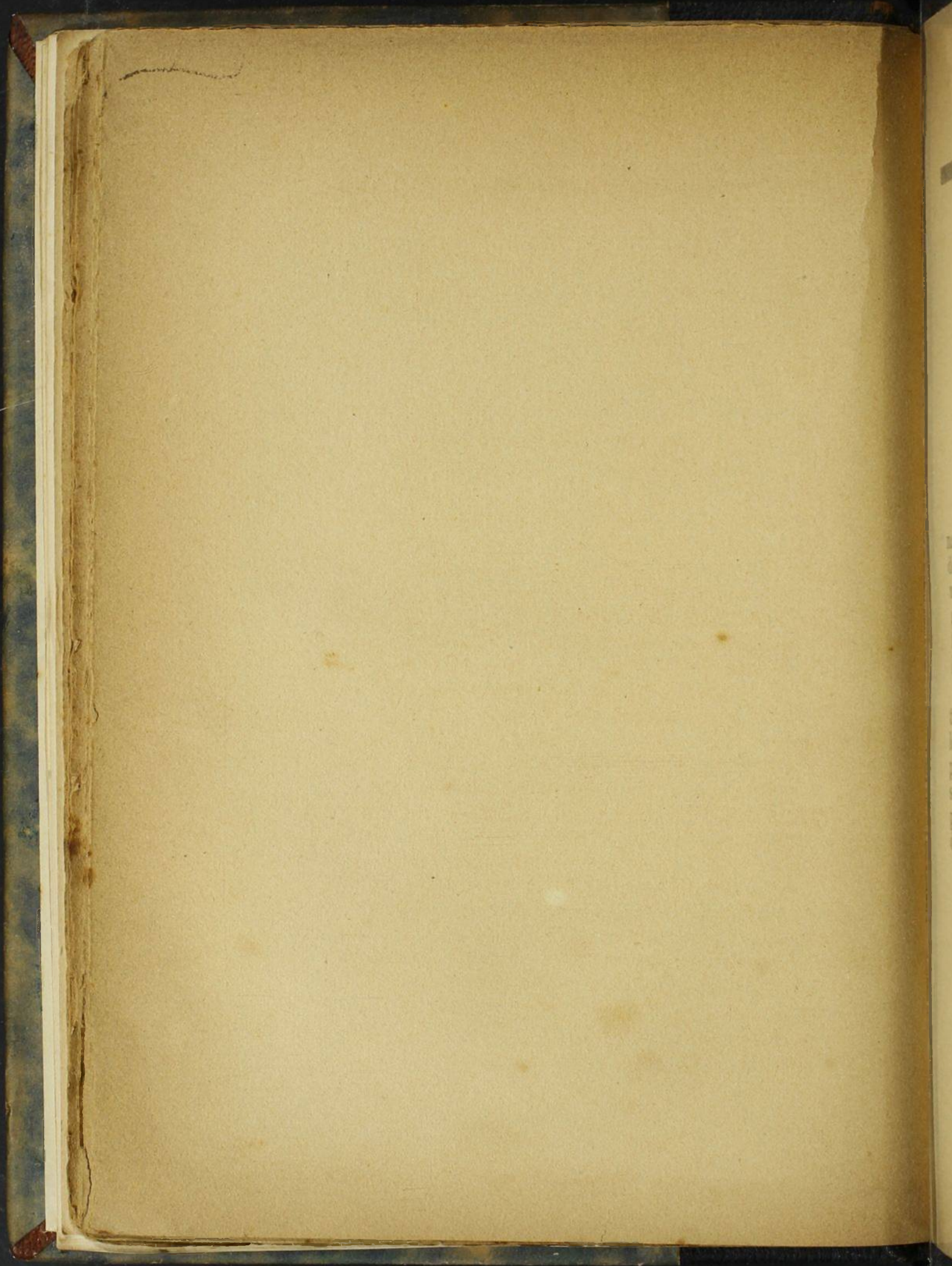
— E vendestes-lhes a felicidade?

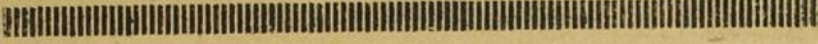
— Não. Desta vez vendi-a a mim mesmo, descobrindo a verdade que é a consolação dos desgraçados.

Por isso é, continuou o mercador, que vendo passaros agora, que o mesmo é que vender a liberdade. Já que não pude ser feliz, busquei a companhia dessas aves que nasceram livres».

Foram essas as palavras do vendedor de passaros de Spandavia.







O Hymno da Bactriana

Aquelle grande imperio da Bactriana, que veio cair nas garras olympicas de Alexandre Magno, estendia-se do Sino persico ao mar Caspio e fervia de gentes ociosas e desconcertadas que não tinham outra occupação que a da malediciencia.

A' phalange do rei Macedonico ajuntaram-se numerosos estrateges gregos levados pela ambição de riquezas e pelos proventos da pilhagem; e entre esses soldados extranumerarios contava-se o philosopho Philolaus, epicurista amigo de banquetes e de mulheres orientaes.

Foi assim que numa cidade a que Alexandre poz o nome de Bucephalia para honrar repartidamente o povo e o seu real cavallo Bucephalo de imperecivel memoria vivia o casal venturoso de um certo Izraim persa letrado e da sua esposa Prophtasia que um e outra cultivavam para deleite do espirito a philosophia grega.

Desde logo foi commensal de Prophtasia o philosopho Philolaus que não queria outra cousa senão approximar-se da prodigiosa belleza de Prophtasia para certas experiencias transcendentaes da *psyche* oriental.

A maledicencia, porém, de toda cidade não consentia que uma mulher pudesse entreter-se innocentemente com outro homem que não fosse o esposo, e a esse cabia por direito legitimo matar a ambos se os encontrasse em colloquio.

Como evitar, pois, o dialogo suavissimo de Philolaus com a formosa Prophtasia sem desafiar a lingua viperina de toda Bucephalia e até de todo o imperio da Bactriana que se estendia do Caspio ao Sino persico?

O esposo Izraim, de Prophtasia, lançou mão de engenhoso recurso e, fiando tudo da esposa, disse-lhe que não a queria matar a ella nem ao meigo Philolaus, o estratege epicurista.

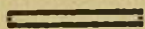
Ficou, pois, assentado que o esposo ao entrar em casa daria um signal de voz estentorea, um alarme que despertasse a attenção dos dous amigos espirituaes, para não affrontar a opinião bactriana, excessivamente escrupulosa nesta materia.

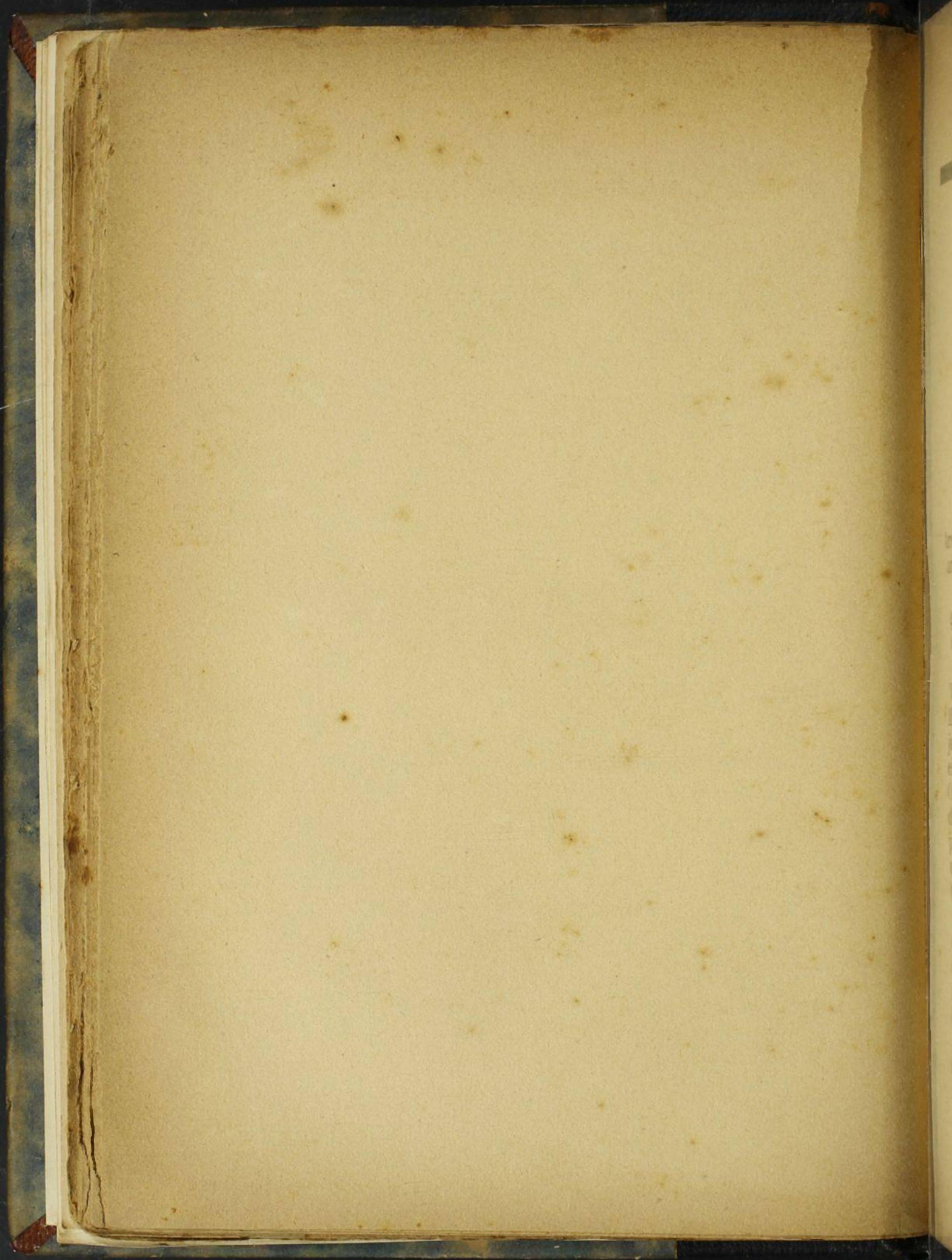
Assim é que Izraim pela volta do dia, á hora da sésta, ao entrar em casa, cantava com estrondo incomparavel o ruidoso hymno nacional da Bactriana:

-- *Tarará-txim! tarará-txim! tarará-txim! bum!*

Desde logo, ao formidável estampido que abalava toda a casa serenava tudo, compunham-se a ethica e a philosophia, e Philolaus desconsoladamente se esgueirava pela porta dos fundos.

— É' mister (dizia Izraim com os bofes offegantes) respeitar a opinião pública e evitar o escandalo da Bactriana cujo imperio e maledicencia iam do Sino persico ao mar Caspio.







Acerca da Nudez

Ha muitas falsidades semeadas entre os homens, que os atormentam e lhes arruinam a vida e a salvação.

E a maior dellas é sem duvida a guerra á formosura das mulheres mal enroupadas.

No seu tratado da «Peste» João de Viena, de França, escreveu de certa mulher que quando tirava ou abaixava o justilho, por ordem do medico, despedia ella dos seios faiscas encendidas de fogo. Os mais timoratos discipulos que o ajudavam naquella terrivel calamidade, tapavam os olhos e voltavam o rosto, salvo um ou outro mais animoso e mais interessado no diagnostico da doença.

Por esse tempo que era o da guerra dos cem annos não se conhecia a electricidade, mal entrevista na fulminação dos raios celestes. O doutor João de Viena lobrigou no caso qualquer fluido divino.

A verdade é que os doutores do tempo faziam experiencias e ordenavam

ás pacientes criaturas, ás mais formosas que despissem o justilho e as levavam a um lugar escuro, aonde a luz do sol não poderia empecer aquella maravilha da sciencia.

Preoccuparam-se os theologos com essa manifestação que a elles pouco propensos á physica parecia uma emanação diabolica.

O incendio, comtudo, continuava nas graves discussões, como nos seios das miseras victimas do flagello.

Mas, a principal fagulha era a da belleza que punha tontos, assim os sabios como os supersticiosos.

Essa é a fascinação que desorienta e arruina os homens frageis e depravados.

Assim, pois, diante dos costumes ficaram approvadas e justificadas aquellas mulheres que se enfeitam e encobrem todos os seus inchados encantos com fulgentes braceletes, arrecadas, colletes, gargantilhas, chuveiros e se occultam sob as zebelinas e arminhos, martas, alambres, perolas e camafêos; porque melhor é que se perca a bolsa do que a honra.

Sob esse mundo reluzente de elegantes ornatos, já não despedem outras faiscas que as dos cristaes e das joias, e assim sob um fogo theologico de artificio se esconde o outro fogo impuro e infernal.

Vem a ponto o caso de Olympia mulher do poderoso rei Filipe da Macedonia que queria guardar para si o esposo e não temia grangear todos os meios de seducção apropriados ao seu virtuoso intento.

Chegando aos ouvidos da rainha que era calumniada uma mulher de haver propinado tisana ou feitiço ao marido (tanto este se abrasava em ciumes) mandou que viesse á sua presença afim de verificar a verdade do que lhe imputavam.

O que logo se fez.

Examinou Olympia longamente a mocinha e inquiriu-a a respeito da atarada que então corria, e de que feitiço se valera para apaixonar o marido (com o interesse com que por sua vez a rainha esperava tirar proveito no seu amor a Filipe).

E percebeu que a calúnia era vã.

— *Vadeant calumniæ (disse ella) ipsa tecum venenum habes*». (1)

— Vão-se embora as calumnias que és tu mesma que tens em ti o veneno.

E o que tinha a mulher calumniada?

Tinha a nudez, isto é, a falta de todos adornos, dos caros e preciosos artificios que encobrem aquella fagulha que

(1) Disse-o em grego. Mas quem sabe grego hoje em dia?

vira, seculos depois, o sapientissimo doutor João de Viena.

A rainha mandou que a vestissem e a arreiassem de joias e finos tecidos. Comtudo, pensando no esposo, desterrou a victima para a longinqua cidade de Megara onde numerosos inimigos apostaram tirar a vida a Filipe.

Se meditarmos nos graves doutores a quem devemos dar todo o credito, para encobrir o seu lado satanico é que as mulheres buscam o fulgor das joias e dos vestidos o qual é o mesmo da virtude.

Com essa intenção pia (e não com outra malevola) é que as damas virtuosas se aparelhavam para o exercicio da fidelidade.

Hoje a perversão dos costumes põe á mostra a fagulha infernal.



Só a vista faz fé

Nunca me ha esquecer o caso do Florentino que se tornou meu inimigo em circumstancia e occasião que não posso explicar.

Socorro-me de um dito do veneravel D. Frei Bartholomeu dos Martyres que tomando parte no Concilio Tridentino promoveu o casamento dos padres e julgando perdida a causa (como de facto succedeu), ainda pediu uma excepção:

— Ao menos para os de Braga!

Os clerigos braccarenses pareciam ao santo arcebispo exemplos de escandalo e da mais reverenda relaxação de costumes.

Tinha razão o virtuoso prelado, porque o caso de Florentino vem mais uma vez confirmar a luxuria da clerezia de Braga.

Mas, voltemos ao nosso conto. Tinhaemos Florentino e eu e outras pessoas desconhecidas, tomado a diligencia de Braga aonde o meu amigo e companhei-

ro ia terminar os seus estudos canonicos, abrir corôa e receber ordens sacras.

A diligencia ao anoitecer parou junto a aldeia de S. Fructuoso onde alguns saltimbancos haviam levantado um circo para os seus espectaculos.

Aproveitamos Florentino e eu esse repouso forçado para gozar a diversão daquella feira de pelotiqueiros.

Entramos. A funcção ia já adeantada quando o mestre daquella farça annunciou: *A linda Venus!*

E ella chegou, a Venus do circo, realmente bella ao menos para nós viajados e moidos pela monotonia longa das estradas.

A — *Linda Venus* — fez as suas medidas sob o ruidoso applauso da assistencia.

Bati palmas. Florentino absteve-se dizendo que aquillo era o peccado e o instrumento do demonio para a perdição das almas.

A — *Linda Venus* — subiu ao trapezio com aquella graça que lhe emprestava o pouco panno que havia nas suas vestes...

Em certo ponto, cedendo a uma flexão sinuosa e violenta a luva (que não era outra cousa) que a vestia toda se rasgou e appareceu aos olhos de toda gente a boqui-negra cova donde desde Eva sae a humanidade e o seu formigueiro...

— Não olhe! disse-me Florentino. Vamos-nos, já e já!

Realmente sahimos com alguma precipitação, embora estivesse eu curioso de ver o resto.

Florentino cahiu com febre tres dias em que delirou e esteve ás porta da morte. O ultimo dia em que o vi, achei-o abatido a tiritar, com escuma na boca, a babar e a babujar orações e ensalmos.

Emfim, deixei-o na sua tristeza que parecia incuravel esperando que o tempo o refizesse daquelle transe de melancolia.

Dous annos depois estando eu aos banhos na praia do Espinho, vi surgir das ondas, quem havia de ser? o Florentino e uma formosa mulher.

Apresentou-m'a,

— Minha esposa! disse elle.

Comprimentei a senhora e, como acordassem as minhas reminiscencias, vi que era a *Linda Venus* do circo de São Fructuoso.

Era ella, de certo, descontadas as côres e tintas da comediante; hombros e seios admiraveis membros graciosos e flexiveis.

Para ainda certificar-me com o olhar medi-a de alto a baixo e como talvez por inadvertencia o meu olhar se fixasse em certo sitio que foi a causa primeira da felicidade conjugal do meu

amigo, senti que violentamente me puxavam o braço.

Era o Florentino que com olhos encarniçados, concupiscentes e iracundos, me reprehendia com aspereza, dizendo:

— Não é o que o Senhor cuida!

E acrescentou:


— Estão cortadas as nossas relações!

Lamentei que não abrisse corôa nem tomasse ordens aquelle que entrou destinado a ser um vaso insigne da christandade, talvez um bispo, talvez um santo.

Não ha peor occasião que a de ver, como viu Florentino.

S. Basilio, o grande, na sua famosa homelia aos moços advertiu-os do perigo, lembrando que Alexandre aprisionando as filhas de Dario, por serem formosas, « não as quiz ver » *oudè êxiôse prosidein*.

Bemaventurados os cegos.



Um Philosopho

— Que posso eu mais esperar? Alcançado em annos, cheguei ao termo da vida, dizia o philosopho Synesius, que, sem embargo de ser christão, era da seita dos *acataleptos*, gente negativa e pyrrhonica.

E, ao passo que o dizia, tomava o caminho de um *suburbanum* que é o que nós chamamos hoje uma quinta, que recebera dos avós em alongada herança de familia.

— Sim, dizia elle entre si. Não tenho mais que essas arvores antigas que são como tantas outras sombras remotas da mocidade.

E chegando á quinta perguntou ao caseiro que esperanças lhe daria a colheita proxima. Onde estão os frutos dessas arvores com tanto mimo tratadas?

— Senhor, disse o pobre homem, as arvores estão cansadas e velhas e já nada produzem. Não tenho culpa, senão o tempo que as arruina e destróe.

Synesius então considerou no irreparavel damno que corróe e anniquila todas as cousas.

E vendo ao canto do jardim um velho homem acabado e entristecido, com as longas barbas nevadas que lhe faziam refrigerar o rosto, nelle reconheceu um antigo companheiro de infancia Philisto, creado da casa em que nascera.

A sua vista foi como uma advertencia e fiel espelho que tinha deante de si e logo agradeceu aos deuses aquelle aviso: *quod mea senectus apparuit.*

Era a velhice que se lhe antolhava para onde quer que lançasse o olhar desenganado.

De regresso a Roma começou o philosopho a escrever o tratado, que se tornou famoso, acerca dos ultimos Novissimos da soberba juventude.

Por esse tempo abalava a cidade como se fôra terremoto a presença e fama de um physico grego que trazia do Egypto uma sciencia nova qual era a de ensinar o segredo da mocidade eterna.

Encrespavam-se de contentamento as rugas dos anciães decrepitos e havia um sorriso profundo nas desdentadas bocas da senilidade esperançosa.

Accorria uma multidão tropega e sequiosa ardendo por aquella renovação do mundo.

E succedeu que um curioso perguntou a Synesius se acaso não se aproveitaria da consoladora circumstancia.

— Não! disse tranquillamente o philosopho; não e nunca! A promessa é grande de mais para que eu acredite nella. Presentira Aristoteles que certas pedras preciosas que chamou *apyroticas* têm o fulgor das brasas, mas não queimam. Eu estou ficando apyrotico. Demais, a velhice tem os seus prazeres e os seus methodos proprios e immortaes.

Não venderei a minha quinta com suas arvores, murchas embora, para comprar um tal e tão seguro desengano.

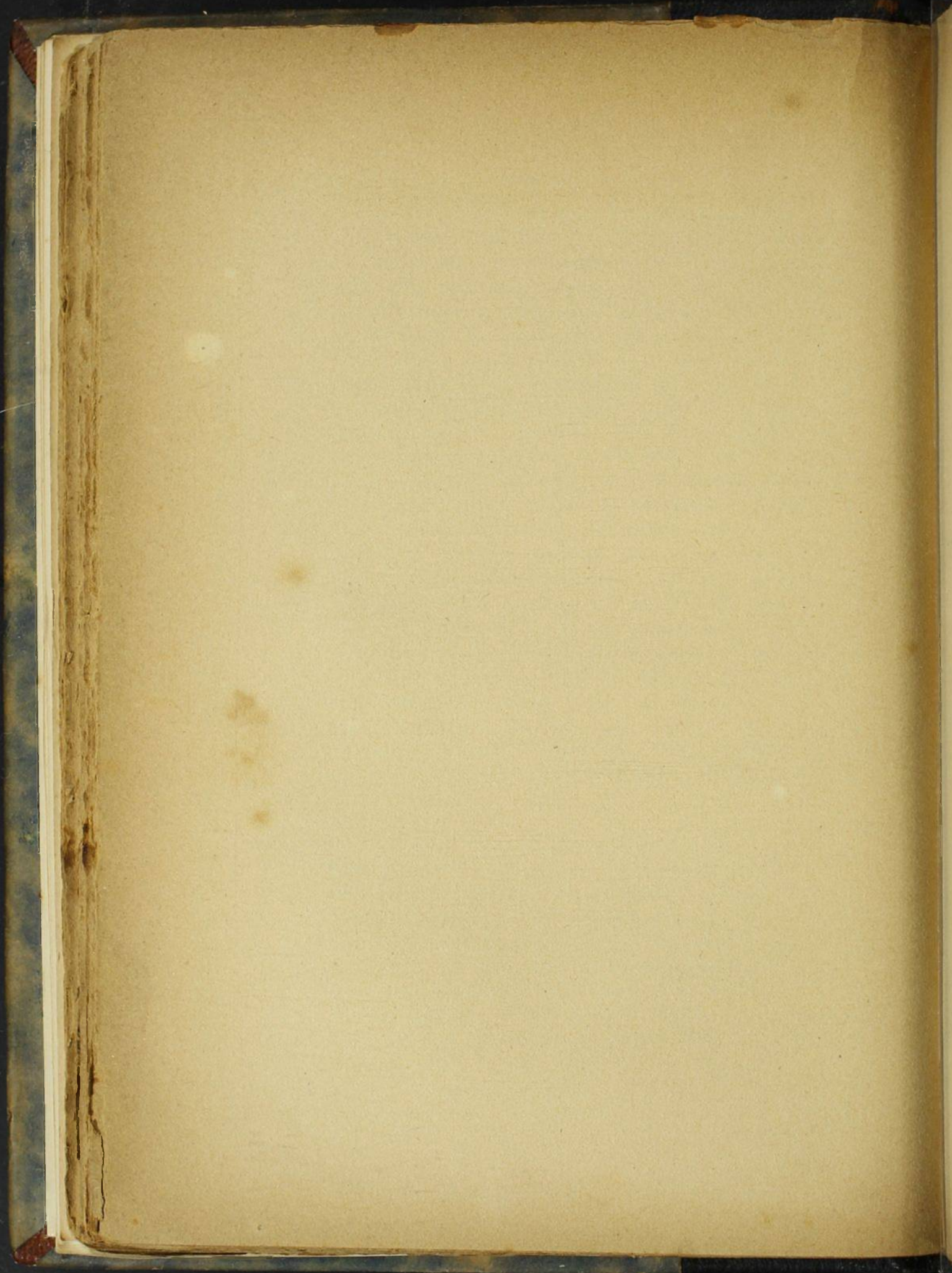
E accrescentou pausadamente: Ide ao vosso physico se vos apraz, Eu fico com a sciencia velha que é a unica que eu sei, desde as desordens da minha juventude. Quero levar desta vida um só e não dous Synesius, porquanto um unico bastará para os tormentos do inferno.

E assim foi que o famoso philosopho se achou preparado quando chegaram as calendas de Outubro que foram as da sua morte.

* * *

O Dr. Gronovius, a que nos temos referido mais de uma vez, assevera que Synesius secretamente visitou o physico e conheceu *in anima vili* a sciencia egypcia. Póde ser que sim, sendo infinitas as contradições humanas.

Póde ser que não, porque elle era um verdadeiro acatalepto e passou o melhor da existencia a negar e descrer dos homens.



A Mentira do Judeu

No anno de 1593 estando em Olinda o licenciado Heitor de Mendonça, Visitador do Santo Officio foi denunciado á sua presença um velho adelo e roupavelheiro de nome Gil Gomes, accusado de judaismo.

Declarou Gil Gomes que era christão velho, natural de Almeirim, observante da fé de seus paes e que muito joven viera do Reino para a Bahia e ahi servira de sacristão do bispo Dom Pero Fernandes Sardinha a cujas abas e protecção vivera por dous ou tres annos.

A este ponto, o Visitador que tomava apontamentos para o seu *Tratado sentencioso moral e descriptivo do Brasil*, interessado pelo depoimento, perguntou se effectivamente o bispo tinha sido comido pelos cahetés.

— Pelo contrario, disse o velho Gil Gomes; o bispo não foi comido e até foi elle quem comeu...

— Mentas, miseravel judeu! Como podes affirmar semelhante cousa? Morrerás a fogo se não falares verdade.

Mas, reflectindo nos apontamentos do seu *Tratado sentencioso* animou o judeu a dizer tudo o que sabia.

— Senhor Visitador, eu estive no naufragio da nau — *Nossa Senhora da Ajuda* — que se quebrou nos parécis do Coruripe. Os naufragos fugiram e ficamos em terra, apenas dous, o bispo e eu. Haverá mais de cincoenta annos que isso foi, e é bem possivel que minha memoria enfraquecida commetta algum desfallecimento.

— Prosegue, ordenou o Visitador.

— Ficamos os dous, e realmente seriamos comidos dos cahetés, não fosse uma inspiração minha que lembrei ao Bispo a conveniencia, naquelle transe, de dizer uma missa. E assim se fez.

Armamos um tosco altar, alçamos uma cruz feita de lenho da floresta e o bispo rezou a missa que suppunha ser a ultima do seu mister. Mas qual não foi o nosso espanto, vendo o gentio ajoelhado, mudo e contrito, deante do santo sacrificio. As proprias aves em torno entoavam louvores ao Senhor.

Estavamos salvos!

O cacique Teju-guaçu desde então se tornou o maior amigo de Dom Pero, a quem fez particulares obsequios e deu-

lhe para o seu serviço a gentil e formosa Ganumbi, a flôr da taba caheté.

Ao santo cresceram-lhe as barbas que a indiazinha anediava docemente, quando num dia de fortes calores, Dom Pero tentado do demonio, chamou a si a liha Ganumbi e comeu-a a dentadas...

-- Mentos ainda, miseravel judeu! Clamou o Visitador indignado; mas pensando nos apontamentos para o seu *Tratado sentencioso*, ordenou ao judeu que proseguisse.

— Realmente (continuou o judeu) eu nada vi por meus olhos, mas vi que todos os indios gritavam:

— O *abará* comeu a india! *abará* comeu Ganumbi!

E já aprestavam a desforra. As velhas dansavam e punham a ferver o *cauim* para banquetearse nas gorduras do santo homem. Dom Pero arrependido, consternado, em lagrimas, de sua propria mão foi buscar a *tangapema* especie de clava com que havia de ser abatido, sacrificio pequeno para o seu grande erro.

Foi neste ponto que chegou Teju-guaçu, o cacique, que dando um pontapé nas igaçabas de cauim livrou Dom Pero da morte.

— O *abará* é meu amigo, disse o cacique. Não faltarão por ahi outros *Perós* para serem comidos.

E como eu era o unico *Peró* (assim chamam elles aos portuguezes) que alli havia, dei á perna quanto pude e vim parar á Capitania de Pernambuco.

Aqui acabou o depoimento. Gil Gomes foi remettido a Lisboa, como judeu mentiroso, negativo e relapso, para os carceres da Inquisição. ⁽¹⁾.

—

⁽¹⁾ Daremos mais tarde o parecer do Doutor Balthazar dos Santos, theologo conimbricense, sobre o Tratado sentencioso, moral e descriptivo do Visitador e sobre o embuste do judeu.



A Solidão

Aquelle que tem a alma atormentada de angustias ainda peores que a morte, só elle pôde comprehender a alegria melancolica da solidão.

No quarto seculo do christianismo, aquella era tempestuosa de heresias e de cruentas disputas dos mysterios da religião nos synodos, nos concilios entre bispos e archimandristas facciosos, cresceu no coração dos homens de verdadeira fé o desejo de apartar-se do mundo fugindo-lhe as vozes deleterias da vaidade e da hypocrisia.

Ninguem tanto como um pobre cenobita. Simeão, sentiu esse doloroso anseio de apartamento e de solidão.

Pouco lhe poderiam servir os *oasis* do Egypto por aquelle tempo presidio escolhido para criminosos e rebeldes.

Simeão por si mesmo escolheu o deserto que lhe convinha, nas terras sagradas da Palestina, ao longe de Jerusalém. Alli a principio habitou uma *laura*, como lhe chamavam, especie de al-

deia de monges e ascetas separados em cabanas esparsas como ilhas de desolação e de morte.

Mas, fôra ainda pouca a solidão.

Logo viu que era pequeno e mesquinho esse facil sacrificio. Ainda alli havia seres e vozes humanas que lhe entorpeciam a perfeição.

Foi mais adeante. No seio do deserto, em longinqua paragem, construiu uma torre ou columna sete covados acima da terra e em cima della fez uma habitação solitaria sem paredes e sem tecto, a qual era como o uniho da aguia, sobranceira ao crepitar do mundo.

Seria essa a solidão que tanto o fazia clamar: *super omnia solitudo?*

Sim, elle estava acima das cousas e não conhecia alli outras vozes que a dos elementos do ar quando agitados e revoltos.

E alli viveu, alto, amarrado a um poste, vacillante na tempestade, bebendo a agua do céo, desprendido, mortificado e todavia sublime.

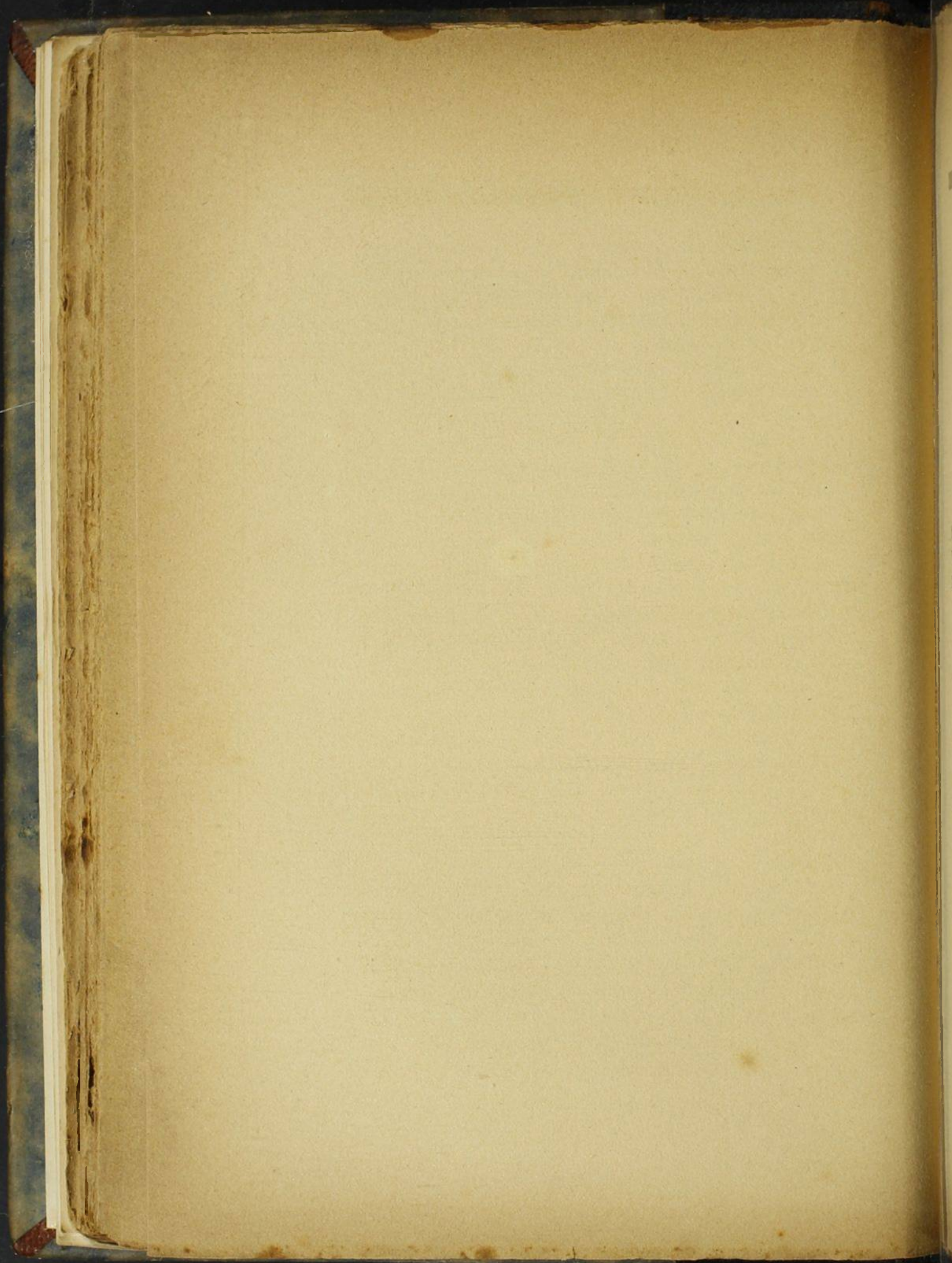
Tal era a fama e o clarão das suas virtudes que um dia o buscou a imperatriz Eudoxia, a mais infeliz de todas as rainhas do mundo, afim de ouvir-lhe algumas palavras de consolação.

Não lhe negou Simeão o *estilita* (assim o chamavam da columna a que havia trepado) o balsamo e o conforto procurado.

Mas, como era e se sentia pouco um habitante do mundo, recommendou á Imperatriz que ouvisse de um santo sacerdote as vozes que perdera já e não sabia pronunciar.

Até nesse mister desejava elle a solidão, sempre e cada vez mais a solidão.

Numa noite de tormenta em que os ventos mais fortes ululavam, desapareceu a columna e com ella o santo na inensidão do deserto.





Geminæ Columbæ

Nem sempre são para louvar as resoluções promptas a que não preceda a vontade de acertar com o verdadeiro caminho.

A hesitação nem sempre é fraqueza mas discreto receio diante dos erros e dos perigos.

Sirva de exemplo a longa vacillação que teve um certo cavalleiro, cidadão de Ferrara, de nobre e antiquissima estirpe, que se viu solicitado ao mesmo tempo por duas insignes formosuras do seu tempo. Eram, como elle, damas gentilissimas, cheias de piedade e de virtudes.

Não sabia o cavalleiro como decidir-se entre as evidentes prendas de uma e de outra.

Não quiz tambem decidir-se por não sentir que a vocação conjugal se patenteasse em sua consciencia.

Apostaram-se as duas beldades em vencel-o, qual mais carinhosa e affecti-

va, qual mais cheia de enfeites que lhe dobravam a natural seducção.

A ambas resistia Enochio, assim se chamava o nobre ferrarez, hesitando na escolha, por ventura já predestinado a outro designio occulto.

Quando por acaso abrindo o poema de Virgilio que era então costume consultar como se fosse o oraculo das Sibyllas, leu os versos em que Eneas guiado por duas pombas achara o caminho dos Campos Elyseos,

*geminæ columbæ
...cœlo venere volantes.*

E esta foi a chave do seu annuviado hieroglypho.

Eram aquellas formosuras as suas pombas que o deviam guiar na verdadeira jornada.

E assim foi que recalçando, o sentimento ou a paixão, entrou para o convento, renunciando aos deleites deste mundo.

Antes de tomar o habito, escreveu ás duas donzellas estas linhas:


«Se eu vos deixasse uma pela outra ou ambas por differente objecto do meu amor, terieis sobrada razão para censurar o meu desvario. Mas, deixando-vos por amar e servir a Deus, vós mesmas sentireis a justiça da minha preferencia».

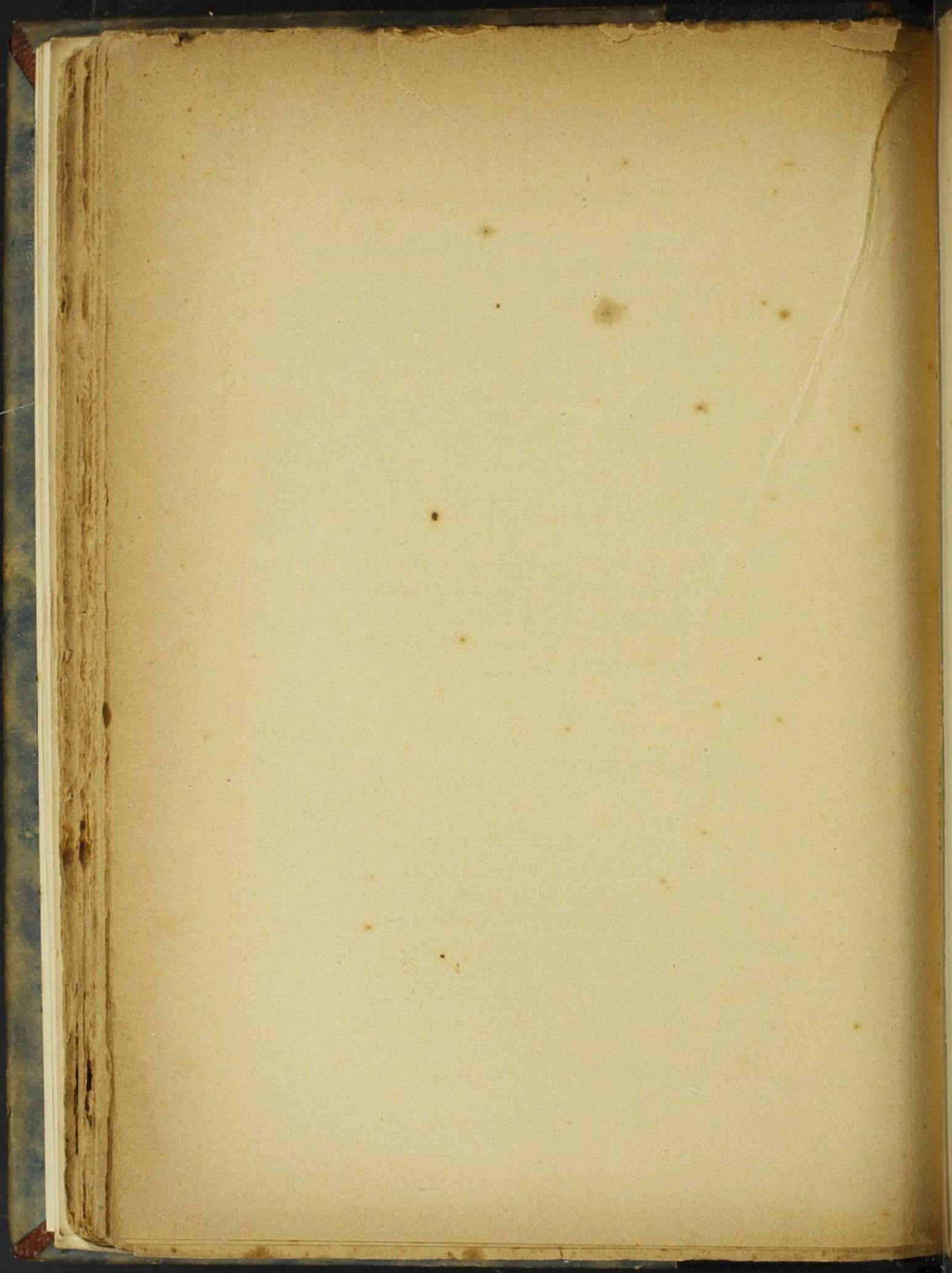
Eram meigas e piedosas as duas

pombas que logo em poucos dias acharam nobilissimos pretendentes.

A «sorte virgiliana» que era assim chamada essa arte divinatoria que as almas atormentadas buscavam na épopeia de Virgilio, coincidiu ainda uma vez com o texto não escripto dos livros santos, os quaes falam por todas as boccas e sabem aclarar o mysterio mais recondito das almas, trocando os amores ephemeros pelo amor eterno.

Parece que nocturnamente as duas pombas visitavam aquelle egresso do mundo. Mas, devia de ser em sonho ou na realidade, ambas as coisas naquelle tempo confusas e indistinctas.







A Gallinha Branca

Contam as chronicas facetas que se publicaram, não sem grande escandalo, em Norimberga, a historia do professor Gotlieb que vivia sempre jejuno de todas as cousas que não fossem as satiras de Juvenal de que deixou um erudito commentario perpetuo em seis livros.

Que lhe importava o mundo? — essa satira de máu gosto (dizia) sem ordenação metrica, sensaboria quotiana com o mesmo estrambote diario das chatezas conjugaes.

A mulher, um dia, já em artigo de morte, chamou Gotlieb e disse-lhe:

— Não terei mais uma hora de vida e aproveito, meu amado esposo, esses minutos tremendos para fazer-te uma confissão:

— Dos dez filhos que tivemos, continuou ella com voz lamentosa, nenhum é teu. O pae do mais velho é o teu collega Deusdedit, o outro é do estudante

Deodato, o terceiro de Theodoro, teu melhor amigo e o quarto é de...

Não pode dizer mais e expirou.

Não se deu por achado o velho professor que não quiz guardar por muito tempo a duvida e abrindo ao acaso deixou que a mão da moribunda deslissasse pela pagina até estarrecer hirta no logar que dizia: *albae gallinae filius*, o filho da gallinha branca.

Colheu esse admiravel presagio que predestinava o quarto filho a grande fortuna.

-- Esse é talvez meu e saiu grande latino.

E neste sentido, mudados os nomes, fez uma comunicação á sociedade scientifica dos avicultores da imperial cidade da Moguncia.

Mandou dizer uma missa por aquella alma gentil que não quiz desenganallo guardando para o amantissimo esposo as consolações generosas da duvida.

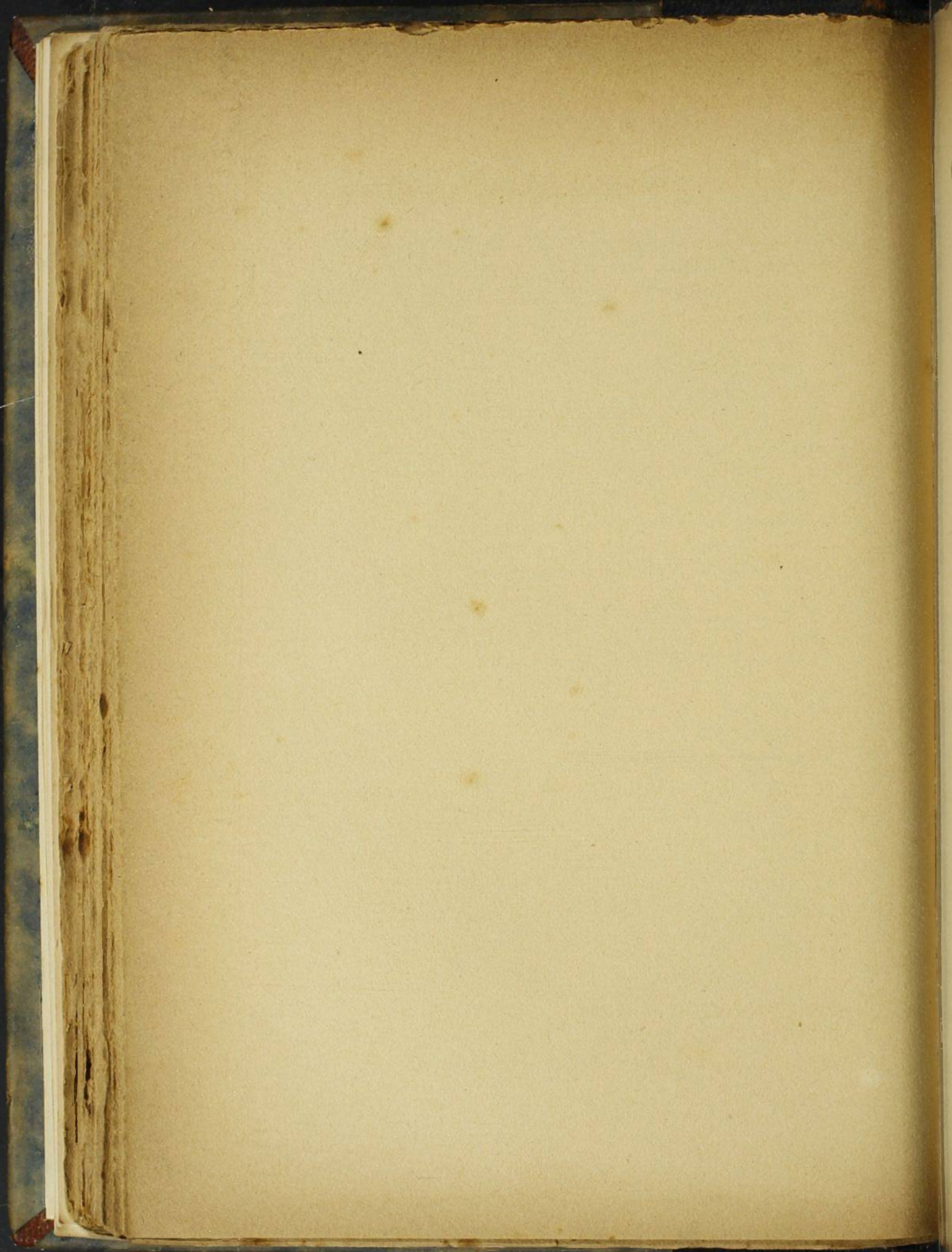
E parece que teve razão, porque o quarto filho, Deodoro, (todos obra de Deus) ao cabo de alguns annos, refundiu Aulo Persio o mais difficil de todos os satiricos latinos e explicou as passagens mais obbscuras da paternidade no direito romano.


E de tal arte e com tamanha fortuna o fez, que os contemporaneos e os posteros o alcunharam de *Filho da gallinha branca*, caida do bico de uma

aguia jupiterina sobre o telhado do professor Gotheb.

* * *

O theologo coimbrão, o licenciado Balthazar dos Santos (a cujas luzes temos sempre recorrido) acha que essa historia é uma allegoria dos tres casamentos principaes dos romanos: o de uso (*usus*) o do bolo de farinha (*confarreatio*) e o da compra (*coemptio*), podendo-se ajuntar o quarto que é cumulativo e de todos os tempos e é o do Deus dará quando é servido, Amen.





O Novo Esopo

Na floresta visinha de Cenci Assisa, no tempo de São Francisco de Assis, tal foi a maravilha das predicas do santo que os animaes perdendo a ferocidade dos instinctos abraçaram as leis divinas e humanas que governavam o mundo.

Não foi muito de espantar que a Raposa constricta e arrependida dos seus maleficios passados procurasse um confessor que por acaso acertou de ser na floresta de Assisa Frei Barnabé, franciscano cuja virtude e misericordia alumiam em torno aquellas brenhas.

Acolheu o frade com grandes mostras de piedade a astuciosa Raposa que como foi dito, propunha emendar-se de seus antigos erros.

— No tempo de Esopo, propoz o frade suavemente, tu enganaste o Bode descendo com elle a um poço para desalterar a sede.

— E' certo, meu padre.

— E logo depois, tu, Raposa, para sahires do poço trepaste sobre os cornos do bode e saltaste para cima deixando o misero companheiro em afflicção extrema condemnado a não brotar da cisterna. Foi isso a mesma cousa que o matar sem compaixão como o pedia a amizade fraternal que juravas.

— E' bem verdade, meu padre. E desde o tempo de Esopo arrependo-me dessa fraqueza e desse crime e por isso vos busquei esperando que me absolvais...

— Não chega a tanto o meu poder para redimir tão aleivosa traição, disse o frade.

Está escripto que irás para o inferno.

E o Altissimo não perdoa as traições do homem quanto mais as das brutas feras.

Estiveram algum tempo calados o frade e a Raposa, sempre engenhosa nas suas manhas...

— E lá no inferno, regougou enfim a Raposa, não é verdade que lá moram os demonios?

— Certamente, é lá a casa do diabo e da sua legião infernal.

Calou outra vez e tomando a mão:

— Bem, disse a Raposa: Para lá irei com alguma esperança. Se é verdadeira a pintura que conheço dos demonios, são todos elles chifrudos...

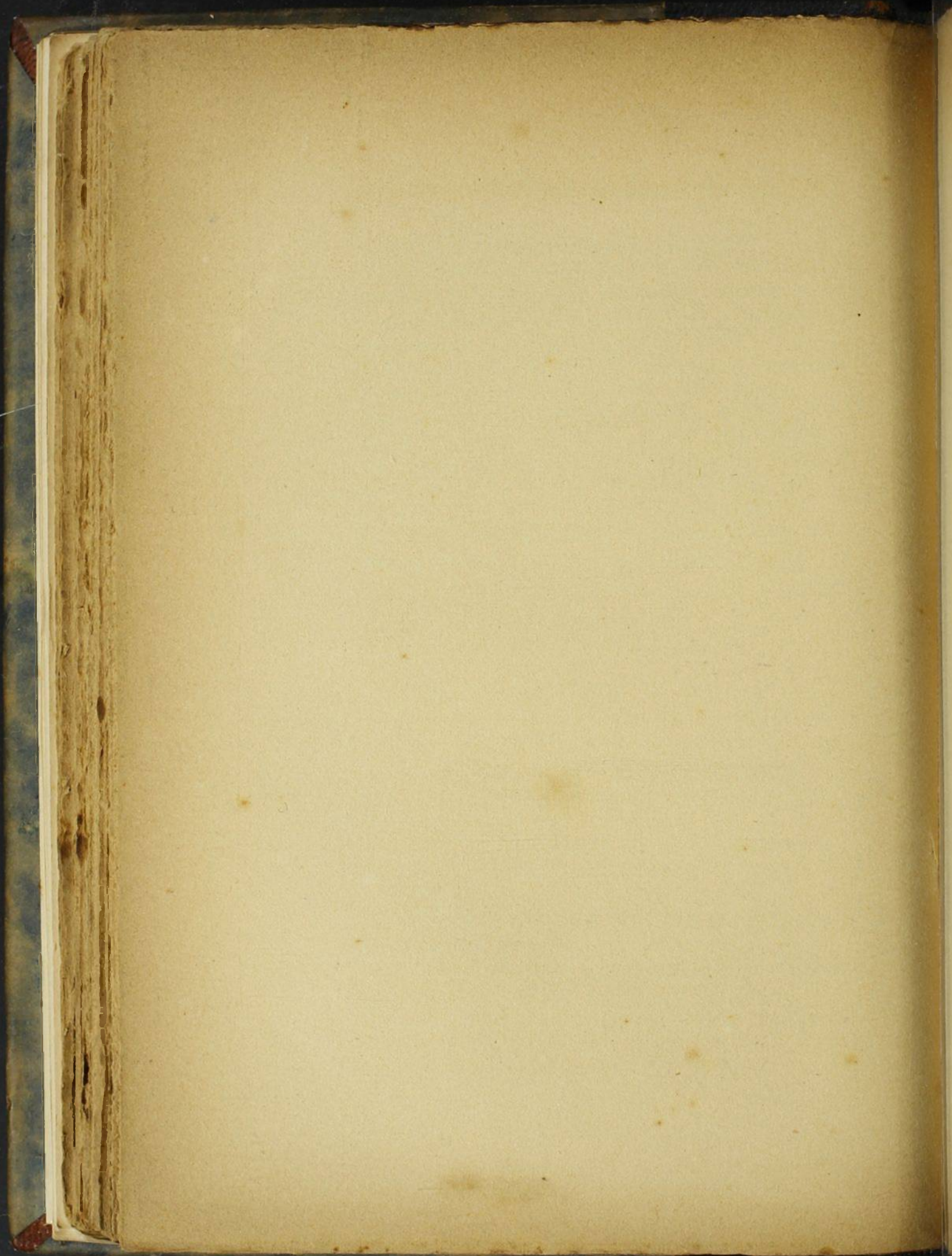
— E o que farás? perguntou o frade.


— Farei como referiu Esopo. Tenho ainda algumas forças e trepando naquelles chifres tentarei outro pulo.

O frade esteve a meditar por algum tempo, e depois disse suavemente.

— Estás absolvida, irmã Raposa. Não é bom que enganes o diabo e muito menos que leves a tua sciencia de enganar ao antro de Lucifer. Podes applicar a tua astucia no serviço de Deus e dos homens. Assim o fizeram muitos varões virtuosos e talvez santos que galgaram a fortuna sobre os chifres incautos.







Griselda

Uma das mais commoventes criações da poesia christã é a do typo feminino de Griselda.

Antes de Christo, havia o exemplo de submissão e humildade do santo Job, como nol-o pintam os antigos livros sagrados.

Não havia, porém, a mesma grandeza nas mulheres da Biblia.

O christianismo elevando o culto da mulher inspirou a cavallaria e a poesia cavalleiresca, nobilitando pelo amor e pelo sacrificio o sexo que era tambem o de Maria Santissima.

O coração de Maria trepassado de infinitas amarguras era o symbolo de quanto podia a mulher realizar na redempção do mundo barbaro.

E assim nasceu a legenda de Griselda, perpetuada pelos poetas medievos, por Petrarca e Boccacio nos seus livros immortaes.

Griselda de baixa extracção, rustica e campesina, foi escolhida para esposa

do Marquez de Saluzzo que fazia captivas as mulheres que lhe aprazia tomar com a violencia dos antigos barões, senhores da vida e da honra dos seus servos.

Tomou-a para esposa e para fazer nella todas as experiencias de humilhação a que se submettia a suave creatura que dizia a tudo quanto della reclamava o senhor barbaro.

— Sim, meu senhor.

E assim é que o esposo barbaro lhe arrancou successivamente de seus braços os filhos que nasciam, não querendo darlhe noticia do paradeiro da sua propria prole.

A tudo se submettia Griselda sem rancor e sem queixume, pelo amor do esposo e, sobretudo, pelo amor de Deus que os unira para sempre na vida e na morte.

— Sim, meu senhor.

Que grandeza nessa obediencia!

Afinal, o barbaro que secretamente ardia e a amava, chegou ao ponto de confessar a maldade das suas violencias. Os filhos que ella suppunha perdidos ou mortos estavam entregues a parentes distantes.

E depois de tamanhos sacrificios e malferida ainda de tantas chagas abertas no coração, veio o momento sublime de ter rendido aos seus pés o esposo que tanto a fizera soffrer.

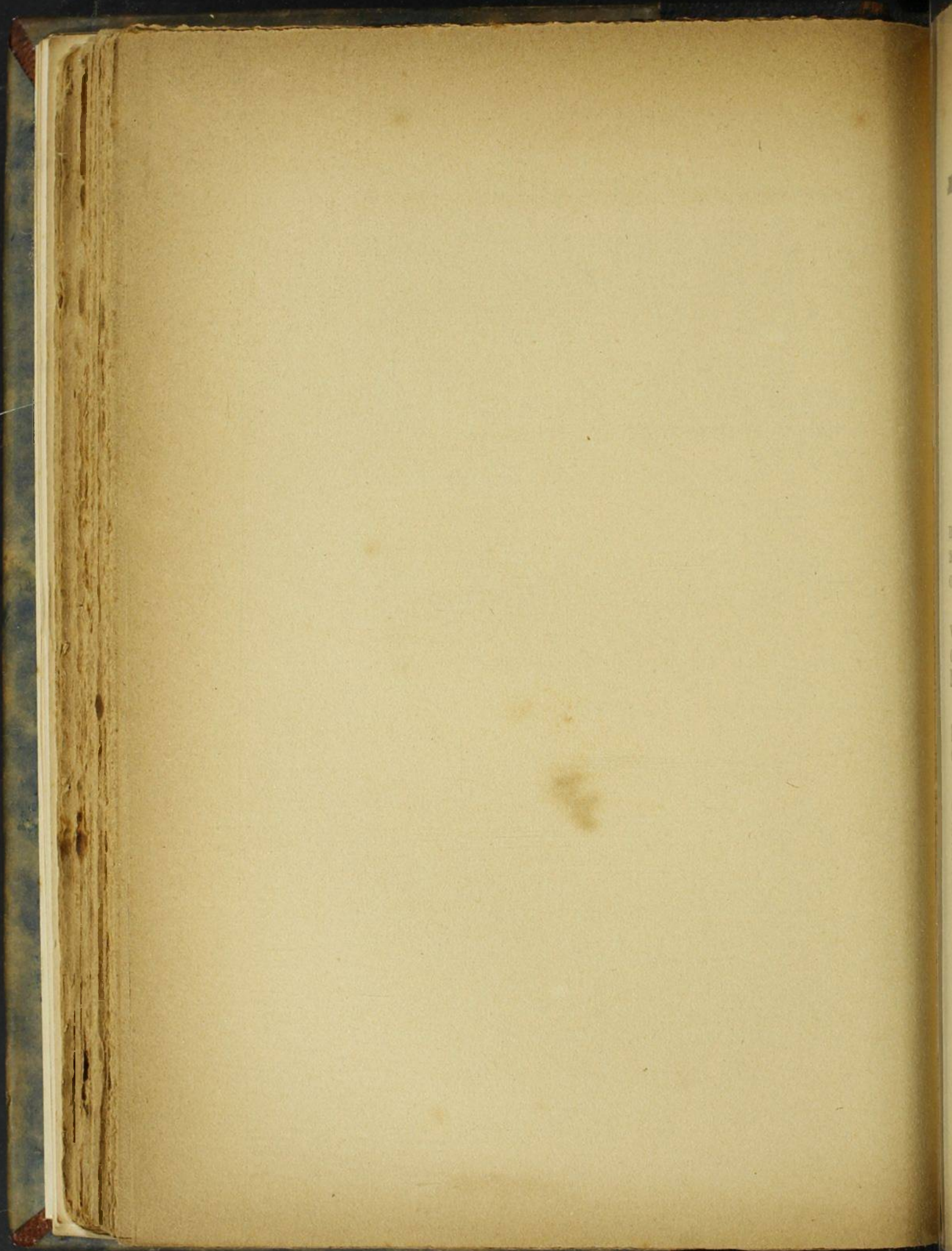
Griselda é como o Job das antigas escripturas, nascida para soffrer, sem que lhe passasse pelo coração ou pelos labios um pensamento ou uma palavra de revolta contra a amargura de seu proprio destino.


Só o christianismo, escola de humildade e de amor, poderia dar a suave espiritualidade dessa obediencia infinita.

E seria uma fabula, engenhada pelos poetas?

Não.

Era a propria realidade bem mais sublime que os exemplos varios colhidos pela poesia e pela imaginação.





A Piedade do Numero

Hoje os homens que se dilaceram na guerra e nas rebeliões, morrem pela ausencia de uma força incontrastavel que os devia impor o silencio e a paz.

No futuro como no passado, é provavel, como foi certo, que só o maximo do poder póde assegurar a liberdade dos homens.

E' coisa ingloria matar e morrer sem proveito e antes com o incremento da crueldade e da tyrania.

Quando o imperador romano Proculo conquistou a Sarmacia, as mulheres (que hoje se chamam russas e polacas) daquella região levantaram-se em rebeldia para vingar a mortandade, que foi terrivel, dos homens ceifados na guerra e deixando-as orphãs e desconsoladas.

O imperador Proculo tomou sob sua imperial protecção quatrocentas dellas e dividiu outras tantas pelos seus capitães.

Ainda assim, restavam cerca de cem viragos que, desprezadas ou insatisfei-

tas, pegaram em armas para disputar com a vida a consolação de um homem.

O imperador Proculo contra esse flebil cento de mulheres moveu dez legiões de pedestres e cavalleiros armados ao som clangoroso das taramelas e do retintin das lanças e das espadas.

Logo que se moveu esse formidavel exercito que parecia feito para conquistar o resto do mundo, as desgraçadas heroínas fugiram e desappareceram.

Como podia um cento apenas de fragilidades femininas resistir á tempestuosa massa de dez legiões aguerridas?

O companheiro de consulado Servio Gallata inquiriu de Proculo a razão daquelle apparatus formidavel contra cem creaturas imbelles e despreziveis.

— Se eu mandasse, disse Proculo, meia duzia de soldados, o que fôra bastante para as vencer e dispersar, seria certa a resistencia. Perderiamos dois ou tres dos nossos e exterminavamos todas ellas. E eis o que não convinha. Assim, poupamos a vida de um cento de creaturas ainda aptas para o accrescentamento da republica sem perda de uma gota de sangue.

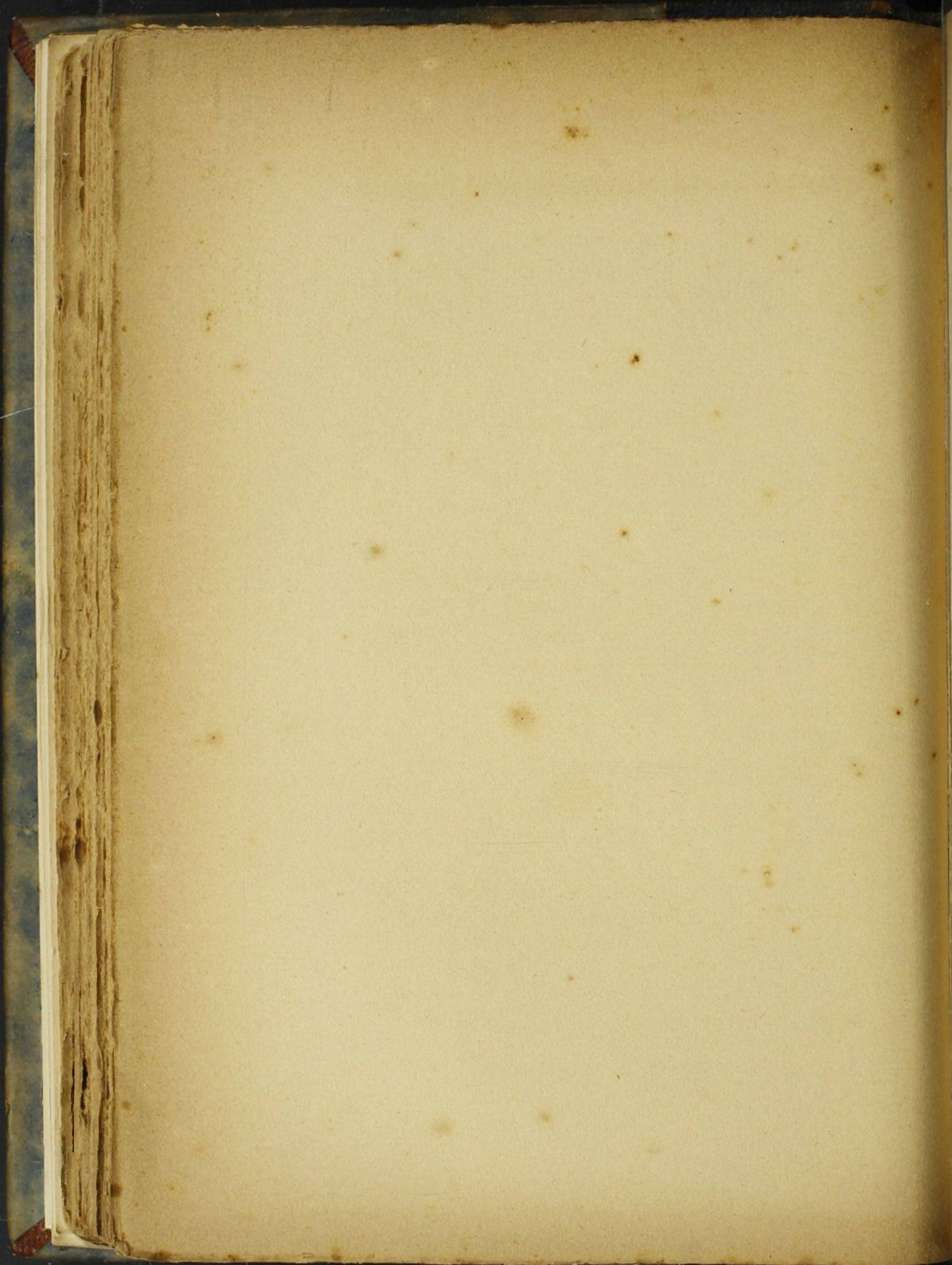
— Convem reservar, ajuntou o imperador, a semente dessa raça bella e gloriosa, digna da eternidade. Os grandes exercitos afogam no nascedouro as pequenas rebeldias.

Comprehendeu então Servio Galata

que é sempre um recurso sangrento combater uns poucos contra outros poucos. A verdadeira piedade na guerra é aquella que a impossibilita pela desproporção das forças.

Foi assim que nasceu e prosperou a paz imperial romana.

Com essa memoravel lição poude Servio Galata vencer quarenta e cinco rebelliões no Oriente sem sacrificar um soldado, sequer. E teve tempo ainda de escrever o seu famoso tratado *De belli philosophia*.



Acerca do Trias

Santo Frei Gil, frade portuguez, dominicano, na sua juventude frequentara a Universidade de Paris e nas horas vagas dedicara-se ás artes da magia e de outras sciencias occultas.

Protegido pelos singulares favores do céo conseguira afiar com tanta agudeza o seu espirito que muitos dos seus collegas nelle viam a encarnação de um novo Fausto.

Que era falso esse desgraçado epitheto, logo se viu quando Frei Gil começou a florescer em virtudes que deviam destinal-o a ser um dos grandes lumes da Ordem dominicana.

Voltando a Portugal, parece que Frei Gil esquecera ou deixara ficar no Sena os mysterios da magia e não pensou mais em perscrutar os segredos reconditos da vida, condemnando a alchimia e os preceitos de Hermes Trimegisto que tanto o embeveceram nos verdes annos.

Comtudo, ficou na sua alma, dentro

nas dobras della, alguma coisa que não pudera vencer.

Na sua morte encontraram-se alguns papeis por onde podemos saber de que modo a consciencia do santo se livrou da seducção da magia.

Sentia o frade que a sua purificação era imperfeita. Remordia-o um como verme que lhe assaltava o somno.

Era o «trias», funesto principio da doutrina pythagorica, segundo o qual a sciencia dava mão a uma entidade secreta que chamavam o «Gonê», obscura divindade que presidia á geração dos seres.

Uma vez, sendo já frade e quasi santo, ao sair do mosteiro distraidamente foi seguindo uma estrada e tanto se alongou da pousada que, assoberbado das trevas e da grande escuridão da noite, se encostou a uma arvore e esperou que o dia amanhecesse.

E, sem saber se era visão ou sonho e dormencia dos sentidos, reparou que delle se aproximava uma mulher de extranha formosura que, tocando-lhe o habito, perguntou onde era o caminho do inferno.

Muito embaraçado ficou o frade com essa pergunta, e sem materia para resposta, indagou donde a mulher vinha.

— Da cidade, respondeu ella, onde perdi a familia e todos quantos me aca-riciavam. Vivi com outras companhei-

ras do commercio nocturno com os mystagogos e alchimicos que as buscavam nas vielas e nos lugares ermos.

-- Do inferno vindes, disse o frade, acordando do pesadello. É é inutil coisa buscar o termo da vossa jornada. Mas, se ainda tendes na alma alguma faisca da divina misericordia abandonae aquelle antro de perdição. Iremos juntos áquella ermida onde se venera a Mãe de todos os peccadores e ninguem della se separa sem o perdão.

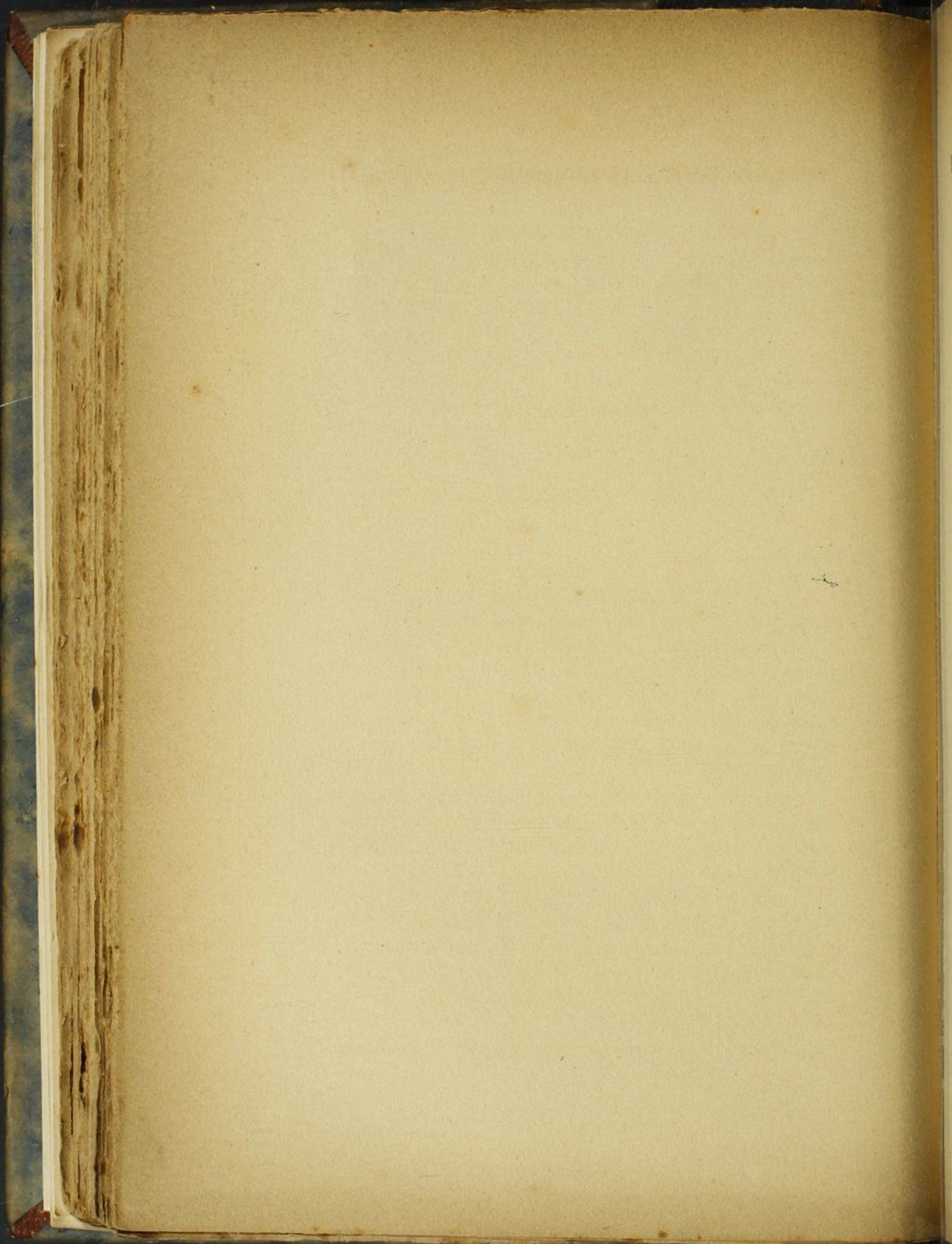
Foi essa a isca de que se serviu o frade para a attrair á penitencia e á regeneração.

E abrindo agora os olhos notou o frade que fora victima de uma allucinação e que a mulher que vira em sonho era apenas uma arvore cujos ramos lhe tocavam o ouvido e onde por ventura brincava o «Gonê» pythagorico da antiga arte hermetica que aprendera ás margens do Sena.

Foi esse o ultimo raio e desengano da magia, e desde então desaparecera do seu espirito o «trias» do philosopho.

Sentiu que esse ultimo peso se descarregara por obra da providencia.





Pisithanatos

São falsos os prophetas que apregoam com enganosas palavras as delicias da morte.

Mais vale viver, ainda que a amargura da existencia nos incline a suspirar por um termo dos nossos tormentos.

No tempo dos Ptolomeus a cidade de Alexandria era já a segunda do mundo, pela grandeza do seu emporio do trigo e pela vida luxuriosa daquelle seu povo mesclado de gregos, judeus, persas e arabes.

A essa multidão variegada juntavam-se as mulheres fascinantes e as escravas que dominavam os senhores concupiscentes e molles.

Foi desgraça que tambem se mudassem de Athenas as artes, a sciencia, os glosadores de Homero e os setenta judeus traductores da Biblia, e a philosophia que medrava nas escolas e attrahia a mocidade.

Ora, em certo momento grassou

mortal desanimo nessa terra de prazeres e de luxuria.

Começava uma especie de loucura que concitava os jovens ao horror da vida e ao suicidio.

Sucedeu então que uma sobrinha do Ptolomeu procurou a morte cortando as veias e atirando-se ás vagas do mar, que nunca mais a restituiu.

Cuidou então Ptolomeu de inquirir da causa de semelhante flagello que já havia dizimado grande numero de criaturas aparentemente felizes.

Descobriu-se que a origem desses males estava na escola de um philosopho. Hegesias, que prégava a destruição da vida por inutil, dizendo que só na morte era possivel esperar a paz e a felicidade.

O philosopho Hegesias assim doutrina: e com tamanha e affrontosa eloquencia que dalli saham os discipulos eivados da sua miseravel loucura.

— A vida é a dor, dizia elle. A esperança, o amor, a virtude são espinhos dolorosos e eternos.

Noticioso dessa philisophia de desesperação e de morte, o Ptolomeu mandou fechar a escola e banir o tristonho philosopho.

Por muito tempo a sua deleteria fama guardou-lhe a alcunha que lhe dera o povo, de *Pisithanatos*, isto é, o conselheiro da morte.

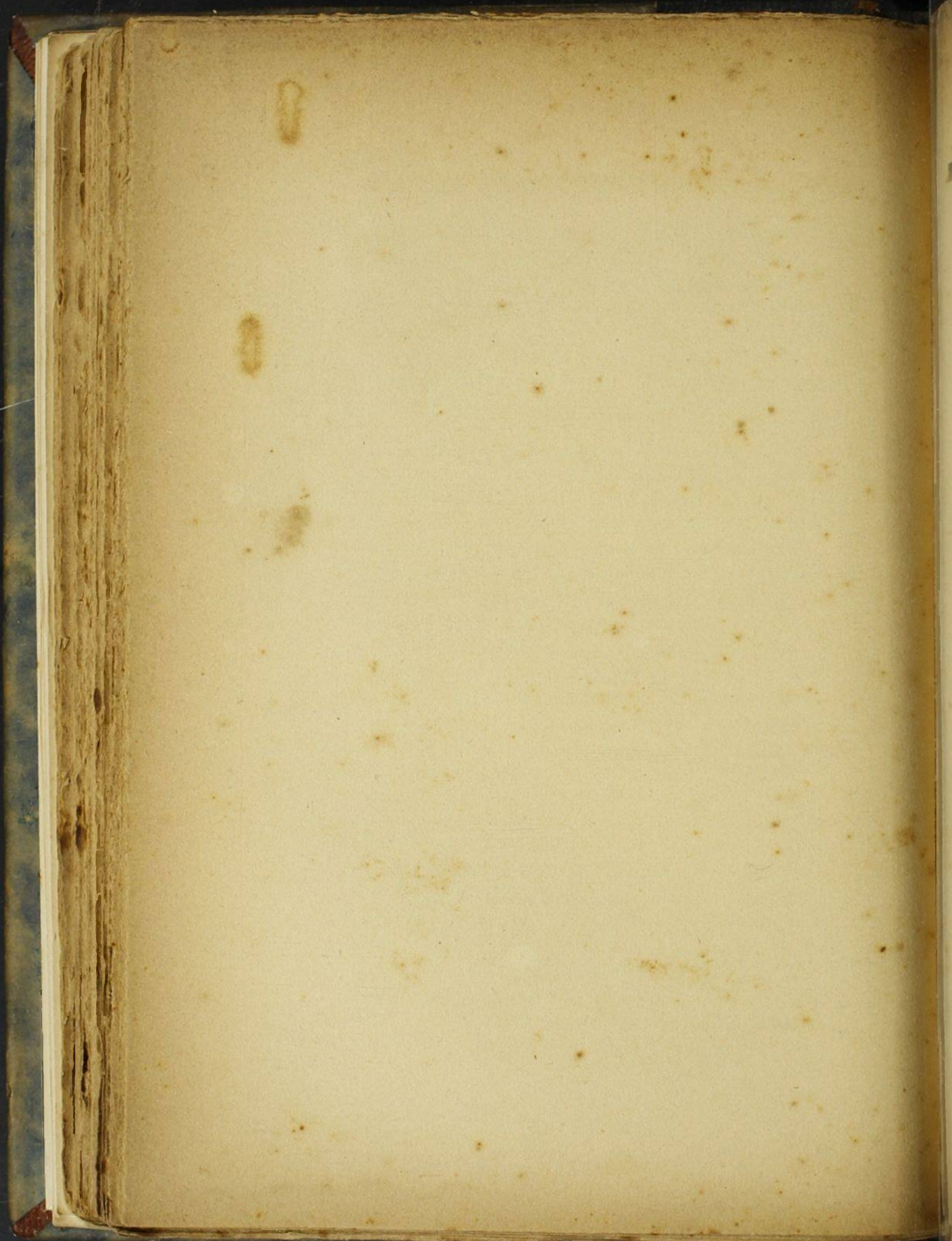
Esse funebre desprezador da vida no exilio applicava todas as suas riquezas em comprar escravas para os seus convites da embriaguez e de volupias desconhecidas.

São assim os conselheiros da morte. Aniquilam-se pelo prazer, gastando até a ultima gota de sangue o desejo da concupiscencia.

Nos ultimos dias, Hegesias, entermo e empobrecido, sacrificava a Apollo, pedindo uma hora mais para alongar a alongar a torpeza da vida.

Proponho este exemplo a todos que esperam da morte a enganosa salvação.





Aquelle que sabia Ler

Mas para que é saber? perguntava o velho chronista de *Reineke Fuchs*.

As letras nada nos ensinam e podem ser occasião da nossa perda. E muitas vezes a ignorancia nos livra do precipicio.

E então contou o caso referido no longo romance da Raposa.

Certa vez, andando pela floresta, encontrou a Raposa um asno de que tomou grande medo e fugiu.

Na fuga encontrou o lobo, já muito alcançada ella, de contas velhas a ajustar e deu-lhe a nova de um grande e nedio animal que acabara de ver na floresta e que seria caça magnifica para o lobo.

Irei leval-o até lá, disse a raposa graciosamente.

E assim foi. Encontraram o asno e delle approximou-se o lobo que perguntou o nome da portentosa alimaria.

— Tenho o nome escripto no pé.

E logo mostrou o casco que o lobo procurou decifrar, dizendo que sabia lêr.

No momento em que era examinado, o asno respingou um formidável couce que prostou o lobo.


E vendo o pobre companheiro a deitar a alma pela boca, fallou-lhe mansamente a raposa :

— *Ogni uomo che sa lettera non é savio.*

Não é sabedoria saber ler assim, diz o *Novellino* que repete a chronica da astuciosa raposa.

E, neste caso pelo menos, falou verdade.

O saber póde levar ao inferno qualquer lobo, nem sempre mais industrioso que um asno.



Acerca do Diabo

Por fraqueza humana, muito mesquinha consideração se presta ao diabo.

Apenas um proverbio quasi heretico escapou ao sentimento popular, quando diz que o *diabo não é tão feio quanto o pintam*.

Os inglezes dizem com igual veracidade que o Inimigo não é tão preto como nas estampas orthodoxas. M. Conway, demonologista famoso allegava o bom exemplo de uma dama ingleza que reverenciava o diabo com boas palavras porque não se deve falar mal de pessoa alguma; e sendo grande o poder do demonio tratal-o bem é um excellente principio: *It is safer*, dizia ella.

Um dos grandes doutores do christianismo primitivo, Origenes escrevia que «penas eternas» não se compadeciam com a infinita misericordia de Jeus.

O diabo, rebelde e contumaz, podia arrepender-se e é crença geral que se tem arrependido algumas vezes.

Assim pensaram alguns theologos concedendo caridosamente algumas modestas virtudes ao Anjo do mal.

A maldade deve fatigar e porventura, graças á humana ou divina variedade, póde o «tinioso» aspirar á rectidão e á boa fama de creatura prudente.

Estando eu a convalescer de certas tristezas de espirito, refugiando-me na solitaria região da Baixa-Franconia, passei alguns dias em tratamento e cura de meus males na risonha cidade de Wurzburgo, a antiga Herbipolis, de encantadora medievalidade.

Achando-me ahi a meditar uma tarde ou-antes a ver a enchente do Rheno que desatava impetuosas caudaes sob a ponte de Luitpold, vim a praticar com um desconhecido que soube ser mais tarde um doutor em sciencias occultas, o qual me informou de cousas singulares e interessantes.

Veio a esse intento um caso referido nas chronicas de Wurzburgo que é ao mesmo tempo espantoso e edificante.

Havia certo fidalgo allemão buscando um lacaio que o servisse e desesperava já de encontral-o a seu agrado, quando á volta do caminho que levava á cidade proxima, se lhe apresentou um joven de boa apparencia de voz doce

e humilde que desejava emprego naquellas terras.

Foram logo contratados os serviços e o fidalgo reconheceu quanto era prompto e obsequioso o rapaz. Fel-o seu pagem e homem de toda confiança.

Uma vez em que o barão se viu acochado por dous bandos inimigos, o rapaz aconselhou o seu amo a atravessar a torrente do rio para fugirem ambos á sanha dos salteadores.

E o aviso foi logo cumprido.

Foi como se as aguas descessem e mostrassem um vau por onde passaram incolumes.

— Só o diabo poderia aqui passar, clamou um dos bandidos da margem oposta.

De outra feita, a esposa do fidalgo adoecera e foi achado pelos physicos que a examinaram, haver apenas um meio de a salvar e seria dar-lhe o leite de uma leôa do deserto.

— Irei buscal-o, disse o pagem.

— Como? se a Arabia ou a Lybia ficam tão longe!

O pagem desapareceu por aquella noite e ao amanhecer do dia seguinte trazia n'uma vazilha ethiopica o remedio appetecido.

O fidalgo maravilhado desse e de outros prodigios, não se conteve que não apertasse o pagem exigindo-lhe a confissão de seus sobrenaturaes poderes.

— Quem és tu, afinal?

— Eu sou (disse o pagem entre confuso e arrependido) eu sou um daquelles anjos decahidos que acompanharam Belzebuth na antiga rebellião contra o Senhor Deus. Mas, estou arrependido e cansado da minha vergonhosa profissão de tentador e de demonio. Desde que fui precipitado do céu com as legiões infernaes procurei entre as minhas maldades um resquicio de virtude, servindo aos homens para me consolar da minha desgraça.

E tamanho foi o abalo de sua contrição que, segundo Christiano de Heisterbach, o diabo recebendo o seu salario, o destinou ao sino que faltava á igreja da aldeia proxima. E desapareceu.

Desappareceu? aqui as chronicas de Wurzburgo interpoladas por um franciscano erudito dizem que não. O diabo não desappareceu sem levar a esposa do fidalgo, aquella mesma que elle curara com a mezinha infernal do leite de leôa.

O fidalgo, esse sim, esse desappareceu chorando os dous seus amigos infieis, a esposa que perfidamente o acariciava e trahia e aquella pagem tão cheio de obsequios e serviços.

Não tenho autoridade para desmentir um franciscano que tanto contribuiu para o esplendor da Ordem seraphica,

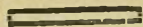
mas cá em baixo, posso repetir com o vulgo ignaro que o diabo não é tão feio como o pintam.

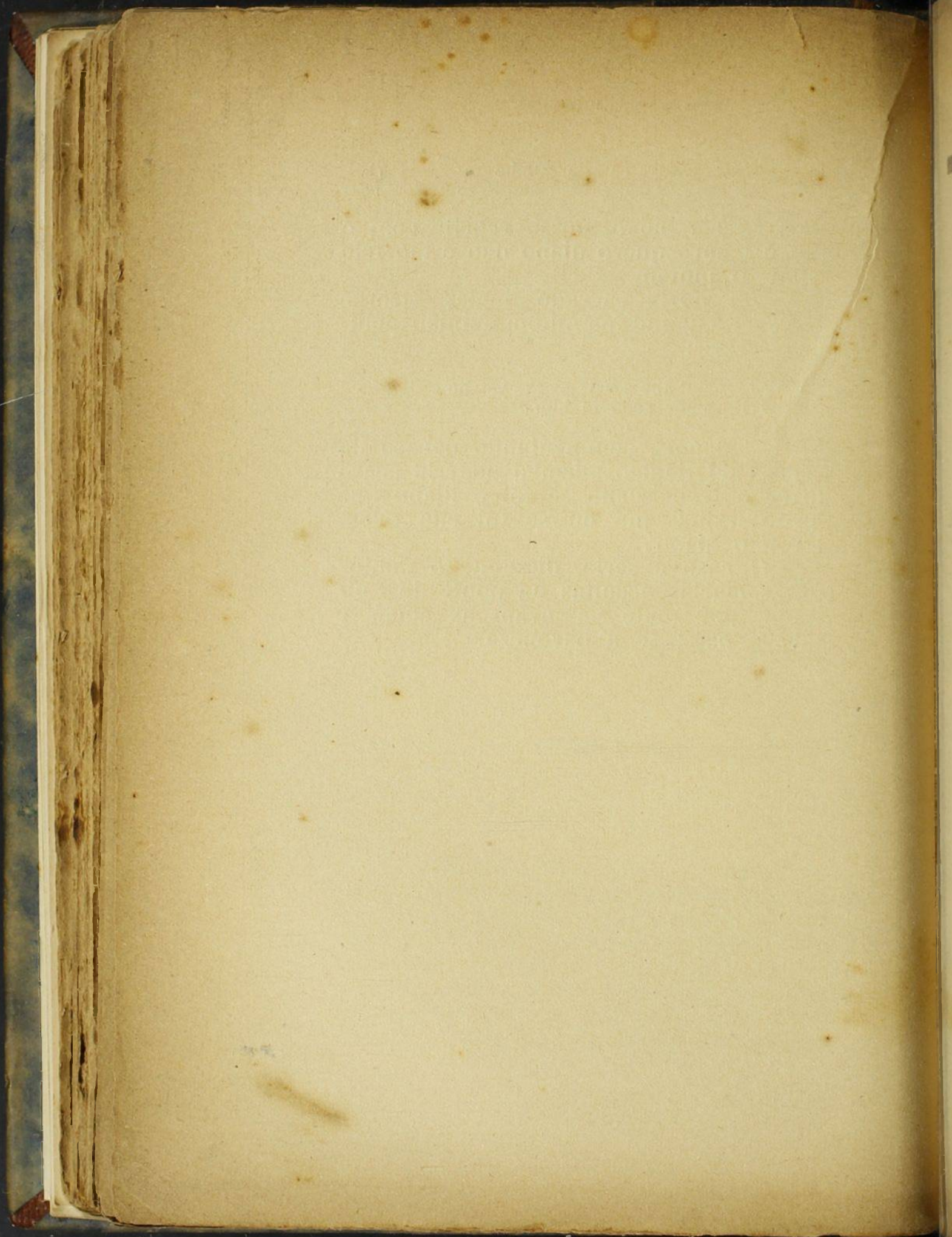
Um poeta sagrado, inglez, George Herbert é da mesma minha opinião quando escreve:

We paint the Devil black, yet he
Hath some good in him..

E, depois, commentando o caso da esposa do fidalgo allemão poderia acaso dizer o franciscano se foi o diabo que levou a matrona ou se foi ella quem levou o diabo?

O caso é serio, disse-me o doutor das sciencias occultas na ponte de Luitpold, por onde passavam as aguas e talvez, passasse a baroneza.





A Tolice dos Sabios

Sabei, dizia um prégador na cathedral de Nurimberga, aonde acorriam os letrados cheios da vaidade das suas sciencias. Sabei, dizia o prégador «que os sabios erram vergonhosamente nas menores coisas e são mais refractarios ao bom senso que os mais estupidos camponios».

Estava eu alli, acaso, presente como outros circumstantes graves, o theologo Zeller da Suabia, o mathematico e astronomico Rogerio de Ratisbona e alguns luminares do seculo.

E o prégador desenvolveu o seu thema trazendo-o desde as inscrições de Assurbanipal aos fastos consulares romanos e ao seculo esclarecido do maximo pontifice Leão X.

Por esse tempo vivia em Roma um famoso doutor, versado em letras sagradas e profanas que cultivava com tamanha profundeza que não havia duvida ou obscuridade que elle não pu-

desse deletrear, dando cabal interpretação.

O doutor Ganelli (era esse o seu nome) concertou os manuscriptos do Vaticano que serviram depois ás edições sumptuosas, definitivas «ne varietur», do Tacito, de Vitruvis e outros vultos da antiguidade classica.

Este grande homem (referiu o pré-gador) estando com a saúde abalada procurou repouso nas montanhas da Sabinia. E, ahi, convidou-o um camponez a fazer uma caçada á laço de passaros que havia em grande quantidade nos bosques proximos.

Aceitou o doutor o convite, e, ambos, elle e o camponio, escondidos numa moita ao pé de cristalino riacho que era o bebedouro natural das aves, esperavam pelos hospedes da floresta e do ar que não tardaram vir.

Quando eram já numerosos gritou o sabio doutor para o companheiro:

— Olha, o bando de passaros que ahi pousam.

A estas vozes, espantados e ariscas, as aves levantaram o vôo e desappareceram.

Fez então o camponio com humildade a observação de que o doutor não devia falar.

E ficaram de novo á espreita, e quando já se havia ajuntado novo bando de

aves, não se conteve o doutor que não dissesse:

— «Aves per multa sunt!»

Debandaram outra vez as avezinhas timoratas e desconfiadas.

E antes que o camponio renovasse a observação, interveiu commovido o sabio doutor:

— Eu não podia imaginar que esses miseros bichinhos soubessem latim!

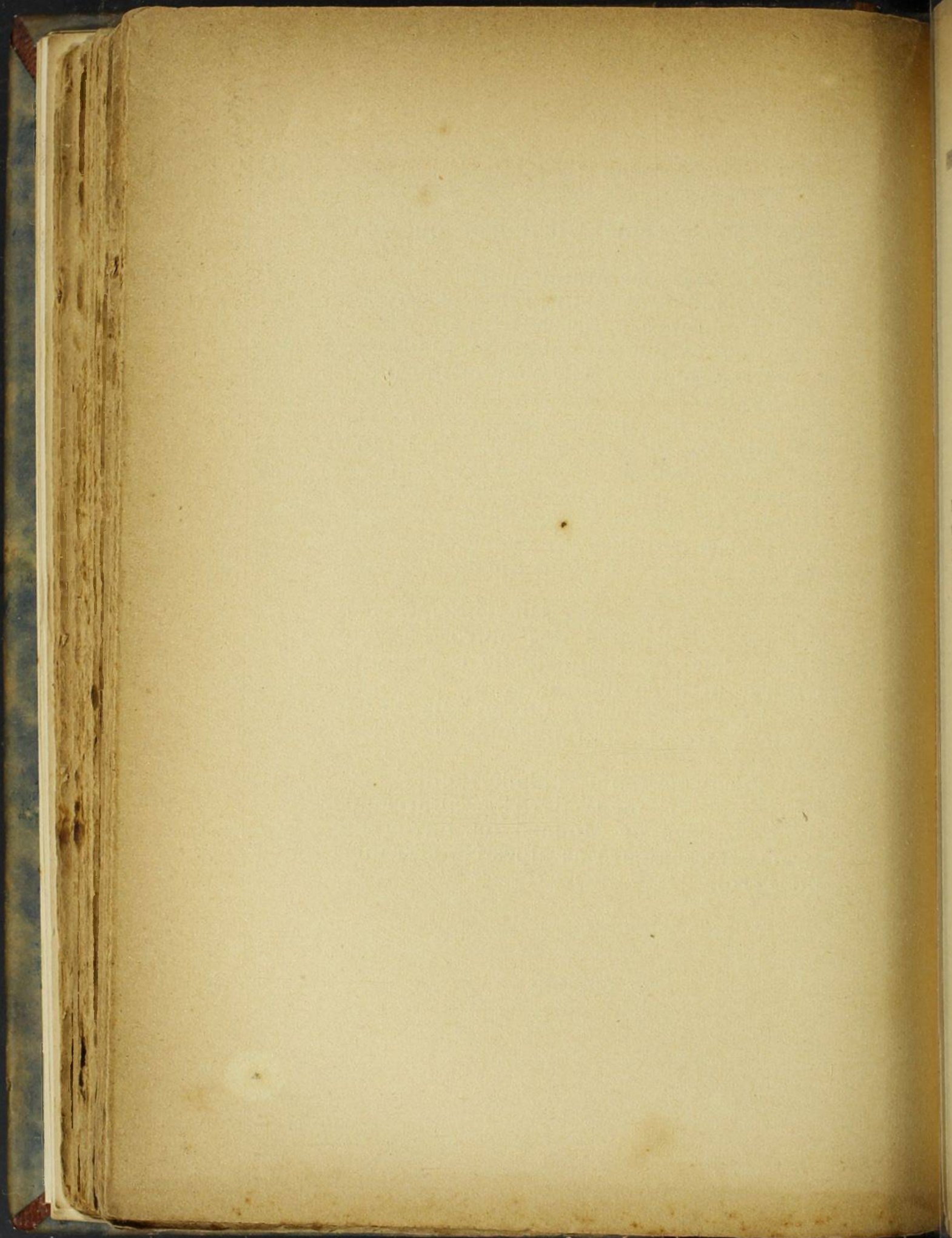
Está acabada a historia (concluiu o prégador) com que illustro a prédica de hoje. Os sabios, saibam latim ou grego ou outras intrincadas sciencias, caem sempre no laço e mais facilmente que os passaros.

Pensam nas suas sciencias mas não pensam na sciencia dos outros, a qual é toda feita de simplicidade e da unica leitura do livro da vida».

Desde esse momento, ao saia da cathedral, resolvi não queimar as pestanas.

Para que tanta vaidade inutil?

Vendi os meus livros e alfarrabios numa bodega de Monaco da Baviera e fui espairecer para as alpestres serranias do Tyrol.



Acerca da Verdade

Uma vez, disse-me Nathan, o judeu mercador de joias falsas, os allemães descobriram esse commercio de alchimie em vez de ouro, de cristaes em vez de gemmas preciosas e de pechisbeques resplendentes que enganam mais que as perolas.

Essas joias falsas, são as verdadeiras, quanto alcança a aguda subtileza dos homens, continuou Nathan. Essas, sabemos nós que não se formaram no mysterio da profundidade das terras ou dos mares. Mas, saíram patentes e lucidas das retortas, dos alambiques e das fornalhas, creadas pela corrosão dos acidos e do fogo.

— Isso é uma heresia, Nathan.

— Pelo contrario, não ha embuste em quanto acabei de dizer. Está escripto nos livros sagrados.

E indo a uma prateleira fez descer enorme volume que espanejou da poeira e abriu no ponto e na pagina marcada por uma pequena ripa de latão.

— Sois sem duvida catholico observante. Não vos offendais com essa doutrina que vamos ler.

Os livros de Ezdra, o doutor da antiga lei judaica, nem sempre tiveram inspiração divina e por isso foram rejeitados por apocryphos.

Essa condenção não abrange os dous primeiros livros da sua obra mesianica e de um delles é a historia que vamos contar acerca do poder da Verdade.

Havia já findado o capitiveiro de Babylonia quando tres jovens guardas do corpo do rei Dario propuzeram-se escrever, cada um, a sentença que lhe daria, ao mais sabio, o direito de se vestir de purpura, ganhar regios presentes e atuar o proprio rei como se fosse um irmão.

Assim foi que, enquanto dormia Dario, puzeram-lhe debaixo do travesseiro, cada um, a sua sentença, fechada e sellada para maior segredo e imparcialidade dos que haviam de julgal-a.

O primeiro desses guardas escreveu que a cousa mais forte era o *Vinho*.

O segundo, que nada havia mais forte que o *Rei*.

O terceiro que era a *Mulher*, a mais forte das cousas e acima della só a *Verdade*.

Quando o Rei acordou, logo leu os tres escriptos e convocou os principes

da Media e da Persia e os mais avisados doutores, para julgar desses escriptos mysteriosos.

Então justificou o primeiro que havia attribuido a primazia ao *Vinho*, dizendo que esse transtornava o juizo dos homens e dos proprios reis, parecendo superior á Razão, pois que podia embriagar os proprios deuses.

O segundo que dava o *Rei* como força principal, allegou que o Rei era o senhor de todas as cousas e de todas as criaturas, fazia a guerra e a victoria. Mandava e obedeciam-lhe sem detença. Quem poderia comparar-se ao Rei?

O terceiro falou, afinal, fazendo o elogio da *Mulher*, ajuntando que só acima della estava a *Verdade*.

Era esse joven guarda Zorobabel, tido por discreto e virtuoso.

Não é o homem, nem a multidão dos homens, nem o mesmo Rei quem excelle, na força (disse elle). A mulher gerou todas as criaturas e o Rei, nutriu-os do seu proprio sangue. Sem mulher o mundo voltaria ao chaos e a Razão não se distinguiria da cegueira do nada. E isso tudo obra a mulher sem espada, sem clarins e sem exercitos. Por ella todos se elevam, se humilham ou se degradam no crime e na abjecção.

Então, o Rei, os principes e os doutores olharam-se entre si dispostos já a dar palma a argucia de Zorobabel.

E o joven guarda proseguiu: Entretanto, acima do *Vinho*, do *Rei* e da *Mulher* está a *Verdade*, Senão, tudo seria engano e o universo desapareceria na illusão.

E a Verdade não é outra cousa que o proprio Deus, acima de tudo, no passado, no presente e na eternidade.

E disse.

O Rei Dario levantou-se, e tomando o joven Zorobabel pela mão, levou-o para junto do throno, com direito á purpura e á familiaridade de tuteiar o soberano.

* * *

Tempos depois, o Evangelho da Lei nova levantava a duvida:

— Que é a Verdade?

E desde então anda o homem a procura sem a descobrir, no fundo da terra, nas entranhas das victimas, na fluidez dos ares e no mysterio infinito do espaço.

Certamente, é ella a mais forte de todas as cousas, invencivel e fugitiva de todas as insidias da arte, da sciencia e da razão.

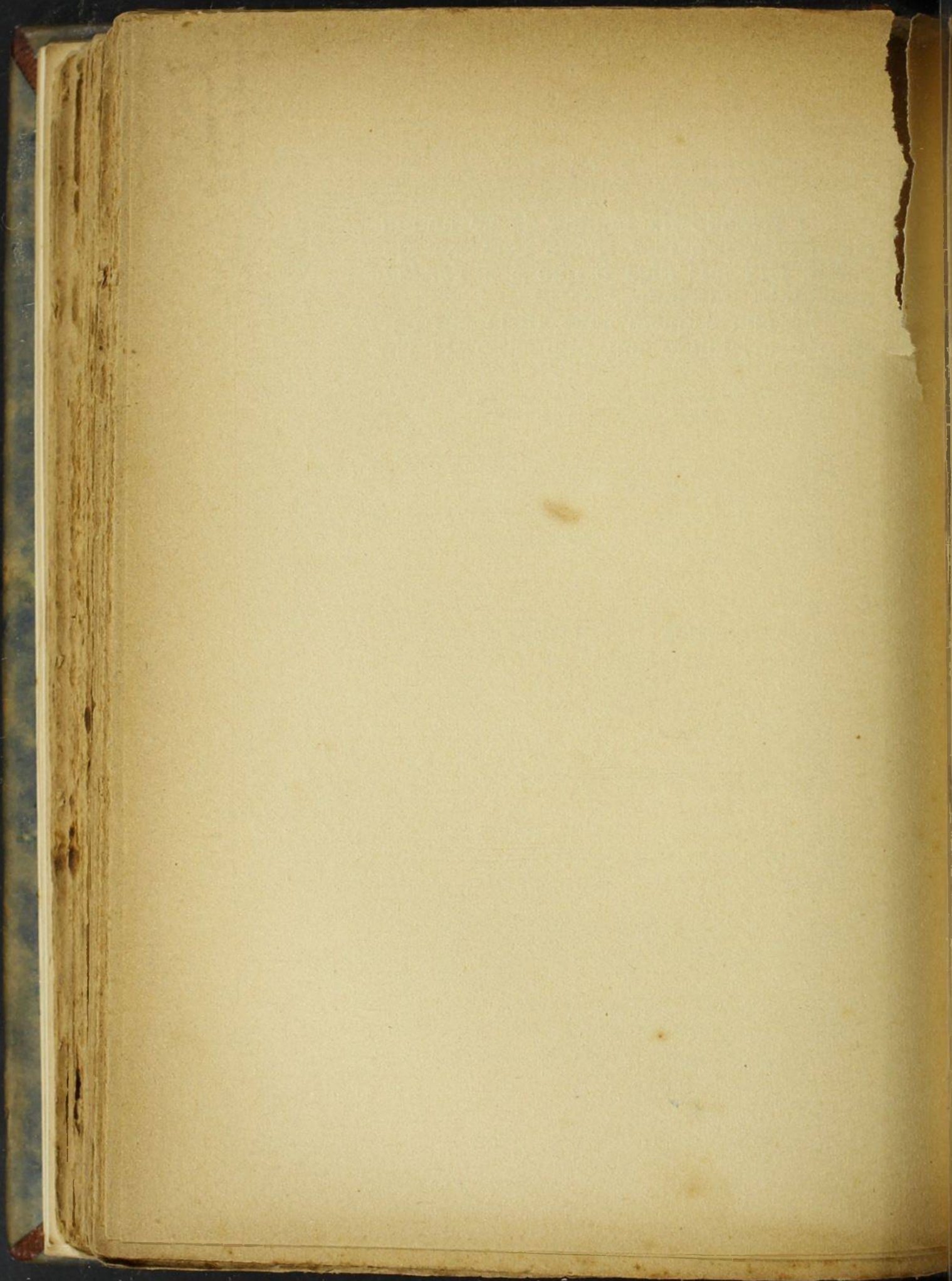
Bem merecia a purpura o joven Zorobabel, segundo está no primeiro livro de Ezdras.

Quanto a mim, apenas vos dou esse conselho de sabedoria: contentemo-nos com a illusão e com a mentira universal.

O reinado da mulher já se annuncia e está proximo. Póde bem ser que então, ella nos diga o que é a *Verdade* que tanto buscamos.

Só ella é quem sabe, dizia um par-teiro acariciando um pimpolho de Nathan.





● Argumento Baculino

A' porta das velhas catacumbas de Napoles onde se refugiavam os antigos christãos perseguidos, guarda-se como reliquia uma caixa de ebano que, aberta, mostra um bastão de ferro a que deram o nome de *argumento baculino*.

O argumento baculino era o que applicava á cabeça dos herejes africanos Santo Agostinho bispo de Hippona. Com duas ou tres bastonadas feria-se o lume da fé, o que era prodigio ainda hoje digno de imitação. E é de crêr que tenha sido imitado.

O porteiro das catacumbas mostrando-me o *argumento baculino*, disse-me entre dentes, esfregando o pollegar no dedo indice em signal de dinheiro:

— O verdadeiro argumento de Santo Agostinho não é esse.

Dei-lhe dous escudos que eram saguate bastante para qualquer confidencia, e o porteiro, então, animado pelas moedas levou-me a um velho pardieiro

em Capo di Monte onde estavam de casa os astrologos mais famosos do tempo.

Entre esses homens que conversavam com os astros e desprezavam a vil sociedade humana estava o Conde Roberti, o esposo da linda Silvia, corpo e alma ardente e vesuviana que atormentava a juventude de Napoles.

Parece que houve entre ella e certo joven Gennaro um longo commercio de amores, escondidos numa viella da Spiggia de Chiaja, lá muito longe do munseu astrologico do enganado esposo.

Engrossaram, afinal, as vozes do despeito e da inveja sobre esses amores. A maledicencia chegou aos ouvidos do astrologo Roberti que chamou a severas contas a formosa e descuidada esposa :

— Lembra-se (perguntou-me o porteiro) daquelles versos do nosso Dante: *Noi leggevamo un giorno per diletto...?*

— Sim, bem estou lembrado...

— Pois elles liam o livro, não de Lancelote, mas a *Cidade de Deus* de Santo Agostinho. Liam buscando interpretar as subtilezas do grande santo. Estavam no capitulo vinte quatro do livro quatorze, sem duvida o mais estonteante e ethereo do grande doutor mystico. Alli diz Santo Agostinho que Adão e Eva podiam procrear santamente, *sine libidine*, e assegurar a prole innumeravel dos santos. A concupiscencia

é que perdeu os nossos primeiros paes. O amor casto e divino se realizaria com movimentos imperceptiveis como os dos bofes quando respiramos. Assim diz o santo, *sicut folles fabrorum*, como os folles dos ferreiros que incham e murcham sem peccado.

Aqui o Conde Roberti apertou a esposa na confissão. E ella, afinal declarou suavemente que o joven Gennaro a tinha nos braços sem intimidade a maneira de um *contacto astral*.

O condé Roberti que era nigromante e estudava os ectoplasmas achou que o joven amoroso e envolvente era mais sombra que realidade, e seria a confirmação das suas theorias astrologicas.

Beijou a esposa e logo sahiu a publicar a estranha nova pela cidade. Riram-se delle como habitualmente ha sempre riso para os astrologos. A Academia dos Lincees recebeu com agrado a comunicação do astrologo theosopho.

Apezar de sua convicção do *contacto astral* da esposa com o joven napolitano, mais tarde cahiu em si e peregrinando pelas bibliothecas arrancou de todos os codices o capitulo vinte e quatro do livro quarto de Santo Agostinho.

Das folhas rasgadas, aqui tenho uma, disse-me o porteiro, e falando-me á orelha:

— *Cinquanta francchi! Davvero pochissimo!*

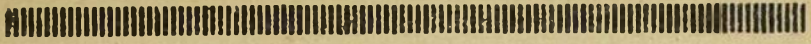
Dei-lhe os cincoenta francos por essa preciosidade que ao parecer do birbante das catacumbas era o verdadeiro e authentico *argumento baculino* do bispo de Hippona.

O capitulo diz: *Quod insontes homines... in paradiso.*

Póde ser que aos logicos de hoje repugne o argumento baculino que fez a paz e a concordia de dous esposos amantissimos em tão arriscado lance.

Para aquelles o argumento baculino continúa a ser o duro bastão com que contudem as mulheres e que se guarda como reliquia nas *Catacumbas*, junto a *San Gennaro dei Loveri*, da bella Naples.

São opiniões...



Contra a Cegueira

Diodoro Siculo, autor grave e amigo da verdade, no livro XX das suas *Historias*, um dos poucos que escaparam á destruição do tempo, narrou o estranho caso de um pharaó do Egypto que, depois de ter cegado, recobrou a vista.

Como temos sido accusados de impiedade, e, como principalmente não campamos de entender o texto grego do historiador, fallará por nós o Padre Manuel Consciencia da Congregação do Oratorio, Qualificador do Santo Officio, a cujas barbas se deve o mais entranhado respeito.

De facto, na *Mocidade Enganada e Desenganada*, no tomo II paragrapho 353, lê-se o mesmo maravilhoso caso do pharaó da seguinte maneira textual:

«A Sesostre, Rey do Egypto que se achava cego aconselharam os seus sacerdotes que para cobrar a vista, untasse os olhos com o lavatorio de huma mulher tão casta que só tivesse conhecido a seu marido.

«Fez-se a prova com muytas e até com a propria rainha, e não se achando melhor, se descobriu a mulher de hum hortelão com cujo remedio se achou bom. Escolheu então a esta por esposa e fazendo-a Rainha mandou queimar vivas as outras mulheres todas, sem perdoar a nenhuma».

Eis aqui o que diz o padre Manuel Consciencia, traduzindo o texto do velho e famoso Diodoro Siculo.

Não parece, porém, digna de credito essa historia, ao certo mal contada, como se vae ver.

O escoliasta Alexandrino Orosio Tragodonte contesta o insolito milagre. Como é sabido, Orosio pertencia á escola dos evhemeristas, convem a saber, daquelles philosophos que negavam os mythos e milagres buscando explical-os pelos factos naturaes.

Dizia Orosio, e era uma honra para a Grecia, que a mulher do hortelão seria grega e teria o lindo nome de *Chelidonia*; em linguagem o mesmo que *andorinha*.

Na medicina do seu tempo curava-se a cegueira com certa pedra achada nos ninhos da andorinha. Os sacerdotes confundiram a andorinha medicinal com a *Chelidonia*, mulher do hortelão.

Essa *Chelidonia* das hortaliças estava, pois, pelos secretos mysterios da

historia, destinada a vingar as desenvolturas de Helena, suggestão patriotica e honrosa para os gregos.

Vá de andorinha ou Chelidonia.

Havia, entretanto, uma difficuldade na explicação evhemerista de Orosio Tragodonte. Era a *pedra* da andorinha. A pedra podia ser uma cristalização de certos dejectos lunares do sexo, na rigida opinião de Orosio.

Entendemos, porém, que alli foi posta, como é costume dizer, para *tapear*.

Tambem é possivel admittir que pedra semelhante podia ser um symbolo verbal, analogo a *rocha da virtude* e outras metaphoras que já seriam classicas no tempo de Sesostris.

Somos impios, então? e o que seriam o grave Diodoro da Sicilia, o exegeta Orosio e o meu veneravel padre Manoel Consciência, espelho de santidade e esplendor da egreja?

A impiedade está nos que nos lêem com os oculos da concupiscencia, para os quaes não ha lavatorio de mulher casta, nem pedra de andorinha restauradora da legitima luz da verdade.

Com a sua cegueira viu Sesostris muito mais que aquelloutros que fecham a capella dos olhos para não ver cousa alguma ou para experimentar o divino e regio sabor de Menelau (que voltou de Troya mais rico e mais ornado do que sahira de Esparta).

A mulher do hortelão tinha saído da menopausa e havia perdido as virtudes do antidoto. Tomando-a para esposa Sasostri conseguiu ver e ver longe.



Um subtil Anachronismo

Em minhas viagens pelo velho mundo alcancei obter uma folha manuscrita por letra do seculo XVII que vou passar aos leitores na esperança de que lhe aproveite, se for o caso, no governo da vida.

E' a carta de um capuchinho, casuista e theologo probabilista e subtil para quem os casos de consciencia representam o melhor de sua appetecida sabedoria.

Eil-a, a carta:

«Ao douto escoliasta Fresenius, de Amsterdam.

Muito senhor meu,

Desde que voltei da America da missão dos capuchinhos do Maranhão, sob a protecção de La Ravardièrre, cuidei que seria util communicar a tão douto e clarissimo varão, lustre das letras latinas, um pequeno achado que póde esclarecer até certo ponto a vossa perplexidade na edição que acabaes de fazer das Decadas de Tito Livio.

O grande historiador latino como não ignoraes, recebeu naturalmente de antiquissima tradição a insolita noticia de que as matronas romanas um dia conspiraram contra a vida dos maridos propinando-lhes veneno violentissimo a que ninguem podia escapar.

Tito Livio não dá muito credito a essa tradição e diz que talvez o desastre se pudesse imputar a qualquer epidemia funesta e ignorada. Comtudo, não quiz desprezar a verdade ou a calumnia para não faltar á fé dos autores (*auctorum fidem abrogaverim*) ainda os que menos lhe merecessem credito, e relata que morrendo muitos cidadãos illustres da Republica uma escrava denunciou a Quinto Fabio a terrivel inconfidencia das mulheres e damas romanas conjuradas na perfidia de matar os maridos pelo veneno (*quædam medicamenta*) que faziam cozer com os communs alimentos. Foram logo denunciadas cento e quarenta damas que pagaram a culpa com a morte, bebendo o proprio veneficio. Assim está referido no livro VIII, cap. 18, do grande historiador.

Sem embargo, Tito Livio a este proposito busca justificar a funesta calumnia com a opinião de duas matronas Cornelia e Sergia, ambas patricias, de que se tratava apenas de bebidas saltares (*salubria*, diziam ellas) e não de veneno.

Ora, o doutor Fresenius na sua in-

terpretação, tão douda e sabia, parece inclinado a crêr que a bebida seria o *hippomane* especie de humor gorduroso e vulvar das eguas (na época do cio segundo Plinio), que de lascivia os amantes applicavam a si próprios com grande risco de vida.

Seria isso ou algum bulbo como aquelle que seculos mais tarde eliminou Caligula?

Ora, quando estive no Maranhão conheci um feiticeiro *pagé* que a troco de missangas me revelara alguns simples só conhecido dos Brasis, e que me parece ser a mesma bebida salutar de Cornelia e Sergia. Era o elixir de *marapuama*, droga fatal e venenosa com que os indios velhos se restauravam dos ultrages do tempo.

Seria esse, talvez o bulbo que servia a Cornelia e matou Caligula, acaso trazido pelos phenicios que então devassavam os mares e frequentavam a mysteriosa Atlantida, segundo é crença muito autorizada.

Peço, pois, ao doutor Fresenius que examine esse caso de consciencia, e, aproveitando o ensejo envio, — com licença, uma cabacinha de *marapuama* para resolver qualquer duvida que lhe assalte o espirito.

Do humilde servo

Capuchinho — *Jean Masset*.

P. S.

O doutor Fresenius não respondeu, mas é certo que oito dias depois passou desta á melhor, segundo me informou a «*Gazeta de Hollanda*».

Teria experimentado a *marapuama* por amor de Tito Livio?»

* * *

E' esse o texto da carta do capuchinho que foi roubada aos archivos secretos de Amsterdam. 4

Achei que não havia inconveniencia em publical-a, porque não ha mais *pages* e se os houvera ninguem prestaria credito aos seus simplices. A medicina tem hoje maravilhosos recursos que dispensam, graças a Deus, o anachronismo da *marapuama*.

● Noivo Fugitivo

Sabido é que houve tres Macarios, vasos insignes de virtudes, um Macario egypcio, outro alexandrino de nação grega e outro romano, descendente de familia nobilissima.

E' deste ultimo que queremos referir o caso estranho da sua vocação de eremita.

Desde seus verdes annos, afastado dos jovens romanos que o buscavam, sentia Macario quanto lhe repugnava o convivio da mocidade viciosa que o cercava de perto.

Não menos o sentiam seus paes que trataram de o fazer desposar uma donzella de equal prosapia afim de que se apurassem em ambos as qualidades de nobreza que eram o apanagio de ambas as familias.

Na noite em que alegremente eram celebradas as bodas com grande concurso de povo entre demonstrações festivas, aproveitando o momento em que o regozijo empenhava a attenção dos con-

vivas, esgueirou-se, Macario para o sombrio jardim do palacio e dahi ganhou o caminho da floresta, e della, após fadigosos dias de jornada, vadeando rios e atravessando os mares, alcançou o deserto, onde resolute deliberara viver.

Não tardou que não descobrisse uma cova onde encontrou uma leôa agonizante e dous cachorrinhos ainda imbelles.

Macario cuidou da féra enferma que logo depois morria, deixando-lhe a sociedade temerosa dos dous leõezinhos, doces ao inesperado bemfeitor.

Assim viveram algum tempo esses amigos do deserto, quando passado um anno, viu Macario, perto da cova que era o seu eremiterio, um lenço que alvejava sobre a terra. Attonito, não sabia o eremita explicar o sentido daquela novidade. Logo, ao outro dia, avistou uns sapatinhos de seda, o que tudo lhe denunciara a presença e a passagem de uma mulher.

Ao cabo de tres dias, viu «estar asentada sobre uma pedra (diz o doutor que estou repetindo) uma moça de gentil presença e preciosos vestidos, destilando dos olhos copiosas lagrimas».

Inquiriu Macario, enternecido das razões que teria a peregrina de se achar naquella tão inhospita região, infestada de perigos,

— Eu, disse ella, nasci de familia nobre e desposei-me com Macario que me deixou e fugiu para o deserto. A' sua imitação resolvi fazer a mesma vida na solidão uma vez que não soubemos fazel-a no amor. Aqui estou, sem saber por onde vá...

Levou-a Macario para a cella, incautamente. E, quando foi noite, a donzella, transida de terror tremia e lagrimosa, buscou o eremita que adormecera descuidado e não quiz d'elle apartar-se senão quando os primeiros raios de sol os encontraram consumidos no mesmo incendio de vergonha.

Dahi por deante os textos dessa historia são obscuros. Dizem uns que, a exemplo da leôa, poude Macario conservar a prole com dous mimosos rebentos que encheram de risos cristalinos aquella solitaria caverna do deserto.

Outros, porém, asseguram que uma longa penitencia os restituiu a ambos, á santidade do amor e da religião.

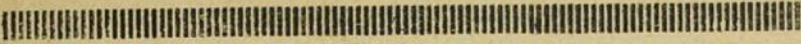
O que é certo, (nesse ponto não são encontradas as opiniões) é que Macario, de regresso á patria, entrara para a milicia christã do imperador Constantino e foi encontrado morto ao pé da Ponte Milvia onde se travara a batalha triumphante da egreja.

Essa historia esclarece talvez, por anachronismo, muitos seculos depois, o dito do grande Napoleão de que nos

combates de amor a victoria mais certa e saborosa é a da fuga.

Fujamos para o deserto ou para onde fôr, que os proprios leões se mostram doces e reconhecidos á coragem dos foragidos do amor.

=



O Tesouro escondido

Por vezes pouco importa ao Poder divino a escolha do instrumento mais adequado aos seus extraordinarios propositos. Assim o relata o Padre Stengel no seu famoso livro acerca dos juizos de Deus.

Foi o caso que uma nau desarvoadada por violentissima tempestade naufragou nas costas da Sicilia. Nella vinha um contratador que logrando salvar a vida, todavia perdeu toda a fazenda.

Chegando á terra, foi logo assediado pelos credores que, segundo era lei, o metteram duramente no carcere em companhia de ladrões e malfeitores.

Não tinha o pobre homem outro allivio que o da esposa casta e virtuosa que penosamente adquiria os mendrugos e as migalhas com que alimentava o marido.

Aconteceu que um homem rico e esmolér vendo o estado lastimoso do contratador ainda que se doesse daquella miseria, se deixou tentar do demonio ao

conhecer a esposa formosissima do misero encarcerado. E assim foi que com doçura e mansidão a chamou de parte e propos-se pagar todas as dividas do preso, comtanto que lhe satisfizesse a impura maldade em que se abrasava.

Percebendo a traça que punha o demonio contra as frageis criaturas lembrou-se ella de um texto que ouvira lêr do apostolo S. Paulo onde se diz que o corpo da mulher pertence, todo e só, ao marido.

Considerou na infamia que a afrontava com tão graciosos meneios.

Recusou, pois, a senhora a proposta lasciva e deshonesta e jurou publical-as se o tentador não se desenganasse daquelle torpe intento.

Ouvindo acaso essa historia que os esposos commentavam tristemente, um ladrão, já sentenciado á morte, interrompeu-os dizendo :

— Não vos afadigueis com o dinheiro. Amanhã devo ser suppliciado e em nada me aproveita uma panella de moedas de ouro que tenho em tal logar (e indicou o sitio onde se achavam as moedas).

Ao outro dia, a esposa do contratador foi ao esconderijo apontado e achou o thesouro occulto. Com este, pagou todas as dividas do esposo, libertando-o do carcere, restituiu-o á felicidade commum.

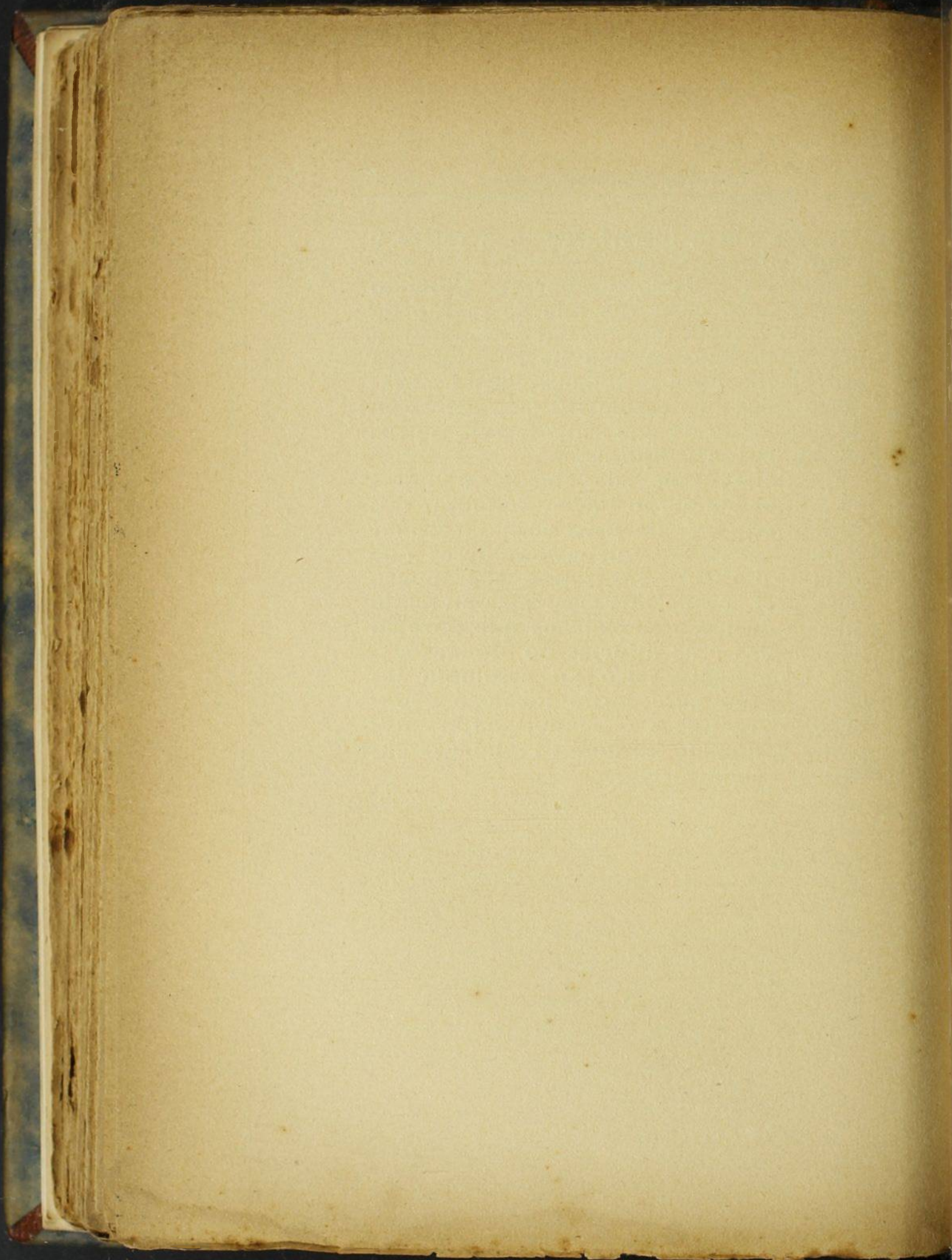
Eis ahi a historia como a refere o Padre Stengel.


O Dr. Gronovio, porém, glosando este famoso caso, diz que de ladrão da volupia (como era o rico esmolér) a ladrão de moedas não havia differença apreciavel. Fóra melhor explicar o achado do thesouro escondido pela revelação de um sonho de que se conhecem outros exemplos maravilhosos.

Additando novo commentario, o grave doutor coimbrão Padre Balthazar dos Santos não acceta essa emenda gronoviana declarando que as mulheres que acham dinheiro em sonho são pouco para crer, e não merecem maior credito que os demonios nocturnos que povoam os bosques e as alfurjas do Mondego.

Comquanto leigo no assumpto inclino-me ao parecer do theologo coimbrão. Para que é o sonho, simples hypothese, quando ha tantas realidades patentes e admiraveis?

=





A Senhora Capitoa

Andando a espairecer em Hamburgo no tempo da Hansea o granve doutor Arnulfo Berengarius, da muito douta cidade de Bolonha, não conseguiu descansar de suas fadigas como era o seu intento.

Foi o caso que o procuraram os magistrados que é assim que se appellidam os vereadores da cidade livre e com instancia pediram ao theologo e doutor que interpuzesse o seu juizo acerca de um litigio singularissimo que perturbava os tribunaes.

Movia o pleito certa viuva de um capitão de navio contra o piloto Othon de Erlemburgo, de quem exigia cerca de cem mil leões de ouro de Hollanda por se haver apoderado de uma alfaia preciosa que estava a bordo e pertencia ao capitão defunto.

A questão parecia importante, senão que era excessiva a indemnização pedida, pois que nem os banqueiros da Hansea e muito menos um simples pi-

loto, poderiam satisfazer tão avultada quantia.

Sendo o caso insolito e o seu tanto mysterioso, recorreram os magistrados ás luzes de Berengarius cuja fama de dar volta ás mais asperas difficuldades era um penhor de justiça e moderação.

Sem perda de tempo, informou-se Berengarius desse negocio. Entreteve-se com a viuva e com subtileza e manha veio a saber que a alfaia roubada era uma boneca que o capitão obtivera por industria que a fabricasse um notavel imaginario e esculptor de Nurimberga, o qual acostumado a encommendas do mesmo teor adoptara a especialidade rendosa do que elle chamava por sua lingua a *Frau Schiffscapitän* para as viagens de longo curso.

Em seguida procurou Berengarius o piloto e verificou ser a boneca extraordinariamente parecida com a viuva, o que se pudera attribuir a acaso diabolico como os ha neste mundo.

Concitou, pois, o piloto que era pessoa joven e inexperiente, a concertar sua imprudencia e restituir a alfaia ou os cem mil florins que exigia a viuva lastimosa.

— Mas, onde achal-os? dizia o piloto, senão tenho um ceutil de meu?

— Enganas-te, meu rapaz. Tens muito mais que cem mil ou um milhão de florins de Hollanda. Dir-t'o-ei em

minha casa, amanhã, ás mesmas horas a cujo prazo não deves faltar. /

Ao outro dia, no aposento do subtil theologo (que havia astutamente preparado a audiencia) encontraram-se as tres pessoas desse drama: Berengarius, a viuva e o piloto.

Taes foram as praticas alegremente entretidas á mesa, sob o calor do vinho do Rheno, que saíram todos contentes. Ao ouvido do theologo dizia a viuva:

— Creio que vou receber mais do que pedia.

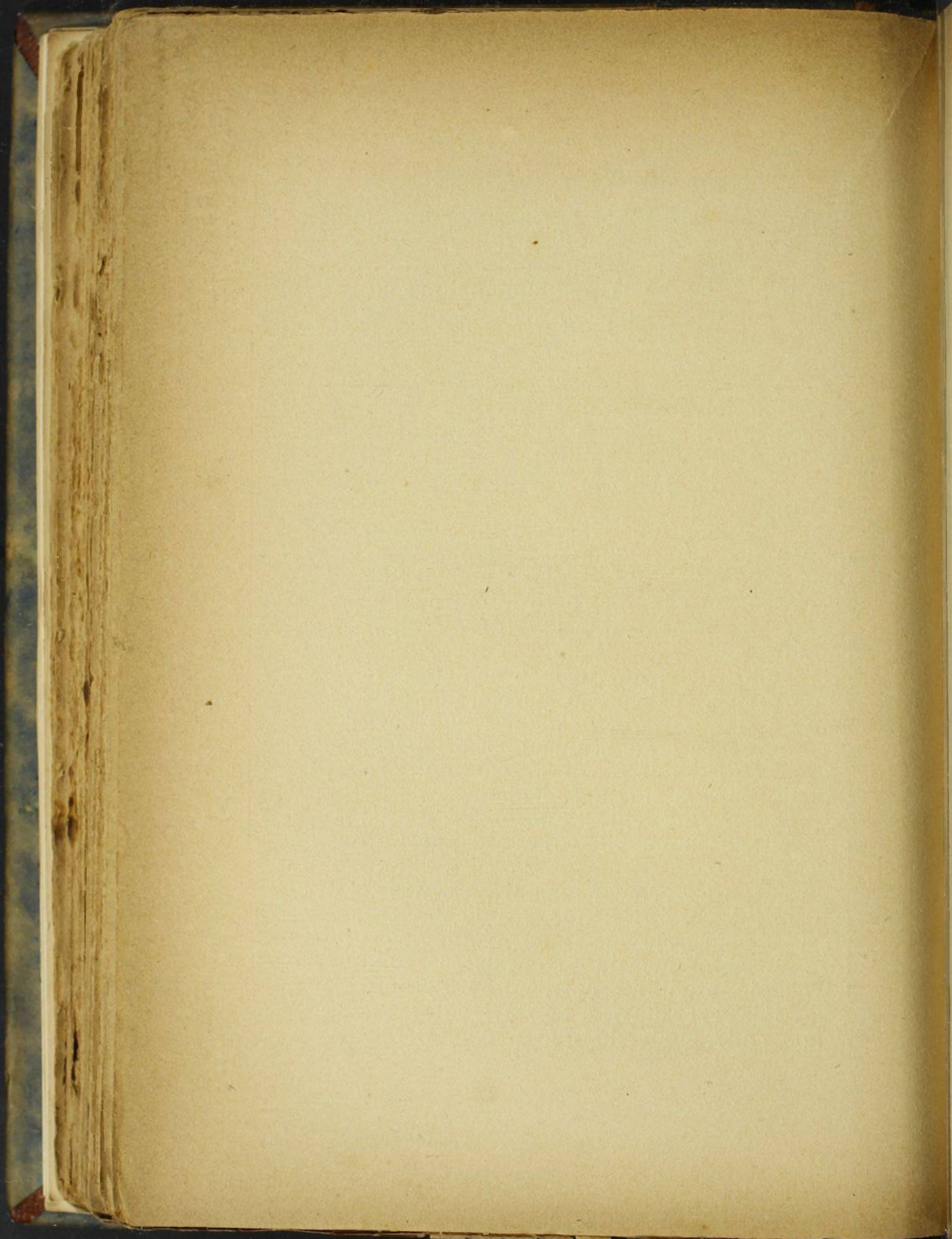
E assim foi. Não havia passado quinze dias, num domingo festivo, desembocava da egreja de S. Miguel um par de recém-casados lampeiros e mimosos. Seguia-os o theologo que lhes dera a benção nupcial.


Todos acharam justa a sentença de Berengarius. O theologo, porém, não quiz sair de Hamburgo sem pedir como paga e recompensa aquella auspiciosa boneca.

— Queimamol-a, disse o piloto. Era demais para a nossa felicidade.

Deram-lhe, entretanto, os esposos apaziguados uma fita que escapara ao incendio.

Levou-a Berengarius para o seu Museu de mecchiologia, que é uma das curiosidades secretas de Italia. Não se conteve, porém, que não compuzesse uma letra que attribuiu ao capitão defunto e fez inscrever na fita sobrevivente: *Fidelior cane*, mais do que o cão, fiel.





Acerca dos Livros

Para que serve ler livros e bibliothecas inteiras? Servem elles apenas para confundir o espirito, encher de contradicções a alma ingenua dos homens.

No oriente ninguem lê. Contamse historias á sombra dos caravançarás, e a sabedoria humana passa de uma alma a outra sem outro intermedio que o do rumor das vozes.

A sciencia dos magos era feita desse fluido da conversação.

O livro é de alguma maneira uma fraqueza vergonhosa, sobre ser arriscada e exposta ás mais perigosas contaminações.

Sirva de exemplo aquelle Santo Ephrem da Mesopotamia, que foi um dos memoraveis testemunhos de quanto póde a vontade illuminada pelo resplendor da doutrina.

Assim é que, na phrase do nosso Padre Manoel Bernardes, de planta humilde e rasteira, como havia desabotoado na campina subiu a ser um dos cedros

mais eminentes e frondosos do christianismo.

Nunca aprendeu a ler, nem abriu livro, sendo a leitura para elle um exercicio diabolico, uma especie de magia propria dos idolatras.

Levava horas inteiras a conversar com as palmeiras e com os animaes, cujos ruidos conhecia e deletreava.

Alguns dos seus discipulos colheram dos seus labios os colloquios que passaram á lingua syriaca.

Não sabia o grego e nem o queria conhecer, porque era esta a lingua dos philosophos, gente malsã, de quem, com razão, se temia.

E a prova de que estava com a verdade, é que muitos seculos, mais tarde, quizeram os protestantes e inimigos da Igreja ver nos seus escriptos, que não escrevera, a justificação de varios erros acerca da graça e da eucharistia, forçando e deturpando as palavras daquella columna da fé.

Assim é que, por divina antecipação, tinha natural horror aos livros e temia os doutores e philosophos.

No seu tempo, que era o IV seculo da éra christã, abrasava aquellas partes do oriente onde vivia, a abominavel seita dos *concupinarios* do heresiarcha Apollinario, que prégava o vicio da lascivia contra o sagrado matrimonio.

Havia desafiado o santo o famoso

e impudico herege, para, em disputa publica, mostrar as excellencias da sua desgraçada doutrina.

Santo Ephrem, homem de educação imperfeita e de escassas letras humanas, não quiz recusar o desafio, contando que o escudo da fé seria o bastante para desarmar todos os embustes, quanto mais aquelle que se fundava na impudicicia e na idolatria.

Comtudo, soccorreu-se de um estratagemata profano e perigoso.

Começou a requestar a concubina principal do seu adversario e alcançou della, por emprestimo, o livro dos Argumentos do herege.

E, em breve hora, grudou com colla de peixe, uma contra outra, as paginas do papyro maligno que sem demora restituiu á concubina.

No dia a que tinham dado prazo, reuniram-se os doutores e Santo Ephrem começou a batalha.

Em certo passo, sentindo-se mal, puxou Apollinario do seu papyro dos Argumentos, onde estava mettida toda a sciencia dos philosophos do gentilismo, mas desenrolando-o, não viu mais que paginas em branco.

Succumbindo a essa prova terrivel, deu-se o heresiarcha por vencido, pois que nada sabia por si e toda a sua sciencia era a dos livros.

— Os livros, disse então Santo

Ephrem, nada nos ensinam e de si mesmos se apagam.

E accrescentou:

— Só ha um livro verdadeiro que devemos lêr. E' o livro em branco.





Cinzas

As grandezas humanas, todas se voltam em cinzas. Esse é o ultimo cabo de todas as vaidades.

Na chronica das Indias achamos repetidos exemplos de como revertem ao pó as mais alentadas cobiças que, obrigaram os homens a alongar-se da pobreza nativa para grangear a fortuna além dos mares.

Uma dessas historias foi a de um pirata que assaltando um galeão que voltava do Mexico, affrontando ferro e fogo e os riscos de naufragio conseguiu apre-sar uma arca cheia de ouro com que recolheu á sua terra.

O ladrão que havia arrebatado a arca do mesmo golpe raptára a esposa do capitão, a qual perfidamente o animára dizendo: Prefiro o teu ouro furtado ao meu marido empobrecido.

— Viveremos longe e felizes. Esse ouro que tomaste foi tambem roubado ás lagrimas dos indios e ás terras espoliadas do novo mundo.

Mas havia no coração do pirata ao lado do escaninho ardente da volupia o outro esconderijo da castidade abafada.

Esteve um tempo a pensar aquelle pirata nesse execrando latrocinio, com o intento de restituir o ouro, mas não a presa principal que era a mulher de quem já se deixára prender.

Convieram os dois em que seria uma boa idéa entregar aos pobres uma parte daquella inesperada fortuna, pensando talvez naquella homilia de São Basilio de que dar aos pobres vale o mesmo que emprestar a Deus: «danezei Theoi».

E assim o fizeram tanto melhor quanto as migalhas da esmola não minguaram o thesouro fabuloso.

A Deus, porém, não aprazem esses empréstimos forçados da generosidade criminosa.

Feitas, todavia, as esmolas, cada moeda em que tocava o miseravel ficava logo reduzida ás cinzas.

De que serviu aquella arca em que os dois criminosos puzeram toda a esperança?

Convencido do erro e talvez arrependido do maleficio que praticára com tão abominavel ousadia, ajuntou então outra, a de restituir a mulher formosa, que raptára, ao seu verdadeiro dono.

— Levarás a arca ao teu marido. Tu e as moedas podereis consolar o or-

pham dos carinhos conjugações que perverti.

E poz por obra a traça que imaginára para evitar a condemnação de que já sentia os tormentos incomportáveis.

Concordaram ainda desta vez, lembrada a mulher de que não se vive de cinzas e por ventura o seu primeiro marido, a volta do Mexico, traria outro galeão de prodigiosa fortuna.

Assim se fez a restituição desejada. O marido roubado acolheu os despojos da arca e fez, com espanto dos criminosos, tilintar de novo as moedas sonoras e luzentes.

— Quanto á mulher, disse elle com a voz tomada na garganta (pela muita sêde que trazia de dão longa viagem) ficae com ella. Estou certo que se eu a tocara agora, ficaria reduzida a cinzas. Ha muito que para mim essa nuvem peor que as da tempestade não passa de uma nuvem de poeira.

— Levae, pois, a cinza (continuou) que esse é o sinal do verdadeiro arrependimento.


O pirata guardou a mulher, que era sempre guardar alguma coisa e não era o peor da sua vida.

Ainda uma terceira vez concordaram ambos que valia a pena viver, mas o ladrão, entre si, percebeu que fôra roubado. A toda a parte a levava para

vêr se acaso algum imprudente se deixaria enganar daquelle demonio.

Envelheceu ella, encarquiliou-se, perdeu os dentes e era de facto um montão de cinzas, quando o chronista das Indias colheu esta narrativa.

— Sou cinza (dizia a velha) mas um dia fui fogo! — sob a surriada e a zombaria dos que a ouviam. Consolava-se do seu proprio inferno.



Rodam, a Malaventurada

Lenda Portuguesa.

No tempo dos godos, nas terras portuguezas, tornou-se memoravel o castigo de Rodam a esposa do rei Wamba.

Andava longe a guerrear as suas guerras o famoso rei Wamba quando cansada da ausencia e picada pelo demonio fugiu Rodam a leviana esposa para o castello de um senhor mouro além da fonteira marcada então pelo rio Tejo.

Ao regresso de Wamba, ainda sangrento dos combates, mandou o rei que se fizessem todas as diligencias em busca da rainha fugitiva.

O rumor da extranha aventura era já um pasto familiar da maledicencia.

Poucos tinham a coragem de divulgar a noticia na presença do rei, excepto um mouro cristão e leal.

— Senhor! disse o mouro que se havia baptizado e militava nas hostes visigodas. A rainha secretamente foi ter ao castello de Abdul de quem se apaixonara nas canas e torneios com que

se celebrara o vosso triumpho, o anno passado.

Concertou então o rei com os seus cavalleiros a vingança que planejara e assim falou para elles:

— Vou buscar a rainha a preço de minha vida. Quando ouvirdes soar um clarim, acorrei ao castello para me prestardes ajuda, pois o meu fim estará proximo.

E assim o fez. Durante a noite atravessou a nado, furtivamente, o Tejo e protegido das sombras em trajas de mendigo chegou ao castello onde pediu pouxada como peregrino que era extraviado por aquellas paragens.

— Não me enganaes, disse reconhecendo-o, Abdul, Sois o rei Wamba que vindes buscar a rainha.

Morrereis por essa affronta, mas escolhei a morte que vos apraz.

Esteve um tempo a pensar o misero e real prisioneiro que, astutamente, agradeceu esse derradeiro favor que lhe concedia o verdugo, e falou com simulada prudencia:

— Se, Abdul, se eu fosse a ti, a tua morte seria a de fazer atroar o clarim a noite inteira até rebentares dos peitos.

— Assim, será a vossa morte, Wamba.

E levou-o fóra, até ás barbacans do castello e poz-lhe ás mãos um clarim.

O rei Wamba com todos os espiritos que lhe dava a ira e vingança, fez soar o clarim cujas vozes se espalhavam além dos campos.

Longe, ouvindo a taramela guerreira, os cavalleiros numerosos de Wamba como era do ajuste, saíram e impetuosamente assaltaram o castello.

Alli perdeu a vida o valoroso Abdul e poude Wamba recobrar a rainha e esposa infiel trazendo-a ao seu solar e á presença de seu filho adolescente.

Aventaram então os cavalleiros o castigo que cabia á abominavel creatura, o qual pelo menos seria o de morte.

Emparedada? Degolada? Afogada no rio que rumorejava alli perto? Queimada pelo fogo mais leve que o dos tormentos infernaes a que Deus já a teria condemnado?

Nisto, o adolescente approximou-se do rei e curvando-se ante elle, murmurou com voz lenta e lamentosa.

— Ella e eu, disse o joven principe, somos uma só vida. Della nasci e com ella quero morrer sob a mesma espada, o mesmo fogo ou o mesmo abysmo das aguas...


Esteve o rei Wamba a pensar algum tempo, e o amor do filho precipitou a misericordia que já lhe enternecia o coração.

— Venci todas as minhas guerras;

não é muito que perca essa victoria que eu proprio não soube ganhar.

— Fez muito bem el-rei, disse um torvo philosopho. A segunda lua de mel é sempre a melhor; segundo um dito attribuido a Menelau após o excidio de Troya ao recuperar a doce e suspirada Helena. E' humana essa alegria e bem melhor que uma inutil desforra.

=



Ainda a respeito do Judeu

O Dr. Balthazer dos Santos, theologo abalisadissimo nas letras humanas e divinas, examinou, com acurado estudo o caso do naufragio do primeiro Bispo do Brasil, Dom Pero Fernandes Sardiha e tanto o indignou a calunnia do misero judeu como o commovera a fraqueza de animo do Visitador.

Pareceu-lhe que antes de tudo lhe corria a obrigação de ler o *Tratado sentencioso moral e descriptivo* do licenciado Heitor Furtado de Mendonça. E, feitas as diligencias que o amor da verdade requeria, encontrou o manuscripto daquelle obra na Torre do Tombo onde se acham outros papeis da Santa Inquisição.

É buscando o ponto do livro onde se escrevia do naufragio da nau — *Nossa Senhora da Ajuda* — nos baixios de D. Rodrigo no Coruripe, leu o seguinte: «ahi naufragou o primeiro Bispo e com elle mais de cem individuos que tinham tomado passagem para o reino».

Até ahi não achou materia plausivel para objecção, mas viu que se seguiram algumas linhas quasi illegiveis de gregotins emendados e refeitos onde alcançou ler com amargor as duas palavras «foi devorado», mas entre ellas metteu o licenciado Heitor de Mendonça outra palavra, entre as azas de um V, que se via claramente e que era *talvez*.

Talvez?

A duvida que tanto significava, esse *talvez* achava-se explicada, pelo depoimento do miserando judeu.

— Mas a verdade, disse o doutor, esplende fulgurante no catalogo dos Bispos da Bahia, onde se encontra o admiravel disticho que rememora o Santo Bispo.

Brasiliæ primus a crudeli gente voratus
Pastor oves pavi carnivorosque lupos.

Ora, nenhum latino que não fosse tocado da graça divina seria capaz de compor taes versos na lingua do poeta mantuano.

Só a verdade poderia inspiral-os e tenho que esse disticho é por si uma prova admiravel... *carnivorosque lupos*.

A mentira não tem latinidade.

O judeu mentiu certamente e o licenciado caiu no peccado de acreditarlo com aquella desastrada interpelação no texto do *Tratado sentencioso, moral e descriptivo*.

A grande, a maior prova, porém (continuou) do martyrio do Bispo está no facto largamente testemunhado por todos e é que ainda hoje naquellas paragens desappareceram as hervas e os passaros, e o terreno calcinado ficou perpetuamente esteril.

Essa é a grande prova da verdade, pois que foi emanada do céo e do summo poder divino.

Ganumbi, a flor da taba caheté, nunca existiu senão na impia calumnia do judeu. E' sabido que quando Mem de Sá quiz tomar a desforra contra esses barbaros ferozes, não encontrou um só, tendo todos desapparecido por extermínio deante da colera divina.

E comquanto não possamos dar credito a homens novos e ignaros da historia, é certo que um delles bandeirante, tomou para sua hégira a morte do Bispo comido e regado a cauim nas plagas este-reis do Coruripe.

Foi esse o parecer tão bem argumentado do douto theologo, que, entretanto, conclue nesses termos:

— Quem quizer que creia em Ganumby, em Gil Gomes e em outras potencias infernaes. Eu nada vi e se tivesse de escrever o *Tratado* pelo menos citaria em nota o judeu, para salvar a minha consciencia. O erro e a blasphemia lá ficariam com elle.

Na Biblia ha, por exemplo, uma

Abigail que aqueceu a velhice do santo David, mas casos taes não devem sair do texto sagrado para os *Tratados* profanos.

A' velhice apraz uma lareira nova e quente. O bispo já entrado em annos poderia aquecer-se sem damno da religião.

=

B por V

Na idade media o cancellario de Inglaterra, homem amigo das letras e muito mais amigo do copo engenhou um epigramma latino que applicou á gente portugueza.

Havendo elle observado que os lusitanos, em certas partes do reino, trocavam o *b* por *v*, saiu-se com esses versos :

Beati lusitani!
Apcid quos vivere est bibere.

Achava o letrado que era excellente esse equivoco ou *trocado* como lhe chamavam, em que *beber* e *viver* eram duas cousas indistinctas numa só verdadeira, entre portuguezes.

E parece que não errava muito porque o bom vinho é uma tentação a que poucos escapam em toda sazão do anno, sendo varios e oppostos os pareceres de que esquenta e esfria, consoante as intemperies.

Peregrinava o douto latinista, autor

do epigramma, pelas collinas do Douro, fontes do nectar divino, quando com o cair da noite teve de pedir pouso e albergue numa cabana de pastores que alli havia.

Estava a pobre gente á mesa e comia com o appetite e o alento que lhe davam as fadigas terminadas no duro labor das vinhas.

Esperou o cancellario pelo postre e, como lhe parecia tardar alguma cousa, desembaraçadamente pediu vinho.

— Pois então, até agora não vejo o principal. Não bebem vinho os meus amigos?

— A náu ingleza que hontem saiu do porto, levou-o todo quanto havia. Nós não bebemos cousa alguma. E alli estão naquelle cofre as moedas que nos deram pela colheita.

O cancellario do rei inglez esteve a meditar um pouco sobre a fallacia dos epigrammas não menor que a inconstancia das letras.

Um dos circumstantes por mais arguto não perdeu a occasião de um remoque ao letrado, cujo epigramma conhecia :

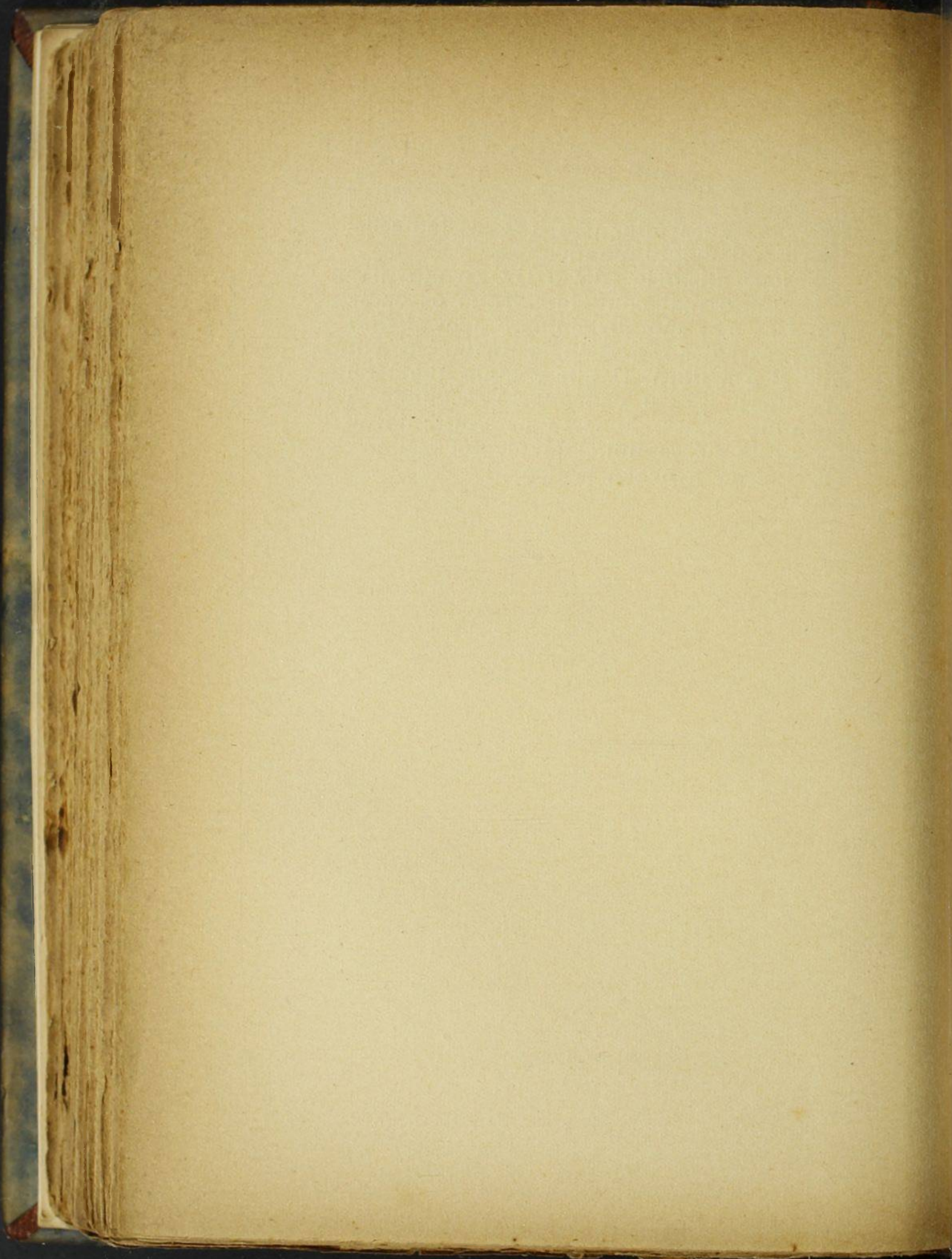
— Nós em verdade trocamos o *v* por *b* e pela mesma regra trocamos o vinho pelo chelim que é bem melhor que o *b* do vosso epigramma.

Ao levantar-se, o cancellario deixou sobre a mesa *binte* libras esterlinas con-

tra as quaes ninguem fez, reclamação literal ou epigrammatica.

Essa historia (diz o Dr. Gronovius) está muito mal contada porque os camponeses não são abstemios e nem *chelim* é *b*, salvo no alfabeto britanico em que P é a libra. O que é mais digno de credito é que o cancellario, segundo o costume inglez, bebesse as vinte libras da conta nessa noite de memoravel peregrinação e bebeu pouco.





fini
de
est
na
an

na
tr
ba
ag
na

es
en
to

la
le
o
d
c

○ Bom Ladrão

A dois mil passos de Viseu aonde fui para vêr de perto a famosa Cava de Viriato, de que guardo memoria para escrever uma noticia, ha uma pequenina capella quasi em ruinas, arrasada na abside e com a frontaria esboroada.

Ainda póde ler-se uma inscripção na parede principal com as unicas letras que restam: «Ex R... vit... sac...» bastantes para desafiar o engenho e a agudeza dos curiosos de antiguidades nesses delubros carcomidos do tempo.

Eu, porém, conheço a historia dessa egrejinha e a sua singular inscripção, graças a uma chronica manuscripta que vi em Sevilha para onde correm muitos dos thesouros da lusitanidade.

A «chronica» trata especialmente de ladrões, thema nacional, segundo aquelle dito do jurista romano de que todos os espanhoes são habilissimos ladrões de gado: «Hispani omnes acerrimi abactores».

Os antigos não mentem.

Como quer que seja, quem rouba muito rouba pouco, não importa qual seja a fazenda.

E esse vicio explica a origem da capella e o seu orago do «Bom Ladrão».

Eis a historia como a posso abreviar da chronica hispallense.

Quando o illustre padre mestre Dom Frei João de Portugal (um conde de Vimioso que por desenganos de amor se metteria frade) regia a diocese de Viseu, chegaram-lhe varias denuncias acerca de um clerigo ladrão contumaz e perigoso que alli vivia nos arredores da cidade episcopal.

Sabido o rigor e o desvelado zelo com que o bispo castigava a relaxação do clero, causou não pequeno espanto que repellisse aquellas denuncias como calumnias indignas de credito.

A esta sombra o padre Miguel roubava e furtava tudo quanto lhe cahia nas unhas.

De uma feita chegou a surripiar a patina do calix sacrosanto na missa, em momento em que o sacristão estava do lado do evangelho e elle, o padre, do lado da epistola.

Foi então que noticioso do crime e sacrilegio o bispo interveio e resolveu fazer uma visita ao padre Miguel.

Encontrou-o mal vestido, andrajoso, num casebre rustico e miseravel a mastigar um pequenino pão.

— Meu filho, disse o bispo. Sei que és pobre, não tens barregã nem gastas sequer o ordinario que é mistér para viver. E' porém, tempo de restituíres todas as riquezas que roubaste ás nossas ovelhas e até á casa de Deus.

Apertado pelas razões do bispo, o Padre Miguel confessou o latrocínio não sem accrescentar: Roubei, sim, para a gloria e o serviço de Deus.

E abrindo uma velha arca onde estavam as suas presas, della retirou um grande papel onde estava a traça e o desenho de uma capella, a capella do Bom Ladrão, que elle intentava construir.

O bispo achou engenhosa a applicação do roubo e como tanto Don frei João como o padre Miguel eram bons latinos levaram ambos algum tempo a assentar numa inscripção que havia de ser gravada na fontaria da capella.

Ficou assim a inscripção: «Ex rapto construxit opus, dicavitque sacellum».

O que em linguagem diz assim:


«Com o roubo construii esta obra e dedicou esta capella...»

Como foram ambos, o bispo e o padre, accordes no mesmo intento, dahi nasceu a confusão entre os historicos a respeito do verdadeiro ladrão. Uns querem que fosse o bispo, outros que o padre.

Quanto a mim acho a duvida ociosa

por que eram ambos da Espanha onde «omnes acerrimi abactores sunt», opinião muito mais antiga e respeitavel que a das «chronicas».





○ Príncipe de Salerno

Poucos sabem a historia do principe salernitano que morreu santo, ou pelo menos bemaventurado, segundo as antigas chronicas de Italia.

Divergem os historiadores quanto ás razões da sua renuncia que não parecia condizer com a vida tempestuosa de sua mocidade.

Não parecia que tivesse a vocação da vida monastica, vivendo sempre em guerra injusta com os atribulados vizinhos.

Affirmam alguns historiadores que a sua falsa conversão não era mais que a saciedade de seus mesmos crimes. Queria a volupia de ser santo depois de haver sido um demonio; coisa difficil de crer e ainda mais de executar.

Opinam outras autoridades que jamais tivera Salerno um principe tão lascivo e deshonesto e que, em verdade, ninguem sabia o fim daquella vida, pois desapparecera subitamente da côrte, to-

mando ignorado caminho, que bem podia ser o do inferno.

Vamos relatar apenas uma versão acreditada nos «Chronicões» da cidade que ainda hoje se guardam na bibliotheca da escola medica, comquanto o conteúdo nada offereça da sciencia phisica dos doutores.

O que diz essa versão, interpolada de cotas duvidosas, é que certo Principe de Salerno se convencera da impudicicia de uma filha sua de nome Sigismunda a quem por maledicencia accusavam de commercio illicito com um joven guerreiro, mancebo virtuoso e temente a Deus a quem os seus rivaes determinaram perder.

Julgava o Principe que devia atalhar aquelle contacto entre os dois jovens e fez todas as diligencias para os separar ou impedir que se vissem, temerosos do contagio abominavel.

Mas, foram baldados e inuteis todos os seus esforços, ao mesmo tempo que crescia o incendio daquella presumida deshonestidade.

Emfim, exhausta a piedade paternal, teve de recorrer á expediencia mais atroz de matar, se mister fosse, os dois criminosos.

E ainda assim por mais que multiplicasse a vigilancia dos seus guardas e escutas, só conseguiu colher o joven amante da princeza que descuidosamente

se deixara apanhar dos esbirros, e fora levado á presença do principe.

Era um mancebo gentil a quem o principe devia algumas das suas passadas victorias na guerra. Confessou o criminoso a sua desvairada paixão, pediu a morte para si como castigo menor para o seu erro e ousadia, mas chamando a si todas as culpas pediu a misericordia e o perdão do principe para a princeza que declarara innocente e immaculada.

Não quis o Principe attender á supplica e fez escorchal-o vivo e arrancar-lhe o coração que ainda palpitante foi posto numa ambula de ouro.

No mesmo dia, e poucas horas dahi, recebia a princeza a reluzente ambula com o seguinte recado: «Dentro desta ambula encontrarás vivo ainda o coração de Eunidio que tanto amaste».

O proprio pae que assistia a essa dolorosa scena, amparou a princeza que caíra desmaiada deante do horroroso espectáculo. E apesar de seus rogos e lagrimas não conseguiu chamal-a á vida.

Sentiu a enormidade daquelle castigo que a ira lhe havia inspirado.

E comprehendeu então que era elle proprio o lascivo, e, como tal, calumniador da honra da sua propria filha.

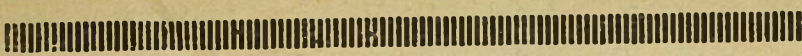
E foi deste modo que, abandonando todas as pompas e grandezas do mundo, encaminhou-se tranquillamente

para o convento de Cemila onde pediu o repouso e a tranquillidade da consciencia.

Tudo que tinha deixou aos pobres e só reservou para si o rosario da Virgem intemerata com que a princeza se recommendava todos os dias á pureza de Nossa Senhora.

Assim refere o mais antigo dos Chronicões de Salerno.

=



Acerca da Exomia

Os graves doutores do nosso tempo nomeiam *exogamia* o costume das antigas gentes de buscarem os varões suas mulheres em terras estranhas e distantes.

Assim o fizeram por muito tempo sem que parecesse barbara a usança e ainda o fazem hoje alguns sujeitos confiados na experiencia immemorial de nossos avós.

A origem, porém, do costume exogamico tem suscitado muitas duvidas e incertezas, parecendo mais acertada a que nos dá Gronovius nas suas *disquisições ante, e post diluvianas*.

Diz elle que o primeiro pae e tronco da geração lusitana foi o Rei Tubal que aportou á bahia de Setubal (assim chamada do seu nome) e foi o primeiro povoador das Hespanhas.

Chegando com numeroso concurso de soldados, o Rei Tubal dizimou com dura guerra os nativos da terra que lhe resistiram, e querendo juntar á força a clemencia e á victoria a generosidade,

declarou que resolvera amparar todas as viúvas, chamando-as a si com suave e paternal misericórdia.

Assim foi que Tubal ficou esposo de quatrocentas mulheres aborígenes, afóra o cento dellas que já possuía. Foi realmente o *rei povoador* como o cognominaram as Chronicas.

Mas, como o appetite com esse manjar mais se aguçou, o Rei Tubal fez declarar por lei que todas as meninas logo que chegassem á idade de révora deviam ser consideradas bens reguengos e patrimonio da corôa.

Mais se povoou ainda a Hespanha com essa novella accrescida á lei antiga.

De tal arte se cumpriu a ordem real que os homens novos com aguda manha iam procurar as esposas, longe e fóra das cidades policiadas onde estariam ao abrigo daquelle giganteu e membrudo Tubal, tronco da familia lusitana.

Como todos sabem, e affirma-o o austero Frei Bernardo de Brito, fundado em Berosio. Tubal era neto de Noé que passou os ultimos tempos da vida na Italia em amizade com Jano, entre pelasgos, e onde semeiou a doutrina nepotiana das mulheres patrimoniaes, orphãs e sem carinho.

Illustra esse costume o famoso rapto das sabinas que foram tiradas das montanhas longinquas pelos guerreiros que

não admittiam de grado o regimen dos bens reguengos.

Dahi foi que nasceu o proverbio latino que reza assim: *Procul a Jove, procul a fulmine*, o que quer dizer, longe do rei, longe do raio.

Na Hespanha, se tal se desse, Tubal fulminaria o proverbio e os seus autores imprudentes e revéis.

A prole tubalense sempre se consagrou a amparar as viuvas com fé pagã, christã e musulmana, tornando a *exogamia* uma inutilidade propria dos institutos e dos museus archeologicos.

E os antigos portuguezes nunca hesitaram dizer que mulher devia ser de *a par do lar* e nem perderam tempo em buscar as visinhas castelhanas assoalhando que «de Castella nem vento nem casamento».

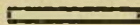
Eu, por mim e de mim, não sei, o que diga dessa explicação de Berosio, de Frei Bernardo que attribuo a feitiçarias antigas do deus Endovellico que se adorou na antiga Lusitania, antes que chegasse a luz do Evangelho.

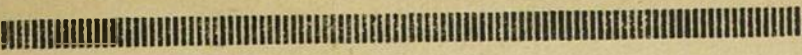
E se entre os apóstolos, um delles disse que não casar é melhor, o que não diria o apóstolo das gentes se soubera das quatrocentas mulheres de Tubal?

Tenho para mim que essas patranhas não merecem credito e que devemos reduzir as quatrocentas mulheres a duas, o que é vulgar tanto na catho-

lica christandade como na profusa lei de Mafoma.

Duas bastam para offerecer quatro variedades como fazem os irlandezes que comem pão e batatas, pão sem batatas, batatas sem pão, e nem pão nem batatas. E assim enchem os dias do calendario.





○ Velho da Montanha

De volta de um pateo de comedia, onde vi os meneios molles e ondeiantes de uma dansarina, cheguei tonto e atormentado com aquelle spectaculo.

Durante a noite deante de meus olhos insomnes via riscas de fogo, que colubreiavam como aspides infernaes.

Logo cedo procurei o licenciado Balthazar dos Santos, o theologo coimbrão a quem sempre eu costumava recorrer nos apertados transes da vida; e delle inquiri se era realmente aquillo a serpe que tentara a mãe Eva.

— E' a mesma serpente, disse-me elle, pausado e grave. Os répteis vivem por muitos seculos e são quasi eternos.

E neste ponto foi tirar da estante um pergaminho do seculo XIV e leu-me em linguagem mais facil que a do manuscrito, o capitulo vigesimo oitavo das Viagens de Marco Polo Veneto.

Mais ou menos foi isso o que leu o theologo:

«Que as delicias da sensualidade foram sempre causa principal de todos os crimes bem poderia demonstral-o a historia daquelle deshonestissimo tyranno Ala-ed-Din ou Aladino, mais conhecido por — *O velho das Montanhas*.

Senhoreiava esse abominavel principe as terras de Mulet onde fundou a seita dos assassinos ou bebedores de *hachich*, bandidos terriveis que saiam a dizimar a gente inerme e descuidosa nos caminhos.

Escolhera Ala-ed-Din um sitio ameno, ensombrado de arvores com os seus campos matizados de boninas odorantes, e nesse paraíso lançara uma legião de mancebos que alli encontravam palacios de fabrica soberba e mulheres formosissimas aptas a satisfazer os appetites daquelles jovens inexperientes...

Quando o velho tyranno necessitava acommetter os christãos que vinham libertar os logares sagrados do Oriente, fazia retirar daquelle ameno sitio de prazeres os seus jovens legionarios advertindo-os de que era aquelle o paraíso dos guerreiros e os que morressem na guerra teriam como premio o regresso áquelle valle de luxuriantes delicias...

Imagine-se o furor com que os jovens guerreiros atacavam os inimigos, acutilando-os, em guerra de exterminio, até que uns e outros succumbiam, como desesperados e amoucos para quem á

vida era o unico obstaculo á felicidade paradisiaca.

Assim durou por muito tempo a execranda seita até que um rei tartaro com as suas hediondas e innumeraveis hostes deu cabo daquella tyrannia e daquella machina homicida».

Morreram Ala-ad-Dim e os seus sectarios, como nol-o reconta o famoso Marco Polo Veneto no seu livro de viagens e foi o primeiro a dar-nos a noticia veridica deste successo do tempo das Cruzadas.

Mas o que elle não contou e o que não é facil conjecturar é o destino daquellas mulheres que foram o instrumento de tão grande mortandade.

No dizer do viajante, eram ellas «muy bem apostadas e ensinadas a bailar, dansar, tanger, cantar, com as suas vestiduras de desvairadas feições, feitas de ouro e pedras preciosas, garnidas de maravilhoso aparato».

Para onde foram?

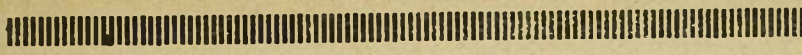
Provavelmente para o mundo inteiro onde se poz a sua prole nefasta a bailar e a dansar para perdição eterna dos homens.

E' sabido que Tamerlão, com ter vencido o mundo, picado por uma dellas, morreu.

Assim disse o theologo e desde esse dia fugi dos pateos de comedia.

Comtudo (tantos são os assaltos do demonio), por vezes cuido que não seria de todo máo morrer como o grande Tamerlão.





A Legitima Cravelha

Havia na Roma papal um talentoso mancebo, admirado pelas suas manhas e habilidades na cythara donde tirava maviosas melodias que a todos encantavam.

Foi, porém, por desconhecidas causas perdendo aquelles favores que o céu com tantos mimos o dotara. Começou a desatinar e a entoar cantigas de «mal dizer» contra tudo e contra todos com grave escandalo daquelles que punham no rapaz as mais risonhas esperanças.

Os mais dos seus ouvintes acreditavam que deviam estar enferrujadas as cravelhas da cythara e comquanto o teor da voz fosse ainda o mesmo, a excessiva maledicencia do canto offendia a castidade das pessoas.

Propuzeram-se alvitres e remedios e não eram poucos os conselhos ao rapaz que ia amadurecendo naquelle peccaminoso exercicio que desdizia das suas primeiras cans.

Com piedoso intento resolveram

temperar o instrumento torcendo aquellas mesmas cravelhas agora emperradas.

Mas não havia força de homem que podesse afinar a cythara.

Cada vez mais peiorava o citharedo na malevolencia das cantigas e na desafinação dos accordes.

De uma feita com versos, (que taes nunca imaginara o torpe Aretino) castigou todo o venerando consistorio romano onde se assentavam quarenta emi-nencias sem poupar a Santidade do glorioso Pio V que então occupava o solio pontificio.

O grande Papa, conhecedor das fraquezas humanas e do muito que ha de esperar da medicina heroica quando applicada a tempo, reuniu os cardeaes e disse-lhes :

— Meus irmãos, fizestes bem em temperar a cythara que nos deleitava com tão divinos accents. Mas não é torcendo as cravelhas do instrumento que conseguireis afinar o musico e o cantor. Ha tambem uma cravelha especial e essa cravelha é a que é preciso torcer sem detença.

E perguntado qual seria essa cravelha mysteriosa e ignota, Sua Santidade não achou prudente responder em termos claros, mas ajuntou :

— Deem a esse pobre homem um pouco de macarrão.

E assim se fez, Cada dia recebia o cytharedo quanto macarrão lhe deram além do natural appetite.

Desde logo as vozes antigas renasceram. A cythara, como se fora vibrada pela mão angelica dos seraphins, entoava melodias celestiaes.

Na proxima reunião do consistorio o arcebispo de Perugia exaltou o expediente do Summo Pontifice que acertara com a verdadeira cravelha.

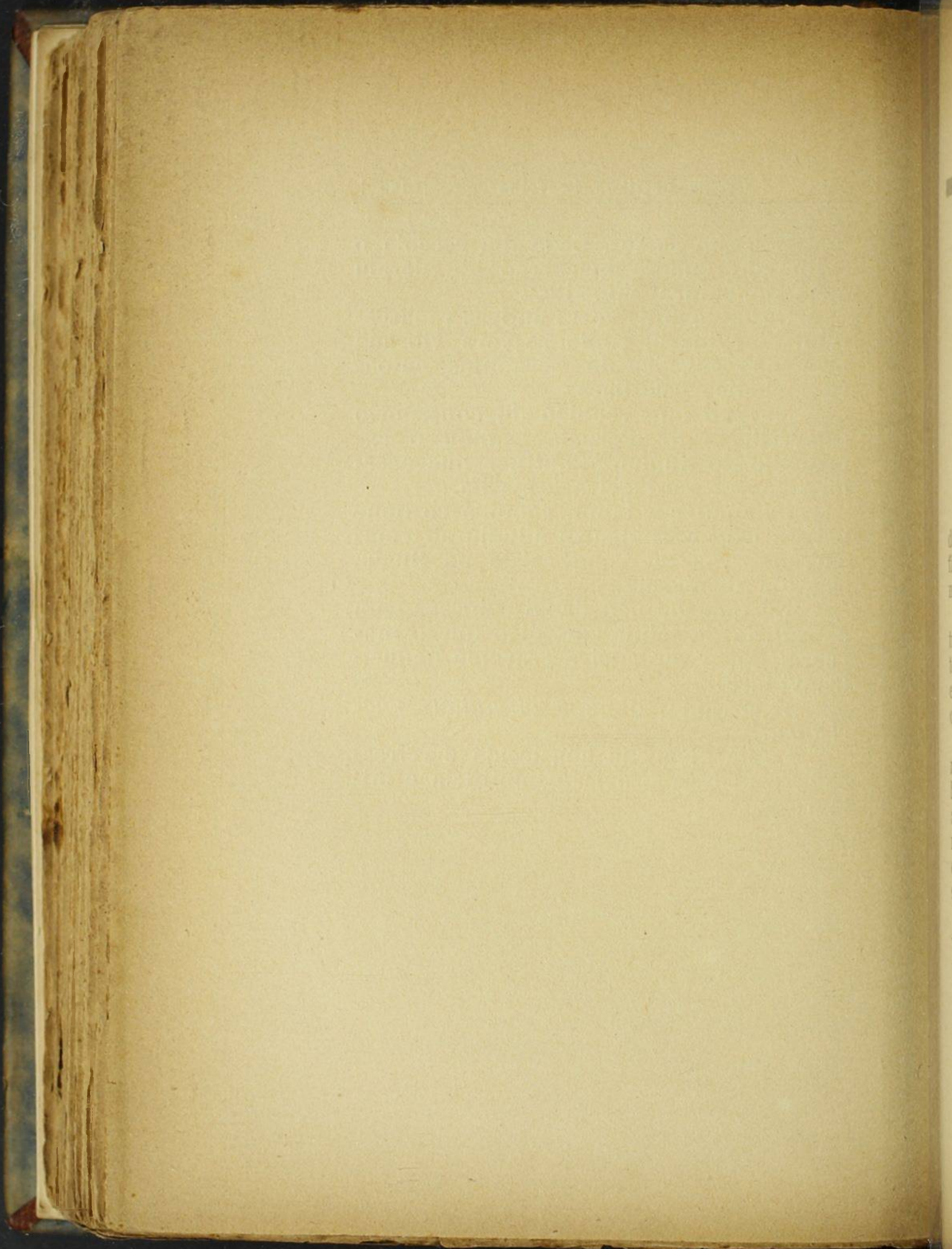
Falando em latim, como é costume entre cardeaes, ninguem alludiu ao «macarrão», voz que não existe na lingua sagrada da egreja.

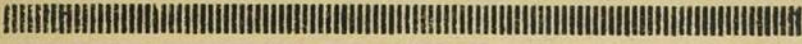
Eu que me não deixo empecer com a penuria da latinidade, digo que o macarrão foi a verdadeira cravelha daquela cythara.

Falo como o papa *virginibus puerisque...*

Oxalá viva ella abastecida e refrescada com essa provisão pontificia e milagrosa.







A Matrona de Epheso

Certamente não ignoraes a historia do matrona de Epheso, recontada com fino donaire pelo elegantissimo Petronio.

Era ella, o modelo de todas as virtudes femininas e de longe accorriam todos os Ephesianos para contemplar esse portento, nova maravilha a accrescentar ás outras da fama.

A matrona de Epheso perdeu o marido e collocado o corpo do esposo no hypogeu, á maneira grega, não quiz dalli arredarse um momento, desgrenhada, ferida de melancholia, inconsolavel e lacrimosa, tanta era a sua inquebrantavel saudade.

Aconteceu porém, que alli perto havia um ladrão crucificado a quem se pozera por guarda um soldado afim de que os malfeitores, seus cumplices, não roubassem o corpo para dar-lhe a sepultura que não merecia.

Uma noite o soldado lobrigou na treva uma candeia que tremeluzia no

hypogêo e para lá dirigiu os passos cedendo á natural curiosidade de quem estava cansado de tão continua vigilia.

E encontrou de facto a virtuosissima viuva de Epheso e tentou allivial-a da sua amargura, com palavras, de consolação e dando-lhe um pouco do alimento de sua magra etapa.

Com muitos rogos e humildade, conseguiu que a chorosa matrona, vencida da fome, compartisse da ração. E ao cabo de um dia, refeitas as forças, sentiu elle aquelle perigo da «*humancæ satiæ*», como diz Petronio.

E attentando em que o soldado era gentil e formoso, amou-o sequiosa e longamente no silencio do sagrado hypogêo.

Tudo contribuia para que esse amor fosse violento e indomavel: o silencio, a treva e o sabor do peccado. Aproveitando a ausencia do soldado vieram os malfeitores e roubaram o cadaver do companheiro.

Sentiu o soldado com esse imprevisto rapto que lhe estavam contadas as horas e que havia de pagar com a vida o esquecimento do dever.

— Não quero já que morras, disse a virtuosa matrona; com tua morte eu perderia duas vezes a minha felicidade. Vem e ajuda-me. Pregaremos na cruz o meu marido morto. E ninguem dará pela falta do ladrão.

E assim executaram ambos o plano que ella tinha imaginado. E fugindo do


hypogêo, onde poderiam ser surpreendidos, desertaram ambos da virtude e do dever.

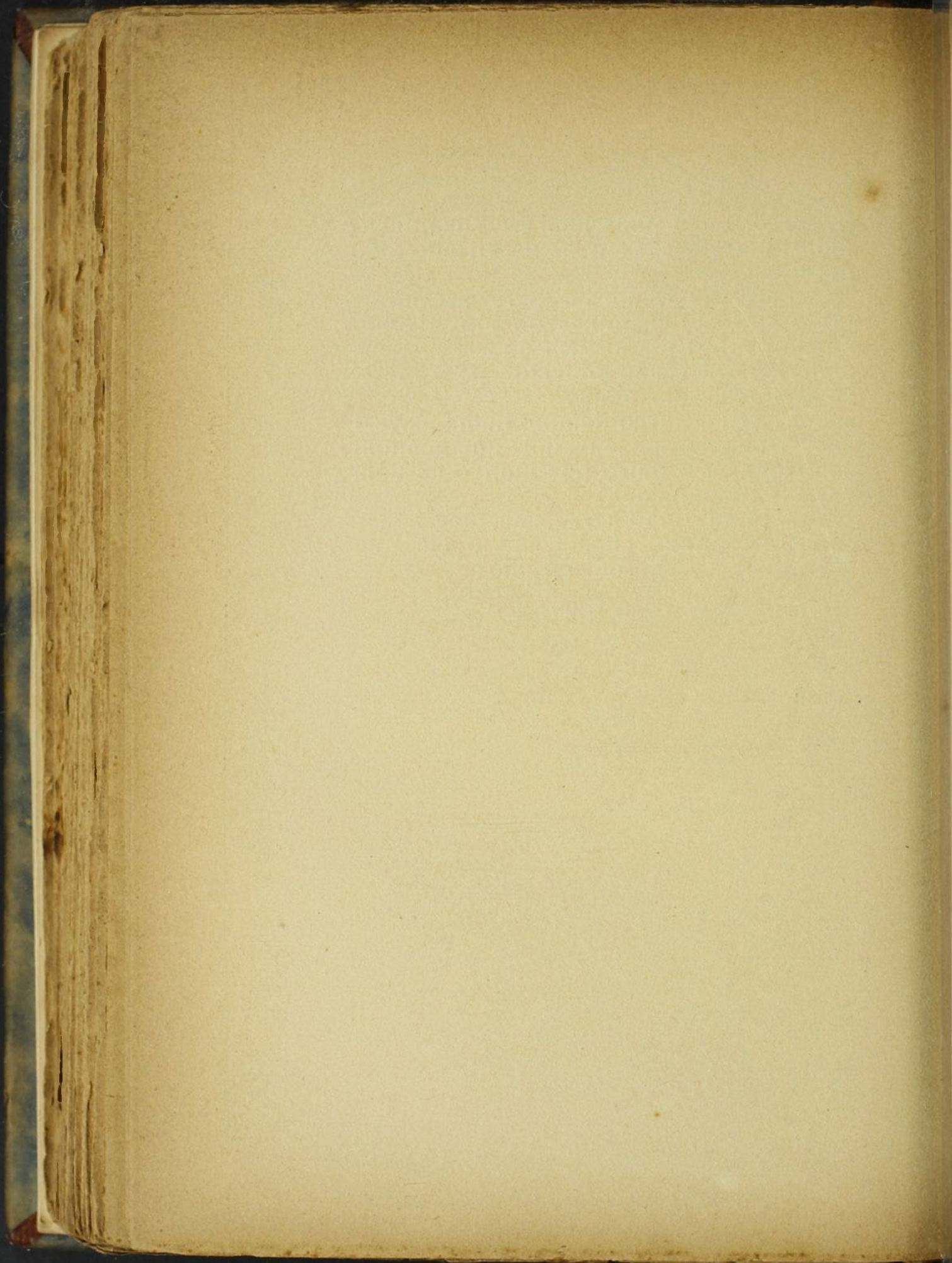
Parece que foram para as plagas inhospitas e longinquoas do alto Egipto aonde os de Epheso nem outros homens poderiam ir senão movidos pela incalculavel força do amor.

Viveram largo tempo numa caverna e prometteram-se os dois que nenhum abandonaria o outro por motivo de uma viuvez inesperada.

O tumulto não agradece as lagrimas; e, vem a ponto, citar como o elegante Petronio o verso de Virgilio:

«Id cinerem... credis sentire sepultos?»







Os Abutres

Em sua jornada para Hieropolis, aonde o chamava um velho amigo em artigo de morte, cavalgava o nobre cavalleiro Eutychio com o pensamento preso áquelle ultimo serviço da amizade.

La triste e cheio de amargura como se póde imaginar em transe tão doloroso e delicado.

Eis senão quando, na volta do caminho onde era mais densa a floresta ouviu uns gemidos lamentosos e logo apeandose da alimaria e rompendo a custo o embrenhado daquella selva foi dar a uma clareira.

Jazia alli a creatura que o despertara com tão lancinantes gemidos.

Era uma mulher formosissima a que via e a que prestou o soccorro que pedia, vendo-a carpida, desgrenhada, quasi sem vestes, os alvos seios descobertos e offegantes.

O nobre cavalleiro Eutychio aproximou-se della e fazendo todo o possivel para desterrar do coração os maus pen-

samentos que o assaltavam, agasalhou-a com o seu manto afim de lhe cobrir a nudez e perguntou-lhe se queria voltar á cidade onde mais efficaz seria o balsamo ou a cura de tamanha afflicção.

A joven senhora recusou esses bons officios, protestando que da cidade ella agora tinha vindo para encontrar a Heraclito a quem dera prazo naquelle bosque.

A esse nome, que era o de seu amigo, estremeceu Eutychio, dizendo todavia que Heraclito a taes horas agonizava e seria um desejo vão vir buscal-o na floresta.

— Eu, murmurou ella, atraíçoei-o vilmente, tentada pela seducção de outros homens. Mas quiz recobral-o. Certo é que Heraclito não pode vencer a dôr dessa ingratidão minha, envelheceu, pereceu e veio para morrer na solidão dessas sombras para evitar o sorriso e o escarneo dos humanos.

— Levae-me para o mais entranhado dessas arvores e lá o encontraremos seguramente.

E foram, assim, andando por algum tempo dilacerados pelos espinhos até que escutaram a voz que mais parecia vir de um tumulo que articulava:

— Canidia! Canidia!

— Sou eu a que elle busca e a quem abandonei. Eu sou Canidia.

Tomando-a pela mão levou Eutychio aquella senhora, e deram afinal com uma carcassa de ossos devorada dos abutres, adivinharam que seriam aquelles os despojos do seu amigo. E fosse illusão dos sentidos ou qualquer voz ignota e inexplicavel, talvez o vento ou o ranger das arvores, ouviram ambos a mesma palavra e o mesmo grito :

— Canidia! Canidia!

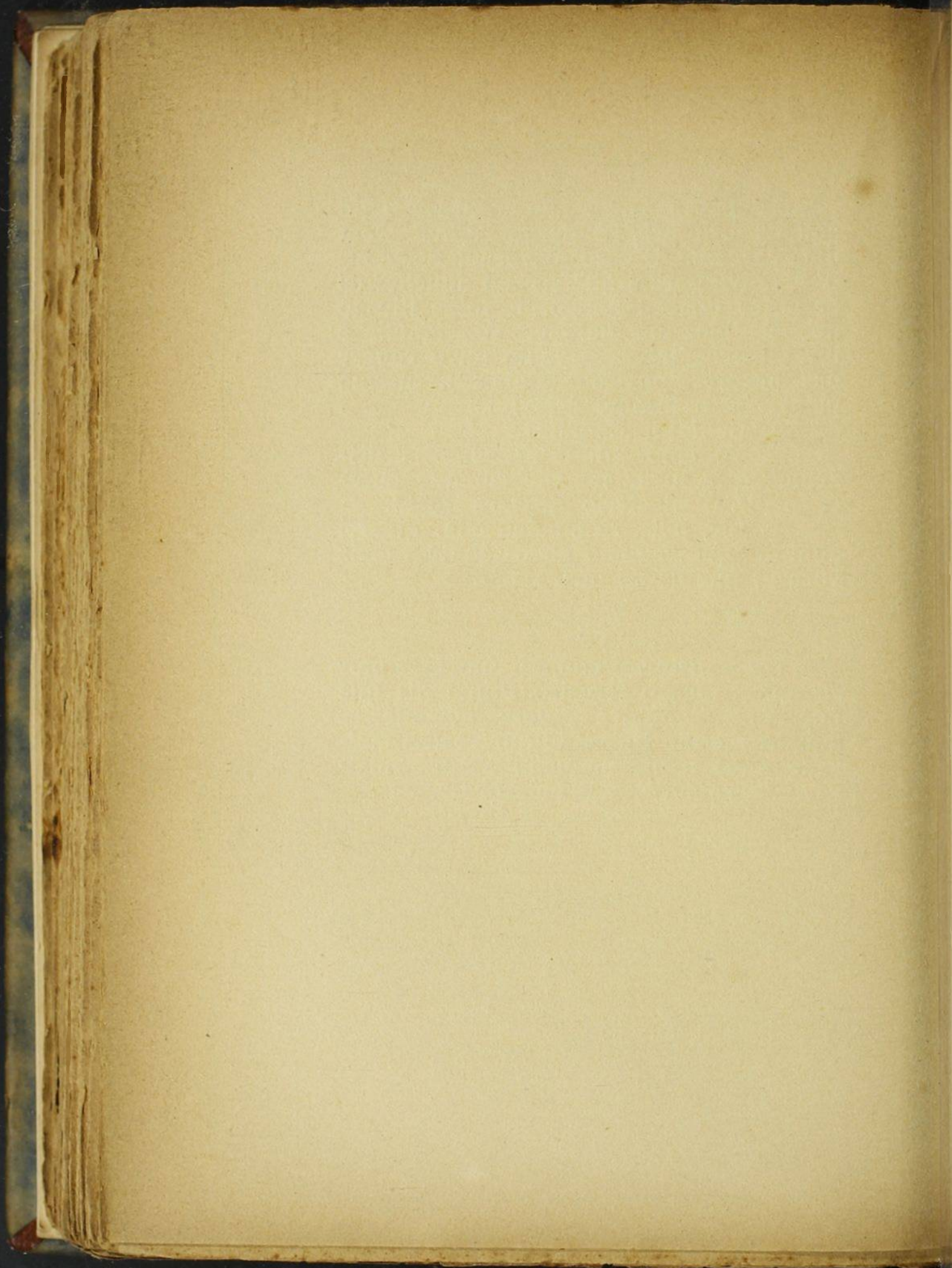
— Voltemos (disse Eutychio) e deixemos esse lugar no silencio que parece pedir o mysterio de taes vozes.

— Ide, pois, respondeu ella. Ficarei aqui até que venham novos abutres mais vorazes que os do meu remorso.

* * *

Essa historia, conta-a um escriptor sagrado; mas o terceiro Plinio diz que por « novo abutre » deve entender-se aquelle mesmo Eutychio que roeu a amizade e os ossos daquella Venus vulgar e indecorosa.

—





A Deusa da Fortuna

De varias formas e attributos fingiram os antigos a Deusa Fortuna, a *Tyché* dos gregos, a divindade oracular de Prenestes.

Ora a representavam com o corno de Amalthea, ora com um remo parecendo capaz de encher de dadivas o genero humano e governal-o no meio das tempestades.

Comtudo, o attributo mais perfeito da Fortuna que podia ser equestre ou plebeia, favoravel *respiciens* ou frustra-nea e desgraçada, era a esphera incons-tante sobre a qual pousava em sua per-petua mobilidade.

A morte que annunciava nos seus oraculos era muita vez a vida e a vida era a morte.

Póde comproval-o essa curiosa his-toria que nos conta um daquelles que lhe prestavam culto.

Refere Ausonio de um sujeito a quem era adversa a fortuna (e talvez um pouco a má consciencia) que não poden-

do supportar o peso da vida resolveu enforçar-se.

Queria pôr um termo aos males que o atormentavam, e tomando de uma corda penetrou num bosque visinho e escolheu a arvore em que ia dependurar seu derradeiro alento.

Enlaçou o pescoço e subindo ao galho que lhe parecera mais robusto, atirou-se delle abaixo.

Estava, porém, a arvore carcomida; o galho rebentou e veiu o infeliz a parar no chão incolume, sem outro incommodo que o do desengano do sinistro intento.

Meditou alli um pouco, e convenceu-se de que não era essa a sua ultima vez, tão desejada.

E envergonhado daquella prematura resolução excavou a terra para esconder a corda agora inutil.

Mas, sentiu que a terra fôra antes revolvida, e, proseguindo, descobriu um thesouro que alli estava enterrado.

Viu-se, dest'arte, subitamente rico: colheu as moedas de ouro alli guardadas, guardando o segredo da inesperada fortuna.

Aconteceu porém, que ao dia seguinte chegava ao mesmo lugar um avarento que era o verdadeiro dono das moedas, e vendo o seu thesouro roubado, enfurecido pela ira e pela tristeza do seu bem perdido, sómente achou no lo-

gar a corda abandonada pelo primeiro visitante.

Não tardou muito que lhe não viesse o pensamento de acabar a vida e tanto melhor que não teria necessidade de comprar o instrumento do desesperado supplicio.

Tomou da corda e enforcou-se.

* * *

Eis ahi o anverso e reverso da principal moeda que é a da fortuna.

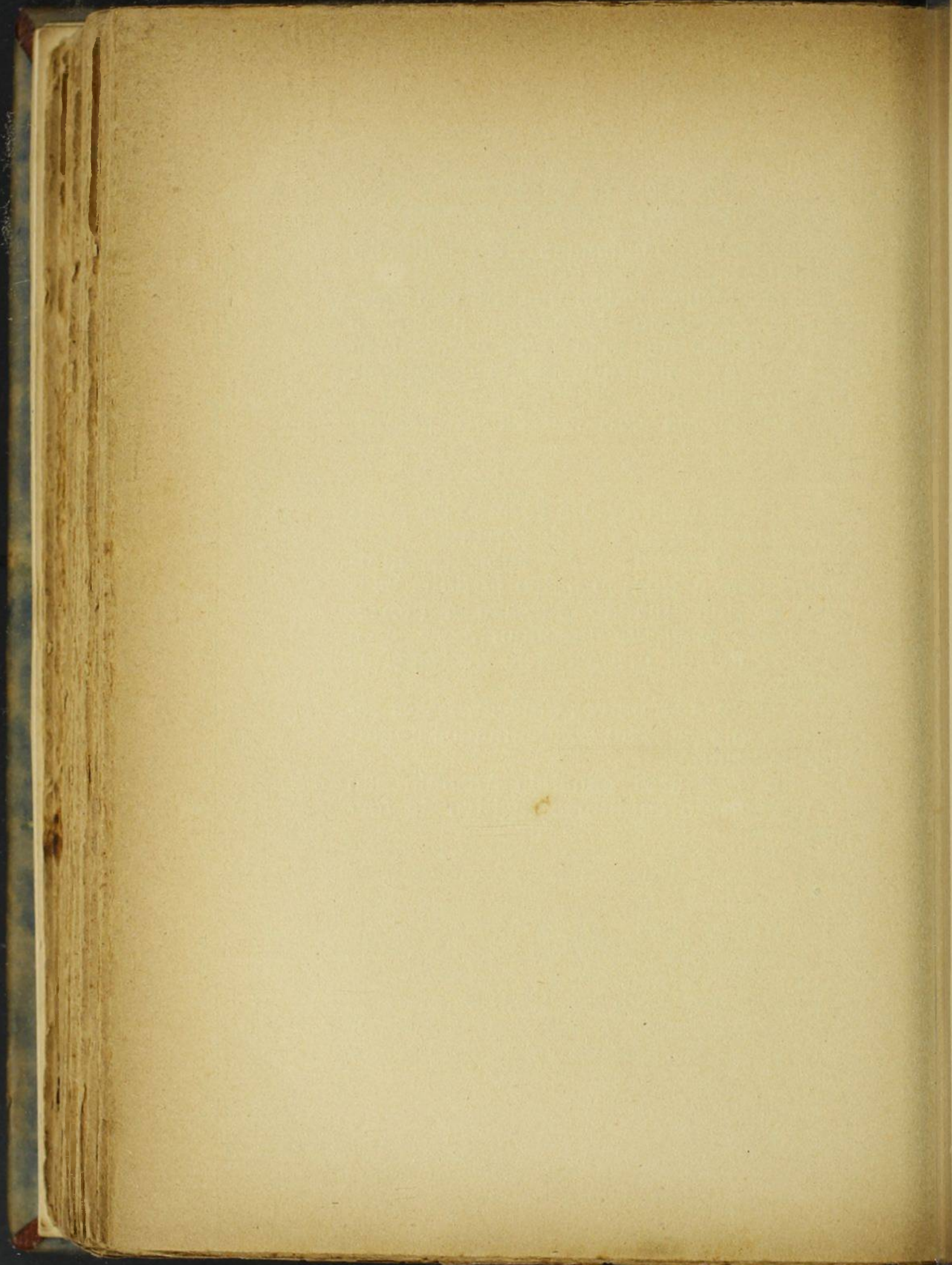
Um só queria ver a morte e antolhou-se-lhe a vida; o outro já tinha acabada a vida quando buscava a morte.

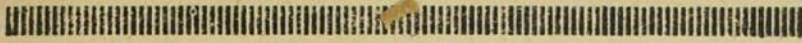
Essa perpetua metamorphose é a imagem fiel da inconstancia de todas as cousas.

Sobem uns, outros descem. Esses renascem que estavam condemnados ao aniquilamento.

Só os deuses, concluia Ausonio não necessitam do equilibrio fugitivo da fortuna.

==





A Filha Prodigia

Estando eu de viagem para Monaco da Baviera em visita ao douto e famoso theologo Stengelgrave, aproveitei a occasião de passar por Bamberg sobre o Meno onde corria uma versão diversa da que nos contara aquelle theologo a respeito do principe Segismundo.

Não era só diversa a historia que pude colher no logar do acontecimento, era egualmente mais christã e mais digna das virtudes do grande principe.

Quando o Grão Turco assenhoreou uma parte do imperio romano allemão insidiosamente se introduziram lendas e historias que falsificavam a verdade para servir talvez de pabulo ás heresias do tempo.

Deixemos, porém, ao demonio os artificios e embustes e voltemos á serena contemplação das coisas como ellas aconteceram.

Foi o caso que o Principe Segismundo andava então desavindo com a esposa e desvairado pelas seducções de

uma cigana que apparecera e vagamundeava nos arredores do seu castello e entregue a esses depravados amores, esquecera-se de todo do thalamo conjugal que havia desertado.

Uma vez de regresso ao lar, tocado pela fadiga da propria libidinagem, não encontrou a esposa que segundo lhe relataram os seus creados, havia desaparecido sem della haver noticia alguma.

No seu furor que era mais de colera que de zelo de a haver perdido, fez constar que a esposa havia morrido de morte natural (e não era menos que a morte o abandono do lar) e fez construir um ataude de fabrica sumptuosa e logo marcou o dia do enterramento da companheira.

Antes, porém, que acorressem os vizinhos e convidados que poderiam suspeitar do nenhum peso do esquife que neste não haveria corpo algum, levantouse pela calada da noite para depositar no feretro, que realmente estava vazio, algumas pedras que fingissem o corpo da defunta imaginaria.

Ao abrir, porém, o cofre daquella ficticia e affrontosa comedia, viu que nelle estava a esposa desaparecida, deitada e immovel como se fora morta.

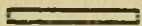
Avassalado de estranho terror balbuciava o principe o seu espanto, quando ella falou suavemente:

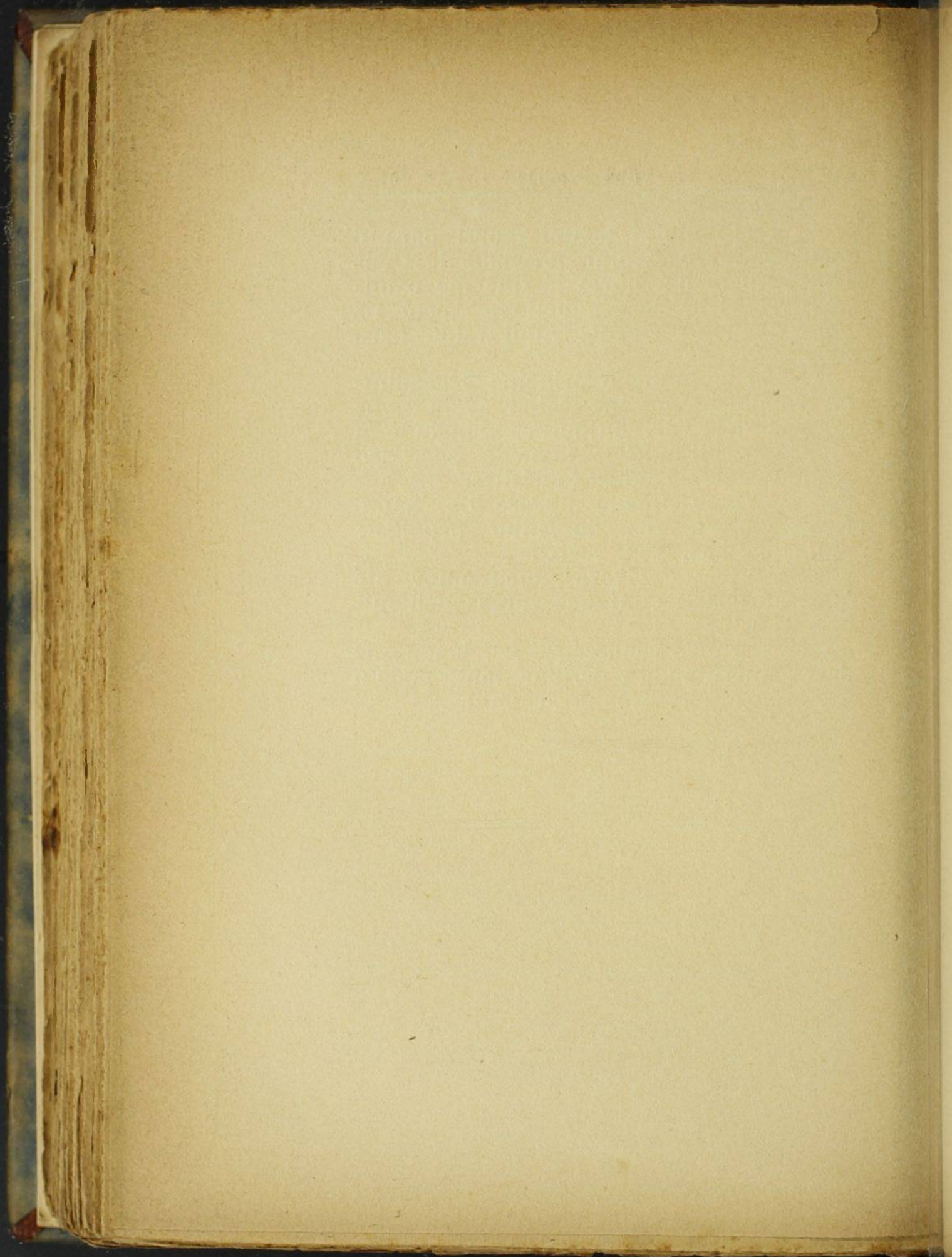
-- Ha muito tempo morri para o meu senhor e escolhi por mão de Deus esse refugio da morte já que me é impossivel viver sem aquelle a quem fiz voto de amor eterno. Aqui estou para obedecer-vos.

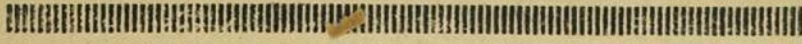
Não continha o principe Segismundo os soluços que lhe embargavam a voz e nesse terrivel conjuntura, cingindo a esposa e tirando-a daquelle sacrilego ataude, apenas conseguia dizer ou antes pensar naquella phrase do Santo Evangelho acerca do filho prodigo : «Mortuæ erat sed revixit».

— Vives e viverás, meu amor, até que falleçam as minhas forças e a minha vida!

E de novo renasceu a felicidade que parecia arruinada e perdida, tanto pode o amor nos seus espantosos milagres!







Os Sapatinhos

— A's aguas de Galgano! — disse-me o doutor, Verá que em poucos dias estará outro homem.

Obedecendo áquelle famoso physico, procurei saber onde eram aquellas aguas e certifiquei-me que ficavam altas, num contraforte dos Apeninos, na velha cidade de Perugia.

E para lá andei sem demora. Na Italia todos os elementos são salutaes: a agua, o ar, a terra e o proprio fogo curam as mais rebeldes enfermidades.

Assim foi que naquelle tempo em que se desencadeiaram as maleitas, achando-me ainda enfraquecido, busquei o ar livre das montanhas e vim achar-me em Perugia onde refiz a saude e o bom humor.

Em Perugia, vi muitas cousas antigas e conheci varias historias maravilhosas, entre ellas a de uns velhos sapatinhos que se encontram pendurados de uma columna da Basilica de *San Pietro fuori di mura*.

Para alli accorrem todas as mulheres jovens e casadoiras a tocar os sapatinhos que é crença geral prenunciam pelo seu milagroso contacto os casamentos felizes. E alli ia eu tambem, não com o intento de casar mas de ver desfilar aquella pompa e sequito das mulheres mais bellas da velha cidade.

Eu sabia das minhas leituras desde Herodoto que os sapatinhos sempre fizeram o milagre das nupcias.

Indaguei da origem e razão de ser daquelles *sapatos* já encardidos pela poeira dos seculos e então pela voz de um frade camaldulense, archeologo e santo, inteirei-me do motivo daquella veneração de todas as moçoilas peruginas.

— Eu, disse-me o venerando frade, não acredito muito nas virtudes dos sapatos. Mas, o poder de Deus está acima da nossa propria fé. Em certo tempo (continuou o frade) appareceu aqui um joven musico que da sua cythara tirava accordes melodiosos e fascinadores. Diziam uns ter elle vindo da terra florentina, de Pistoia; outros o tinham na conta do proprio diabo disfarçado nas feições suaves e angelicas de um mancebo.

Como quer que seja foi acolhido no castello senhoril do Principe de Baldeschi e alli todos prodigalisavam ternuras e attenções ao joven menestrel. Para encurtar a historia, conseguiu esse ra-

paz assenhorear-se do coração da princeza que saltando á garupa de ardego cavallo fugiu com elle para destino desconhecido...

Ao saltar para o cavallo deixou a princeza cair os pequeninos sapatos, unico vestigio que deixara daquella fuga.

Com os sapatinhos revolvia o principe todas as terras ardendo em vingança e ainda mais á procura da princeza amada e tão subitamente desaparecida.

Dizia-lhe uma voz interior que havia de achal-a um dia quando menos a esperasse. E assim foi.

Sucedendo estar o principe em desespero, rôto, cansado, á margem de um pequeno rio, viu que do outro lado, na outra margem, estava a princeza descalça a estender-lhe os braços. Então, o principe temeroso de outra insidia do demonio, poz na extremidade da sua lança os sapatinhos que ella pressurosa tomou e em seguida atirou-se ao rio para cahir nos braços do esposo.

Era o milagre dos sapatos que assim a restituia.

Os principes e toda Perugia celebraram o acontecimento e por morte de ambos foram collocadas na Basilica de *San Pietro fuori di mura* aquellas sagradas reliquias do verdadeiro amor.

Quanto a mim dou a historia como a me recontou o frade. Não toquei sequer os sapatos, mas fosse apenas a

minha presença ou intenção demoniaca ao voltar daquella romaria galante, logo aos primeiros passos uma moçoila gentil tomou-me o braço e perguntou-me:

— *Vuole una cameriera?*

A Viuvez

Foi São Jeronymo um dos grandes doutores da egreja e na sua prégação evangelica tinha a viuvez na conta de um estado angelico, bem proximo do estado divino da virgindade, e mesmo superior ás virtudes dos anjos.

Póde servir de testemunho a seguinte historia:

Uma viuva christã de extraordinaria formosura, loura, e de vinte annos apenas, natural da Pannonia onde as mulheres são de compleição robustissima, graças aos bons ares da terra, consultou o santo Jeronymo, seu patricio, se devia casar-se de novo, dentro da lei christã que era a sua e a do grande prégador.

São Jeronymo escreveu-lhe a resposta que é a XVI das suas epistolas «Ad Furiam» em que admoesta a viuva dos grandes perigos de uma reincidencia no quasi peccado do matrimonio.

Não só a virgem, mas tambem a viuva tem uma corôa — «viduitatis corona»

— que era preciso guardar dos contactos da luxuria e da impiedade.

Argumenta o grande doutor com os textos evangelicos e os do antigo testamento, citando o exemplo de Anna e de Noemi, e, deixando-se levar do fulgor da sua aspera dialectica, chega a afirmar que as viugas que depois de experimentar o amargor e os sacrificios da vida conjugal volvem a outras nupcias são taes como os cães que voltam a manducar o proprio vomito.

Tal era a sua indignação christã.

Parece que a joven matrona de vinte annos poude abafar os proprios ardores, aceitou o duro conselho e durante quinze annos reprimiu as volupias da carne, recusando o vinho e desterrando da sua mesa de patricia as exquisitas fragancias e os delicados manjares de outr'ora.

Aconteceu, porém, que Jeronymo foi morrer no oriente num mosteiro de Bethlem, onde dia e noite trabalhou na versão da Biblia. E a matrona Furia sentiu profundamente a morte do pagnegyrista da viuvez não sem algum alivio da consciencia.

Passando pela Pannonia a legião de Theodosio que viera reprimir um tumulto, certo capitão da guarda imperial, usando do direito da guerra que era então e ainda hoje o mais respeitavel, lançou mão da viuva e destruiu para sempre

aquelle voto e aquella corôa da perpetua abstinencia.

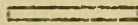
Levou-a o capitão para a alegre Byzancio onde esqueceram facilmente o pesadelo da consciencia, e por desencargo ella enviou ao mosteiro de Bethlem uma lampada de oiro que valeria hoje trezentas missas cantadas.

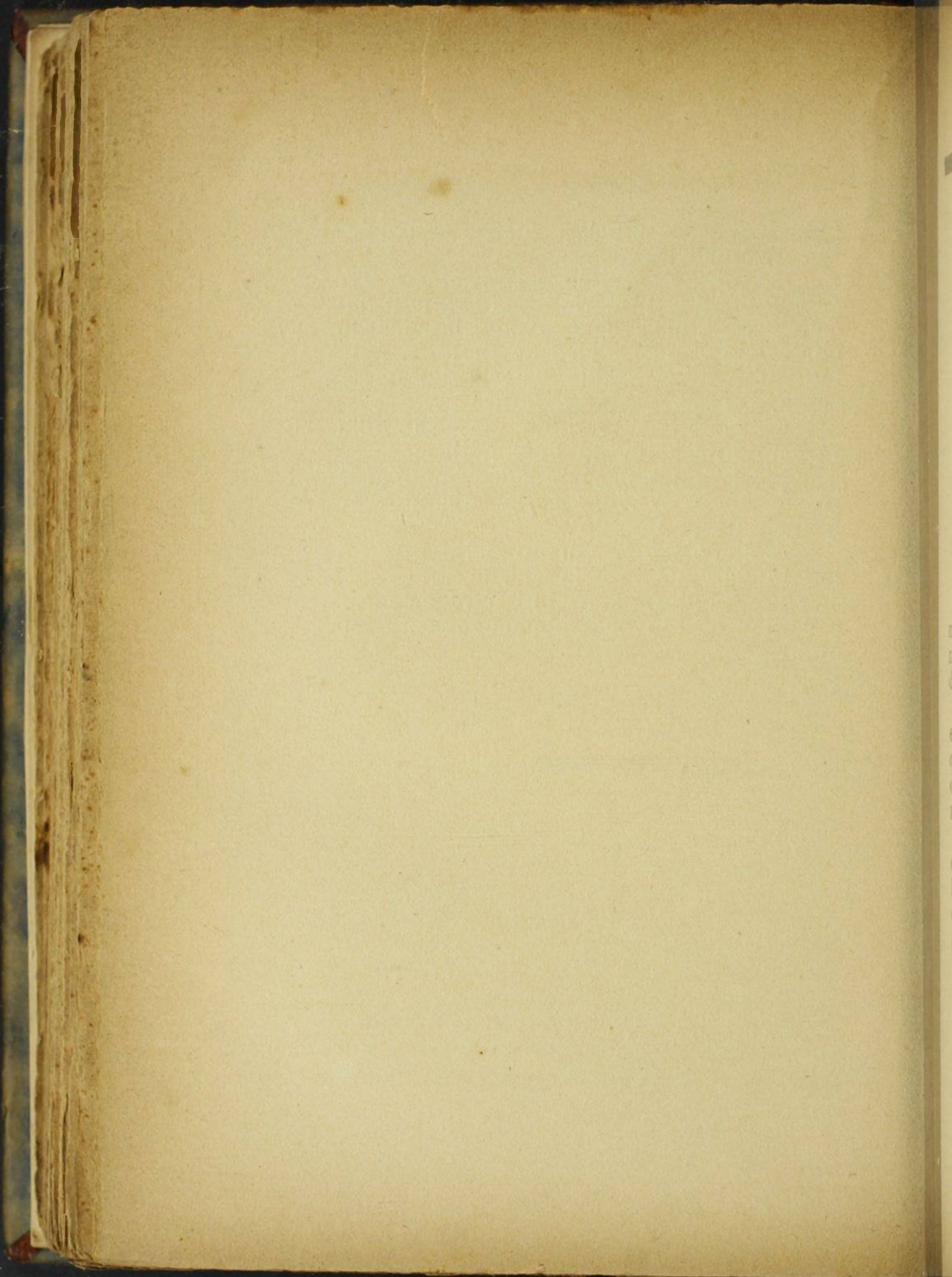
E o capitão, sorrindo, disse-lhe uma vez no intervallo de dois beijos:


— E quantas lampadas mandarás tu, ó minha amada Furia, quando me fôr eu deste mundo?

E depois do segundo beijo que foi tão longo que parecia eterno:

— Mandarei um sino para celebrar e cantar os louvores abençoados do teu amor.,.







A Maior Virtude

*...Sed luna videt, sed sidera testes
Intendunt oculos.*

JUVENAL.

Certamente a virtude dos santos foi muito maior que a do resto dos humanos, porque se consumou no sacrificio do corpo e ás vezes da propria alma.

Sem aquellas duras provações que exaltaram os primeiros martyres, difficil e talvez impossivel fôra o triumpho da grande verdade moral revelada pelo meigo Jesus.

Não é muito pois, que se considere o sangue dos martyres despedaçados pelas garras dos leões nos circos romanos, o verdadeiro estrume que ajudou a germinar e florescer a regeneração dos homens.

Comtudo, quando passaram as eras funestissimas das perseguições, os proprios santos engenharam novos tormentos, supplicios, torturas e afflicções desconhecidas que fizeram empallidecer os

maravilhosos fulgores da egreja primitiva.

Assim é que se conta nos Bollandistas a historia do santo irlandez, o admiravel Coemgenus que toda a noite mitigava o ardor de incontidas paixões mettendo-se num charco gelado, cheio de nojentos repteis, a tiritar de frio para afujentar o inimigo. Nessas occasiões consolava-o um anjo, mandado de Deus, certamente, que de vez em quando aquecia a agua (*frigiditatem aquae calefaciebat*, diz o autor a que damos todo credito).

Comtudo, o supplicio que me pareceu dentre todos o mais incomportavel e espinhoso foi o das chamadas *mulieres subintroductae* que eram as monjas que, sob a protecção do Anjo da Guarda, compartiam do leito dos frades, sem macula de sua intemerata pureza. A essas agapetas *subintroductae* que eu não alcanço verter em linguagem, referem-se os santos Cypriano, Jeronymo e o Chrysostomo; e até figuram no Codigo Theodosiano XVI titulo II, lex 44, que excitou o appetite de varios commentadores com apimentadas glosas.

O terrivel costume existiu por algum tempo até que se declarou, com escandalo, a presença de um Diabo disfarçado em monge (como sóe fazer o inimigo) o qual aproveitando o descuido do Anjo da Guarda que acaso tos-

canejava de tanta vigilia, commetteu o innominavel abuso.

Foram assim banidas dos claustros, a grande pesar dos monges acrysolados na virtude da resistencia ao peccado, aquellas formosas mulheres *subintroductae* que assim deixo escripto para os mais latinos o decifrarem.

Banidas dos claustros, houve confusão e grande pena, porque assim se perdia a occasião mais propicia a retemperar a fibra dos que eram o espelho e o luzimento das virtudes christãs.

O mosteiro de Osnabruck na Westphalia fechou a porta por quinze dias e o de Leguano, na Italia, nunca mais a abriu, sendo depois, e ainda hoje, transformado em *albergo* de forasteiros a preço honesto.

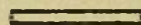
Em tudo; até mesmo no martyrio, não deve haver excesso, eis a lição moral que se tira de tão memoravel exemplo.


As *mulieres subintroductae* continuaram a existir sem monges (ou com elles, Deus me perdôe), conforme a malicia do Tentador.

Se é verdade que a historia se repete, como dizia Polybio, é de crêr na resurreição desse holocausto, o mais sublime e excelso da Summa martyriologica.

Evitar a fascinação do peccado é

cousa de pouca monta deante do contacto nocturno das creaturas feitas para amar e perder o mundo.





A Parte da Corôa

Nos tempos tormentosos da grande revolução achava-me foragido na quieta Allemanha, quando encontrei um homem dado á mineração e que era *generalista*, das Minas Geraes, a quem perguntei o que vinha a ser aquelle temivel levante dos povos por causa dos quintos que se deviam á Corôa.

— O levante é justo, disse elle, porque os atrazados devem ser levados a conta de perdas irreparaveis.

E para juntar á doutrina o fruto da sua viajada experiencia contou-me a fábula seguinte:

«Tendo eu passado por Elsenach que fica um pouco ao largo de Erfurt, ouvi a historia de certo camponio muito desmemoriado que de tudo se esquecia e até da propria mulher se esqueceria se esta lhe não avivasse a alma encolhida com alguns beliscões perforantes que iam lá dentro das carnes acordal-a.

Era a mulher a providencia do ho-

mem e da casa. Moirejava dia e noite, consertava o desalinho e os esquecimentos do companheiro, ensinando-lhe o governo da vida.

Um dia chegou da aldeia o campo-ponio tendo a menos cinco florins que não sabia como havia perdido. Lembrou-se, afinal, que os havia emprestado mas não se recordava a quem.

Soccorreu-se então da astucia e experiencia da esposa que o industriou num expediente facil e mandou que voltasse alguns dias depois á aldeia, com a recommendação que lhe dera.

Voltou o aldeião em verdade, e a toda gente que o via e saudava com os *bons dias!* respondia elle (com a traça que lhe indicara a diligente esposa):

— Muitos bons dias, obrigado. Mas eu preferia os meus cinco florins!

Toda gente achava graça na resposta inesperada e a acolhia como extravagante facécia sem sentido.

Chegou a vez de avistar outro campo-ponio. E este, sentindo-se offendido, replicou:

— Não é preciso lembrar o que lhe devo com tanta grosseria. Aqui estão os cinco florins.

Este era de facto o devedor.

O homem correu pressuroso á casa onde contou á esposa a excellencia do conselho della, mostrando as moedas recebidas.

— Toma lá esse dinheiro que o me-

lhor thesouro que tenho és tu mesma.

Ao cabo de algum tempo, voltando de novo da aldeia, encontrou a mulher muito achegada a outro homem (que ao parecer era o mesmo dos cinco florins). E desta vez, fingindo-se esquecido, cobrou os cinco florins da divida já solvida, no que teve a approvação da mulher que se apressou em receber a quantia augmentada de outro tanto dos juros.

Assim foi justicado o intruso que pagou, sem fugir, o delicto, em tresdobro.

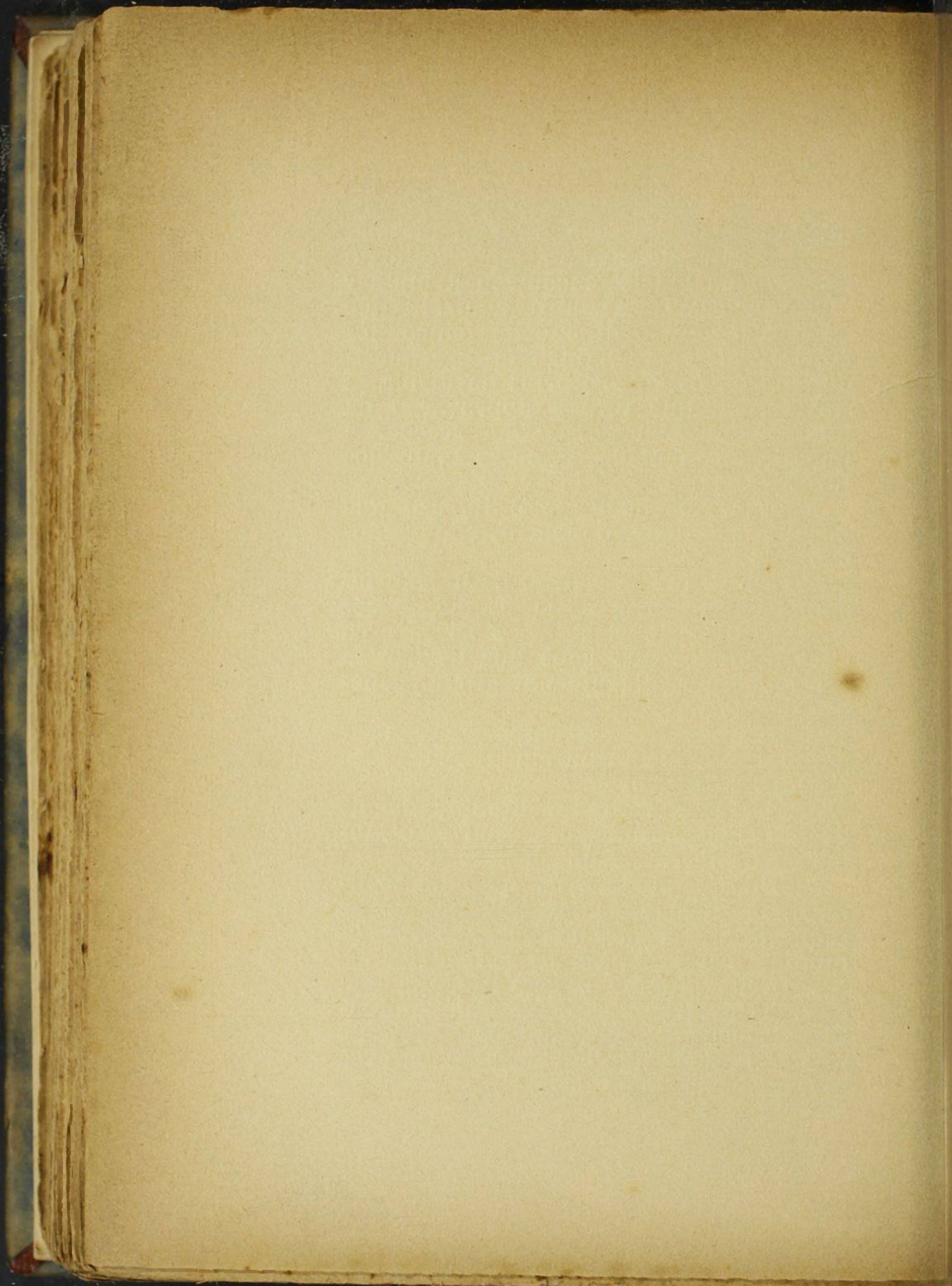
E logo que se retirou o culpado incolume mas sem a bolsa, estando a sós com a esposa, obrigou-a a abrir a arca e verificou os atrazados que deviam lá jazer e era realmente um grosso cabedal de moedas.

— Muitas cousas tenho eu esquecido, disse elle melancolicamente. Mas esse é o dizimo da corôa.

— Não é verdade? ajuntou depois de pequena pausa. Agora é talvez o momento de ferrar-te uns beliscões.

E de tal modo o fez que ella semi-morta e offegante confessou que só se esquecia de si mesma para cobrar os quintos e nunca para os perder».

Creio, ajuntou o geralista, que ahi está, a historia e a origem da antipathia na cobrança dos quintos. O levante não seria mais que um beliscão na arca a transbordar da Corôa.



Das minhas Viagens

Aquelles que escrevem e recontam as suas viagens frequentemente recebem o apodo de inventivos e mentirosos pela ignorancia do vulgo que só conhece os usos da terra natal, acreditando que o resto do mundo é um tecido de patranhas e falsidades.

Assim foi que o meu tataravô Fernão Mendes Pinto recebeu a alcunha de *Fernão Mentos? Minto*. E não gozava de melhor fama o veneziano Marco Polo que foi o primeiro a desvendar as maravilhas do longinquo oriente.

Esses eternos e famosos exemplos tenho sempre a meu lado ao escrever as minhas viagens para prevenir os meus discretos propositos.

Comtudo, não faltarei á verdade se acaso commetti alguma indiscrição involuntaria.

Na minha segunda peregrinação a Roma aonde me levaram os interesses da minha salvação, não quiz sair da Ita-

lia sem a curiosidade e prazer de visitar as suas cidades principaes.

Foi desta arte que me vim a achar em Pisa no mez de Julho no anno de 1672, quando começava a ferver aquella triste guerra de Flandres. Aproveitando o momento e a occasião detive-me a admirar o famoso Batisterio e a celebrada torre de Pisa, imagem do nosso declinio para a terra.

Esperava-me, porém, outra maravilhosa admiração para cujo assalto não me achava prevenido.

Foi o caso que um dia passando pela via do Sacro Monte, e sendo abraçada aquella tarde, avistei uma casa que parecia antes *albergo* commum, de cuja frontaria pendia o convite aos banhos do Sacro Monte.

Julgando que havia boa e pia intenção, transpuz a porta e logo me appareceu a criatura que parecia dirigir a hospedaria e então me perguntou se queria um banho, ajuntando as palavras que não percebi:

— *Bergolino ó Raspanti?*

Vim a saber mais tarde que era uma questão que faziam aos forasteiros, reminiscencia da época dos Guelfos e Chibellinos. Redundava tudo em perguntar se era pobre ou rico o visitante.

Puxando pelas palavras depois de longa conversação vim a saber em idioma mais latino e acceitavel o que que-

riam dizer e se eu queria um banho *semplice ó composito*.

-- *Semplice, una lira; composito, cinque*. Optei pelo segundo por me parecer mais decente, aceado e proprio da minha condição de estrangeiro.

Desde logo fui impellido para dentro de uma camara onde havia o que eu desejava, sentindo eu a sonoridade da agua que jorrava limpida da boca de um leão de bronze.

E quando me aprestava ao refrigerio do banho, surgiu por uma porta ou cortina escusa do fundo do quarto, uma rapariga jovial cheia de dentes e sorrisos abertos e dulcissimos que me envolveram como se fossem tenazes do inferno.

Percebi logo que o *banho composito* do albergueiro não passava de insidia á volupia dos forasteiros jejunos do peccado infernal.

A rapariga, acostumada sem duvida, a semelhantes experiencias aproximou-se de mim.

Repellia-a como convinha a minha salvação e logo me confirmei do alcance daquelle banho *composito* que não lograra atinar.

Os meus labios que, dias antes, beijaram a mula do papa, não os queria eu conspurcar naquella immundicie pecaminosa.

Gritei quanto me davam os bofes

e declarei então que queria *simples* e não tinha na bolsa mais que uma lira.

O albergueiro notou a minha confusão e, apparecendo no momento de crise, endireitou o erro e disse para a mulher:

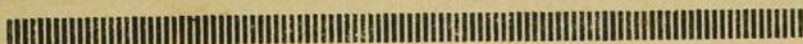
— *C'è un bergolino! Andate via.*

— *Presto!* ajuntei, sentindo a prêsa que me armara o demonio.

Escapei. E julgo ser obra de caridade não acceitar senão os banhos simples.

Pelo menos, em Pisa.

Eu não sou um Marco Polo nem um Fernão Mendes; mas juro que essa é a verdade, e, quem o duvidar corra a Pisa, á rua do Sacro Monte n. 75. Tenho boa memoria, mesmo para as cousas abominaveis.



Parabola

Mui differente é a gloria comparada áquillo que chamamos o céo ou o paraíso.

Ambos são grandes premios postumos e todavia diversos. A gloria perpetúa sem engrandecer o homem e muita vez pôde amesquinhar as criaturas no conceito do futuro, preparando-lhes terriveis expiações.

Sirva de exemplo o caso que vou referir, segundo o texto autorizado de um doutor que assim fala por suas proprias palavras num dialogo que entreteve com um dos ultimos gregos:

— Para que accumular tantas e tão grandes obras sobre o futuro? perguntei ao philosopho Eutychio, velho descrente e desenganado de todas as cousas.

— Sem duvida, respondeu-me, acreditaes no paraíso em que não acredito. Todas as religiões e a irreligião, tudo é uma só cousa. Tambem tenho o meu céo e o meu paraíso. Vem a proposito

contar-vos aquella primeira parabola do santo monge Barlaão falando ao Principe Josaphat.

Eil-a em breves termos.

Havia uma terra em que costumavam os que nella viviam, eleger um rei desconhecido, um estrangeiro de passagem; todas as honras, riquezas, prazeres, passatempos e voluptias eram tributados ao principe incognito que ao cabo de um anno perdia o throno e era deportado para uma ilha deserta e apartada onde ficava em miseravel estado, despido das insignias reaes e soffrendo as torturas da fome e da solidão.

Andando o tempo foi eleito outro rei, conforme o costume; mas este descobrindo a perigosa traição que lhe estava preparada, enviava secretamente para a ilha deserta riquezas, mulheres, thesouros e todos os recursos da boa fortuna; ao cabo de um anno, foi como o outro, desterrado, mas tudo alli achou para prolongar as delicias da vida, do corpo e da alma naquella ilha deserta,

O primeiro rei foi imprudente e louco; o segundo foi sabio e avisado. Assim succede a toda a criatura. Aquella que manda adeante de si as boas obras e a riqueza, vae enconral-as intactas e talvez augmentadas no céu. As que consomem, gozando-os, todos os seus haveres e thesouros, essas encontram fechadas as portas do paraiso celestial.

— Mas, perguntei ainda, se não acreditaes no céu e nas recompensas do céu?

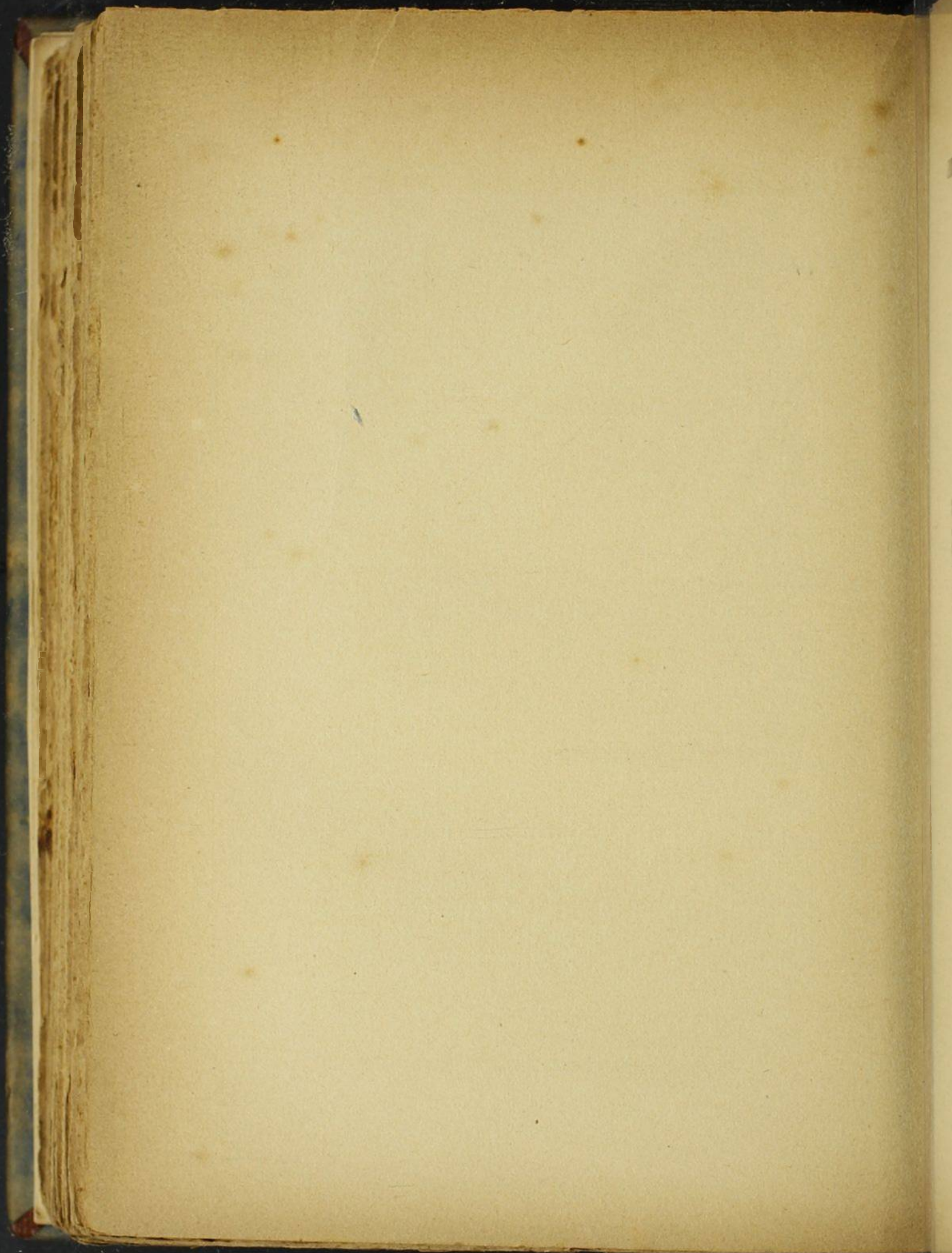
— A irreligião, disse elle, é tal qual a religião commum. Ha um céu para nós outros na immortalidade das nossas obras terrenas. Esses livros que estou a escrever, esses tratados que julgaes inúteis, preparam-me outro paraíso differente que é a *gloria*. Ella repetirá o meu nome e os meus pensamentos por toda a eternidade. E' preciso sempre mandar adeante da vida os thesouros pequenos ou grandes do espirito. Dissipal-os antes da morte é o signal do mais triste e desprezível atheismo.


E estive um tempo a meditar na flexibilidade com que esse philosopho rígido e agnostico torcia as palavras de S. Barlaão, accommodando a immortalidade á sua alma arida e vasia.

Mais tarde pude ler que Barlaão era um discipulo de Budha insidiosamente intromettido no hagiologio christão. O intruso santo não podia senão inspirar aquella philosophia melancolica do velho Eutychio.

E disse entre mim. A irreligião não passa de preguiça mental que nos conduz a todos os desvarios. Só a fé verdadeira é activa, luminosa e fecunda.







La Tomba di Virgilio

Ha poucos annos num desses tristes invernos de intenso frio descia eu para Napoles a busca de sol que o não havia nas terras do norte. A cidade de primavera eterna dava allivio aos meus velhos achaques; e eis que entrando no café dos *Promessi Sposi* avistei a uma mesa o grande meu amigo senhor Araña y Araña, fidalgo aragonez, que vinha também a busca de calores talvez de outra especie, segundo me disseram mais tarde e não tive difficuldade em acreditar.

Como já não nos viamos de muito tempo, conversamos largamente acerca de cousas vis ou transcendentales ao grado da memoria desordenada e confusa da prolongada ausencia.

Não longe de nós uma rapariga de olhos profundos e meigos cantava a velha canção napolitana:

*Il mar é lucido,
L'onda d'argento...
Santa Lucia! Santa Lucia!*

Certamente, com o dominio dos seus avós que em outro tempo senhoreiaram as Duas Sicilias, o conde Araña y Araña atirava á misera cantora alguns soldos que ainda lhe reforçavam a ella as cordas vocaes :

*Tu sei l'impero
Dell'armonia.
Santa Lucia!*

Ao sahir, como estavamos na estrada de Piedigrotta, aventei a idéa de de visitarmos o tumulo de Virgilio, alli perto.

— Eis ahi, meu caro, o funesto culto dos mortos! — disse-me o conde. E ajuntou :

(Era o nosso amigo um grande inimigo do passado. Escriptor dynamico, formidavel, brandia a espada contra essa fatal superstição do culto dos que se foram).

— O que interessa, disse elle, é a gente nova, as cousas novas que são as unicas a que devemos a religião do enthusiasmo. O passado morreu e foi bem que morresse. Vocês todos são necrophoros e vivem á custa dos cadaveres. Para meu mal, eu li Virgilio na escola e tenho remorsos na consciencia. Não quero andar para traz e cada um de nós tem a obrigação de por um pé á frente. Veja as academias: são colum-

barios e cemiterios permanentes de gatos pingados e para ellas, querem entrar agora as carpideiras. Fôra com essas mumias egypcias...

A indignação do grande meu amigo erriçou-me os poucos pêlos da minha literatura. Mas insisti:

— Vamos ao tumulo de Virgilio por amor da paisagem apenas.

O senhor Araña y Araña conveiu em que o panorama era magnificente e assim, trocadas algumas palavras, posemos-nos a caminho.

Chegamos ao grande bosque onde se encerram os restos do poeta mantuano. Vicejam alli, profusas e jocundas, as cento e noventa plantas e essencias que figuram nos poemas daquelle genio que cantou os rebanhos, os campos e os capitães (*pascua, rura, duces*) esses por ultimo por menos amaveis á sua indole suave e pastoril.

Lá vimos a vide encostada ao olmo (como elle poz na portada das Georgicas) os choupos e pinheiros, loureiros e faias, as «pallidas violetas» os hyacinthos, os esguios cyprestes destinados a advertir aos nautas os perigos do mar — *casus visura marinos* — as abelhas que esvoaçam e pelos velhos troncos as providas formigas, como eu, temerosas da velhice e do frio...

Afinal, entre auras perfumosas que

nos batiam o rosto, chegamos ao tumulo escondido e silencioso do poeta.

Nenhum de nós ousou pronunciar uma palavra nem mesmo o *cicerone* que apenas gesticulou com os dedos o signal da recompensa.

Visto e cinerario de Virgilio, entre malicioso e commovido, perguntei ao *cicerone*.

— *Dov' è la tomba di Aranea?*

E elle, prestes:

— *Quella lá, signore, piu bella che la di Virgilio...*

E apontou para uma moita rescendente de rosas.

E esfregou de novo os dedos.

O meu amigo escorregou-lhe nas mãos uma lira, e voltando-se para mim, disse:

— Este pelo menos é o unico que tira proveito da grande superstição.

Voltamos. Para o lado do mar atufava-se, moribundo e sangrento, o sol dessa tarde admiravel. E notei que mais longe, a pedir novos soldos, a mesma voz já cançada cantarolava:

Tu sei l'impero

Dell' armonia...

Santa Lucia!

Virgilio tambem cantava assim aos pés de Augusto para que lhe restituísse o patrimonio das suas terras...

Das minhas Viagens

Não ha terra mais cheia de lendas e superstições que a *Floresta Negra*, onde os valles e os montes resoam ainda com as antigas historias de larvas, duendes e cobolds sem conta.

Tive de atravessal-a um dia em caminho das famosas cataractas do Rheno e não sei que cousa vi ou ouvi mais, tanto a paisagem me parecia animada de phantasmas e de historias de pavor que me contavam os camponios.

Porque, a verdade é que somos nós os que fabricamos os proprios aspectos da natureza, e realmente só conseguimos ver aquillo que se adentra em nossa alma e em seu concavo se reflecte e se reproduz.

Ha, por isso, paisagens sympathicas que vêm a ser aquellas que encontram em nós os sons harmonicos correspondentes.

Desafio aos que viajaram a negação desse principio do sentimento.

As historias que nos recontam con-

dizem sempre com o scenario em que nasceram; foram geradas pelo espectáculo do seu berço.

Uma dellas que me deixou funda impressão na *Floresta Negra* foi a do celebrado *Pulpito do Diabo* ou *Teufelskanzel* segundo a voz barbara daquella gente.

O *Pulpito do Diabo* é um rochedo não longe de Baden e que pela apparencia parece uma cathedra adequada a majestosa prégação de uma divinda-gigantéa.

Daquelle pergamo podia avistar-se a dilatada floresta e as suas sombras propicias á meditação. Ahi se reuniam os ultimos superstites do rito barbaro dos germanos quando o christianismo dissipou com a luz da verdade os embustes do paganismo teutonico.

Era um refugio dos antigos deuses e foi para exterminal-os que S. Columbano sahiu da Irlanda num rochedo fluctuante que parando á embocadura do Rheno, penetrou por elle dentro, até ás cataractas do grande rio, para semear a verdade evangelica.

Á voz de Columbano e dos seus doze discipulos a terra circumvisinha converteu-se á verdadeira fé. Fundou-se a Abbadia de S. Gall que mantinha vivo o luminoso archote da nova doutrina naquellas inhospitas paragens. Fridolino e outras columnas da egreja ahi prégeram

a salvação das almas, a doçura e a regeneração dos costumes.

Florescia desta arte a boa nova entre os conversos, quando Satan, sempre inventivo em seus recursos diabolicos, conseguiu apossar-se do rochedo, do *Teufelskanzel* e dahi tomando o anjo decaído as feições antigas de beleza que possuia, começou a diabolica prégação contra a verdade do christianismo.

Ao cabo de algum tempo a multidão de seus sequazes era enorme, como sempre succede á mentira.

Mas, como não podia senão ensinar o mal, logo se viu das suas obras o extenso maleficio de taes palavras.

As virgens deixavam murchar as suas capellas, os esposos desuniram-se pela infidelidade e pela mais desenvolta luxuria. Multiplicaram-se crimes, rixas e doestos e o sangue era a nodoa menor que acompanhava aquelles desatinos.

Este é o conto que me narrou o guia, um camponio robusto, a quem para experimentar a credulidade pedi que me levasse até o cimo daquelle aspero rochedo.

E elle, persignando-se, respondeu-me que isso era impossivel e seria tentar a astucia do diabo.

E como eu, (prégador ás vezes de outra eloquencia) metti a mão na bolsa, o camponio commovidamente resolveu falar:

— Impossivel (disse elle sorrateiramente) impossivel neste mundo não ha nada...


E assim galgamos elle e eu o rochedo.

Dalli de cima vimos que o diabo não é tão feio quanto o pintara Apelles que de certo jamais o vira.

Hoje a bolsa faz os mesmos milagres satanicos do anjo rebel, e se de cima do *Pulpito do Diabo* me faltava a eloquencia sobrava o tilintar dos florins para a perturbação dos espiritos.

É comprehendido então a renascença da fé que o Mosteiro de S. Gall e de Columbano, o santo, provocara naquella selva selvagem e inculta.

Apenas não havia florins naquella innocente e abençoada época.



Riso Amarello

Revolvendo papeis velhos e amarellecidos pelos seculos, topei com um antigo manuscripto da famosa *Academia dos Singulares*, consagrada como se sabe, ao culto do gongorismo, praga poetica do seculo XVII.

E descobri alli, numa folha das suas actas, varios elementos de uma anecdotica literaria assaz curiosa.

O caso passou-se, se é fiel a minha restitução, da seguinte maneira:

Picado de traças, lepismas e carunchos, nem sempre é possível assegurar a fidelidade do conto.

Por aquelle tempo, certo poeta de algumas letras, chamado Ben Yoakin, eivado de sangue judaico (o que muito compromettia a justiça dos homens daquella época) queria a todo transe entrar para a *Academia dos Singulares*.

Não havia excesso nessa pretensão literaria senão que o poeta era judeu e não aprazia a uma companhia orthodoxa.

A Santa Inquisição, por seus familiares, impediu secretamente, quanto poudes, a admissão de um sujeito suspeito á fé e á religião.

De resto, era demasiado joven e poderia commetter algumas puerilidades como a de cortejar pela *Gazeta de Lisboa* diariamente os proceres da Academia, com impertinentes elogios.

O certo é que o poeta foi rechasado como incréo sem allusão á sua literatura.

Repellido, Ben Yoakin imaginou um terrivel plano de vingança eterna contra os *Singulares*, compondo epigrammas e distichos latinos de grande jocosidade contra o cenaculo.

Ninguem escapou aos distichos; um delles, mal traduzido, diz assim em pé quebrado :

Aquelle sujeito meio asnatico
É o grammatico.

E assim discorria, um a um, beliscando ou malferindo os academicos de sua particular ojeriza.

Sinto que a minha latinidade seja muito pouca para verter em linguagem as argutas satiras de Ben Yoakin.

Toda gente applaudia aquelles revides engenhosos e engraçados e constantes.

Um poeta do cenaculo emprehendeu

responder com outros distichos apropriados ao caso e ás circumstancias.

Foram muitas as respostas e seria fastidioso repetil-as.

Apenas uma me parece melhor que as outras e, fazendo da fraqueza força, apresento essa traducção: —

Porque bateu, porém ficou lá fóra.
Ben Yoakin não ri, certo é que chora

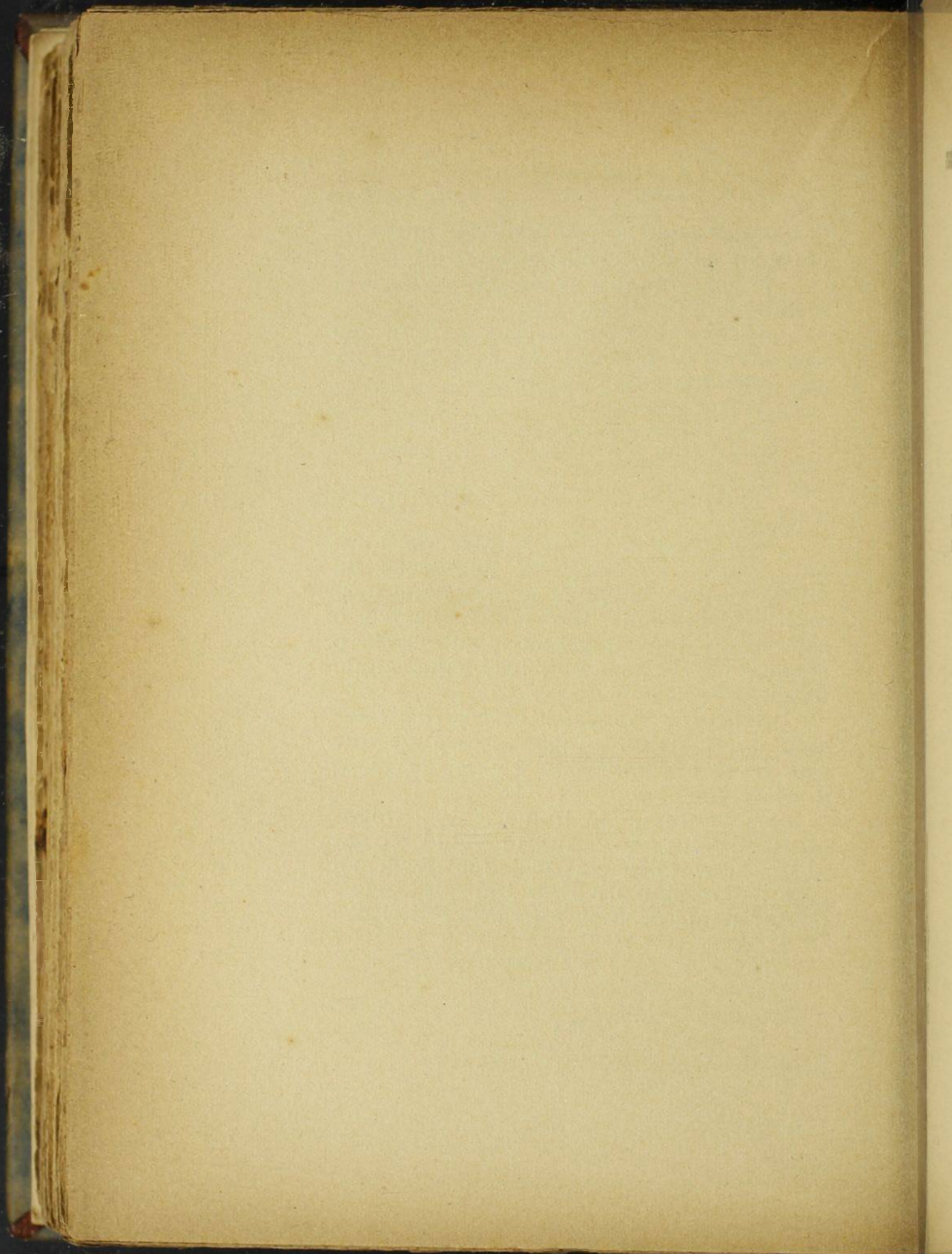
Confesso que não é verso, mas é verdade.

Ben Yoakin ficou sempre de fóra, não logrou transpôr os humbraes da Academia dos Singulares, que, nelle perdeu o genio que lhe faltava, e, se o seu riso é pura lagrima, como disse o academico, isso é um problema ainda obscuro.

Risus in lacrymis vertit, diz tambem um satyrico antigo, mostrando que por vezes o humorismo é capa de grandes melancolias.

Se eu fosse do numero dos Singulares, promoveria a sua introducção naquella assembléa classica, que devia seguir o conselho de Frei Luiz de Souza, pondo acima de tudo «a vacca e o riso».







Fabula de Gracian

Todos os dias nos confrange o coração o espectáculo da maldade humana.

As historias de sangue, de amor e de concupiscencia enchem as paginas e os fastos da humanidade.

No fundo e em substancia a mulher é a causa apparente dessas desgraças que se explicam pela inveja do homem.

Antes e muito antes de atacar a propriedade alheia, o bolschevismo organico secular do homem inveja a posse do que não possue.

E' o animal mais invejoso e inimigo da alheia felicidade.

O espectáculo da belleza é bastante por si mesmo e não exige maior esclarecimento.

Um rosto de admiravel formosura esconde a caveira subjacente que só os ascetas percebem com a sua triste agudeza das fealdades.

Num dos seus tratados moraes conta Balthazar Gracian a fabula do pavão.

Todas as aves, tomadas de criminosa inveja, conspiraram contra o glorioso rei da belleza entre os seres alados. Achavam-no demasiado soberbo e vaidoso, sempre a exhibir aquella symphonia de côres na empinada cauda.

E, incapazes de negar a belleza e de sopitar a inveja, assaltaram a ave de Juno, maguaram-na, offenderam-na, quando em meio dessa execranda revolta intervieram para impor silencio o leão e o tigre.

Cessou o combate e começou o julgamento. Verificou o leão que as aves desarrazoavam movidas de inveja e de hypocrisia. Conferia pois a sentença a um terceiro animal que seria uma segurança da imparcialidade e apontou a raposa.

Encarregada, pois, de decidir a questão, a raposa não esqueceu as suas eruditas qualidades e lembrou a proposito as palavras de Juvenal: — Que valor tem a sabedoria se ella apparece no meio de ignorantes?

Assim, a belleza. E' de mistér que todas as aves vivam afim de que testemunhem a belleza gloriosa do pavão. Matal-o seria matar o espectaculo, e, ao mesmo tempo, a belleza, inutil sem espectadores.

Convem (ajuntou ella lisongeira como sempre) admirar a força do leão, a majestade da aguia e a doçura do rou-

xinol. Quanto ao pavão foi elle já condemnado pela propria natureza a mirar os hediondos pés quando se empaveza com a vaidade das suas pennas.

Assim, terminou a contenda e ninguém, nem mesmo o leão, achou que faltasse a justiça naquella occasião tão difficil.

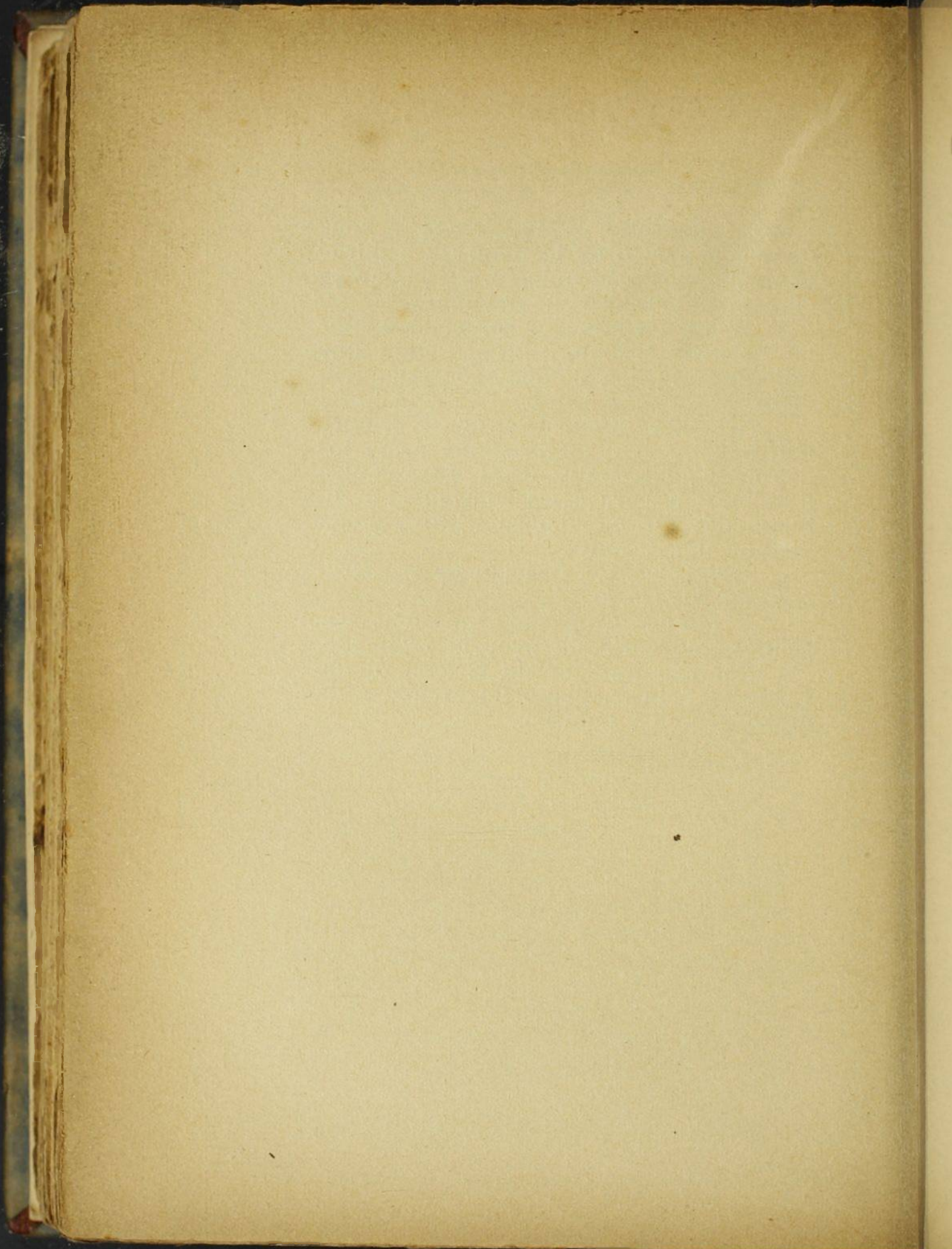
Na vida humana é quasi sempre a inveja quem diabolicamente arma todas as ciladas contra o merito e contra a belleza. E para essas constantes eventualidades não ha como um leão e ainda melhor uma raposa.

Assim pensava Gracian no seu *Oraculo da Sabedoria*.

A fabula do pavão é a mais engenhosa allegoria da propria realidade.

Foi ella que fez de Helena ou de Lucrecia o instrumento do excidio e da destruição dos homens.







Zeenoh Úreenoh

Estavamos eu e alguns amigos no Tergesteu que é mixto de bolsa, club, bibliotheca e café de Trieste, quando appareceu um poeta famoso Alexandre Eliasbergo, judaizante que me tomando o braço arrastou-me dalli para ouvir uma lição do Rabbi Jehoschua.

Não era a primeira violencia que me fazia. O Rabbi, porém, levava todo um semestre a explicar o chaos inexplicavel.

— Quando elle chegar á criação da primeira mulher, prometto ir contigo.

Por isso foi que cedi ao meu amigo tão interessado no problema feminino.

Era elle um judeu mulherengo que não fôra a religião dos seus avós seria musulmano como o teria sido Salomão, o sabio, ou David, o estroina.

O Rabbi que iamós ouvir não dizia cousa nova. Seis mil annos de tradição empedernizam as verdades de Moysés e para sempre.

Em fim, a criação de Eva seria bem preferível á historia obscura dos chaos, e quando o não fosse, haveria para mim o recurso de toscanejar e dormir, como faço, de costume nos discursos e prelecções dos mestres.

O Rabbi proseguia cheio de gestos largos e lentos.

.

Dormia Adão profundamente quando Jehovah lhe arrancou uma costella e della fez a companheira desejada do primeiro homem.

A mim, pouco dado á theologia, aquelle caso da criação lembrou-me o epigramma espanhol que reza assim:

De una costilla de Adam
Hizo Dios a la mujer,
Por eso tienen los hombres
Ese hueso que roer.

Dou esse espanhol pelo que me deram em Sevilha num ajuntamento de maliciosos e despeitados.

Como quer que seja, Jahveh ou Jehovah tirou de dentro do homem uma costella. Não quiz tiral-a da cabeça de Adão para que ella não entendesse e dominasse os barbados; nem a quiz tirar da orelha nem dos olhos para que não lograsse ouvir nem ver; nem a tirou da boca para que não falasse muito,

nem do coração para não favorecer de amor a todos os homens, nem a tirou das mãos para que se não apossasse de tudo; nem a fez dos pés para que não corresse ou perambulasse por todos os sitios.

O demonio, porém, parece que alterou essa obra divina.

E a mulher começou por desforra a trazer a cabeça alta e soberba, como está escripto: E as filhas de Sião andaram com o pescoço emproado, *ambulerunt extento collo* (Isaias, III 16).

Não quiz tirai-a Deus dos olhos do homem, e todavia ellas como se diz no mesmo logar sagrado «iam fazendo acenos com os olhos» (*Ibid.*).

Não a tirou das orelhas para que não soubessem ouvir e lá está no *Genesis* XVIII, 10, que Sarah se punha a escutar por detraz da tenda.

Não a quiz extrair do coração; mas, como Rachel e Lia e outras, enganavam ou trocavam esposos por concubinos.

Não quiz o Omnipotente tirar a mulher dos pés de Adão mas a mulher como Dina se foi embora.

Eis a palavra das santas escripturas.

E o Rabbi concluiu dizendo que o homem é fraco porque é de terra e barro; e a mulher é forte porque é de osso que os proprios vermes da morte não mordem nem consomem.

A mulher disse o Rabbi Jehoschua, é mais forte que a morte.

Foram as suas ultimas palavras.

Dalli sahi entristecido e melancolico, jurando não voltar nunca mais áquella synagoga onde só ouvira palavras amargas e dolorosas.


Tomei a diligencia de San Bortolo que sacolejava mais que as costellas de Adão, sem conforto, sem mulher e sem o sorriso de uma esperanza.

Chegando a casa, dormi profundamente e não sei se durante o meu somno algum Deus bemfazejo tirou-me da costella alguma Eva biblica.

Se foi o caso, ella desappareceu e nem cheguei a entrevel-a nos primeiros alvares da manhã.

Mas, a criação é obra de todos os dias e é possivel que ella ainda appareça linda e soberba a offerecer-me a maçã do paraiso.

Todos os dias, todas as horas, o milagre da criação se realiza em silencio e cada um de nós perde uma costella nessa metamorphose quotidiana.



O Outro Rei Mago

Vamos em Londres pela *Bloom field-street* um pouco adiante do Museu Missionario, eu e o americano escriptor mystico autor do *Other-wise-man* que me disse:

— Eu vi o outro rei mago e o meu livro é de revelação e verdade transcendente.

O *Outro rei Mago* foi Artaban, que sahio de Ecbatana atravez do deserto seguindo a estrella que havia de o conduzir á presença do menino Deus, mas não conseguiu Artaban alcançal-o ainda que morreu convencido de que o havia visto, tres vezes.

Tive essa revelação no proprio *Museu missionario* quando contemplava um idolo persa perdido entre varios manipansos africanos.

O idolo parecia murmurar algumas palavras mysteriosas, e graças ás letras que tenho do idioma dos guebros pude com aturado esforço e diligencia lobri-

gar a intelligencia das palavras subtis que me soavam á orelha.

O Outro Rei Mago viveu no tempo de Cesar Augusto e gastou a mocidade em decifrar as prophcias de um judeu de Babylonia.

Segundo me disse o Mago viu Jesus Christo tres vezes.

Como os outros esse mago acompanhou a estrella reveladora.

A primeira vez viu a Jesus, Artaban, no deserto, quando soccorria uma pobre creatura exanime que desfallecia de sêde. Confortando-a e dando-lhe a provisão dagua que trazia, sentiu que havia naquelle desgraçado alguma cousa da presença divina...

A segunda vez foi quando chegou a Bethlem. A sua caridade no deserto lhe havia retardado a marcha e a estrella que seguia desapparecera do céu.

Chegou, todavia, ao berço do Salvador. Nessa occasião a soldadesca de Herodes, feroz, ensanguentada, fazia a degolação dos innocentes. Chegando a uma pobre casa onde inquiriu de Jesus, uma pobre mãe espavorida pela crua tragedia, aconchegava aos seios uma criancinha. Artaban postou-se á porta deante dos sicarios e mettendo nas mãos de um delles uma formosa perola que trazia de presente para o divino Infante, disse-lhes: «Aqui não ha criança alguma; podeis seguir o vosso caminho».

Os soldados obedeceram tanta era a eloquencia da joia preciosa sobre aquelles corações empedernidos.

A pobre mãe caiu aos pés do Mago que salvara a ella e á pobre criança. Artaban então distinguio naquellas feições ingenuas de mãe e filho, ha pouca desamparados, as feições d'Aquelle que vinha salvar o mundo.

Mas como soube que Maria fugira para o Egypto livrando o pequenino Jesus da furia e da carnificina, não quiz Artaban voltar a Ecbatana e peregrinou todo o tempo em busca do verdadeiro Rei dos Judeus, pesquisando as suas pegadas, não nos palacios dos ricos e poderosos, mas nas choupanas humildes dos miseraveis.

Em vão.

Embranqueceram-se-lhe os cabellos nessa porfiada procura por toda a parte e ao cabo de mais de trinta annos veiu a parar ás portas de Jerusalém.

Era tempo de Paschoa. Havia grande tumulto na cidade, Artaban cabisbaixo e triste passeiava pelas ruas a sua desenganada melancolia, quando enfrentou uma multidão de dardanarios que apresavam uma mulher por dividas paternas.

Artaban tirando a ultima perola que trazia comprou a escrava, para desde logo libertai-a. A mulher compassivamente acompanhou-o ao Golgotha, on-

de, ella dizia, iam crucificar o Rei dos Judeus.

Ao meio da encosta, já combalido de tantas e tão grandes emoções, tombou por terra, sem forças. A escrava confortou o moribundo amparando-o. E no momento em que estava á morrer o Mago, a terra toda estremeceu, o céu parecia rasgar-se em toda gloria e Artaban murmurou com voz sumida e todavia alegre: «Eu o vi».

De repente tudo escureceu e muros e templos desabaram em ruinas.

Era Jesus que expirava.



Os tres Sonhos

Estavamos numa tarde a entreter-nos acerca daquella superstição dos judeus, de não comerem carne de porco.

Um de nós disse para os outros:

— Conhecem os meus amigos a historia dos tres sonhos do livro apocrypho de Sephar? Se nenhum a conhece, vou contal-a:

— Conte, pois que é sempre agradavel ouvir historias, falsas ou verdadeiras.

O rabbino Eli que escreveu os commentarios ao livro de Sephar anediou as longas barbas brancas e começou dizendo:

«Certa vez andavam pelos campos aridos de Barim, tres judeus, todos, como é sabido, inimigos da carne de porco e respeitadores da lei mosaica cujos mandamentos tinham nos corações.

Eram os tres Jeschua, o mais silencioso da companhia, Simão pertinaz e negativo e Nabuzaran tido á conta de perfido e dissimulado.

A verdade é que tinham andado muito e sentiam cansaço e fome. E avistando uma pequena choupana, provavelmente de algum pobre pastor, a ella recolheram os tres viandantes na esperança de pousada e refrigerio depois de tão fadigosa jornada.

Estava a cabana sem viva alma, vasia e como que em ruina. Apenas a um canto havia uns mendrugos de pão e um osso quasi despido de carne, resto e sobejo de alguma parca refeição feita na vespera.

Por mais esperto e fallador, Nabuzaram tomou a palavra e aventou um conselho que lhe parecia o mais prudente:

— Temos fome e cansaço mortal. Aquelle osso não chega para nós tres e mal chegaria para um de nós. O melhor, pois que o cansaço é tão grande como a fome, o melhor é dormirmos. O somno é um grande alimento reparador; ao amanhecer aquelle que tiver tido o melhor sonho a esse caberá o osso quasi despido de carne que alli está.

Concordaram todos com esse expediente e dormiram alto e profundo, cada um com equal esperança.

Ao romper do dia ergueram-se os tres, para relatar os sonhos que haviam sonhado durante a noite.

Estiveram calados por algum tempo, e Simão, loquaz como era, principiou.

— Eu sonhei que a minha esposa, nova e bella me pünha á cabeça uma corôa de rosas, dizendo-me: Tu és o vigario de Deus neste mundo.

E tomando a mão, Jeschua disse apenas:

— Eu sonhei que era o proprio Deus! o proprio Deus vivo!

E não accrescentou, por lhe parecer inutil, qualquer palavra a mais.

Foi então a vez de Nabuzaran que declarou:

— Tive um sonho horrivel, meus amigos. Desde pequeno eu fui somnambulo. E, pois, sonhei que alta noite me ergui, e, dormindo, fui á cozinha e devorei o osso de poucas carnes que alli estava. Mas foi sonho, asseguro pela minha alma.

Olharam-se os tres e encaminhando-se á cozinha nem viram o osso nem os mendrugos de pão.

Não havendo premio a conceder resolveram tristemente continuar a jornada.

E saíram.

Mais ligeiro, mais lesto e expedito Nabuzaran foi adeante e distanciou-se dos companheiros.

Jeschua e Simão iam atraz e olhavam-se desconfiados daquelle sonho proveitoso.

— Eu não creio no sonho de Nabu-

zaran. Enganou-nos deixando-nos á fome.

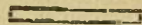
E Jeschua sorrindo disse complacente para Simão :

— O enganado foi elle, e a sua alma está perdida. O que elle comeu era uma costelleta de porco. E está escripto que quem como porco não entra no céu».

* * *

E' essa a historia que está no livro de Sephar, com os commentarios dos mais famosos rabinos.

Não acredito em sonhos, nem em historias de sonhos, mas é possível que Nabuzaran fosse victima do somnambulismo, estivesse ou não acordado.





Rachel e Sara

A segunda vez que fui a Jerusalem (e espero que não será a ultima) encontrei a minha velha amiga Rachel, uma judia allemã, admiravel de graça e de piedade quasi christã, tanto era nella grande o amor do proximo.

Eu vinha a Jerusalem para me penitenciar de algumas culpas e para afevorar-me na fé que graças a Deus sempre conservei no coração, no meio das maiores tormentas.

Em Rachel o sentido da sua viagem era outro: o de encontrar uma irmã transviada que devia andar na terra dos infieis, seduzida por um lord inglez de poucos escrupulos, a exemplo de Salomão, o rei sabio e sacrosanto frascario.

Nas horas roubadas á visita do Santo Sepulcro eu acompanhava a doce e lacrimosa Rachel na infatigavel diligencia e pesquisa da irmã pelas ruas de Jerusalem ou pelos arredores da cidade sagrada.

Foi tudo em vão. Tinhamos já resol-

vido a não percorrer as vielas sordidas e tortuosas da cidade quando, seguindo pelo valle de Josaphat, galgamos a ladeira do monte que os christãos chamam das Oliveiras e os naturaes infieis dizem *Djebel el Tur*, na sua impia linguagem.

Eis senão quando avistamos a porta de uma formosa casinha, e sob uma latada de jasmineiros a rapariga que era a que buscavamos.

— — Sara! — gritou Rachel.

E ambas chorando de alegria, abraçaram-se num grande amplexo de ternura.

— E o teu lord inglez? — inquiriu anciosamente Rachel.

— Fugiu. Foi para o Egypto como outr'ora Joseph. John foi um ingrato.

Rachel suspirou alliviada dos contratempos agora recompensados pelo achado daquella em que punha todos os mimos das suas esperanças.

Sara, como eu, pensava que iam todos voltar para a Allemanha a recompor a familia dispersa.

Mas, Rachel tinha outros planos. Entregou-me Sara, dizendo-me que a acarinhasse e me desvelasse pela pobre criatura.

— Agora segredou-me, Sara é tua para sempre. Eu vou seguir outro caminho.

— E aonde vaes tu?

-- Eu vou buscar aquelle que era meu e me foi roubado. Vou buscar o meu John que está no Egypto. Eu quero amal-o duas, tres, mil vezes como está no Ecclesiastes, que é grande amor aquelle que nunca se apaga.

A irmã que m'o tomou agora m'o restitue.

Reflecti sobre esse caso que não me pareceu estranho. Afinal, é ainda do Ecclesiastes e dito de que nada ha novo debaixo do sol.

Voltamos ambos, eu e Sara, e em viagem lemos o *Hildebrand Lied* que sobre ser christão é um poema de amor mavioso como os cantares de David.

— — Sara! — disse eu um dia: E' certo que tu roubaste o John de Rachel?

— Não é tambem certo que tu m'a roubaste agora?

O mundo é esse eterno transpassar das almas de um para outro coração: *Vadam et affuam deliciis*, diz o Cohélet hebraico.

Não inquiras jamais das origens do amor.

Trocar é desde a noite dos tempos o sentido de todos os negocios humanos.

E fomos perdidos de amor e desenganados de outras peregrinações na terra santa.

Deus e o peccado estão em toda parte. Pouco tempo depois John reclamou Sara, entreguei lh'a e, envergonho-

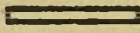
me do confessar, não repudiei Rachel, e achei que era saborosa a restituição.

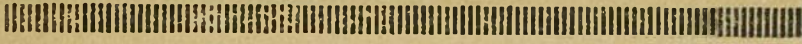
Quantos christãos não fariam o mesmo!

* * *

Essa historia contou-me um fiel peregrino que foi a visitar o Santo Sepulcro e contou-me com os olhos arrasados de lagrimas que eram de arrependimento e tambem um pouco de saudade promiscua de Rachel e Sara.

E' este o sentido verdadeiro das nossas consolações neste mundo.





S. Bohemundo

(Lenda medieval).



No fundo de um triste valle dos Abruzzos, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia que deixara as abominações do seculo pela soledade do deserto. Não passava toda a sua fortuna de uma caverna aberta na rocha, abrigo commum com outras feras, e de uma escudella onde aparava a agua do céu.

De todas as partes onde chegava a fama da sua piedade (e ia muitas leguas em redor o fulgor da sua corôa) acorriam homens e mulheres a vêr o pobre frade, o santo exausto, de pelle rugosa a marulhar sobre aquela alma agitada de extasi. Posto não fosse feio nem repugnante, era certo que não se lhe viam os olhos nem os ouvidos de tão encobertos pela grenha devota e suja, despenhada pelos hombros abaixo. De compleição era magro e comprido; as mãos, tinha-as elle bem feitas mas torsas como as unhas. E fugia dos homens menos para forrar-se á admiração del-

les do que para evitar damnosos contactos dos que soiam trazer nas vestes a poeira das cousas descompostas e mundanas.

Dias inteiros passava-os Bohemundo (era esse o nome do eremita) todo absorto e alheiado, fóra de si e podéra dizer-se, fóra de todas as cousas, tamanho lhe era o desprendimento dos sentidos: e só se interrompia para mascarervas apanhadas a esmo por desalterar a fome e a sêde. Uma noite, voltando da floresta, rasgado dos tojos, sangrento e humilde, encontrou a caverna occupada de um lobo, e pois que era bom hospede, deixando a besta em paz, logo saiu; e foi ao pé de um arbusto, despiu-se, dependurou o habito a um ramo e estendeu-se nú sobre a relva fria e congelada.

E adormeceu. E no espaço, o habito dependurado, irregular e confuso, suspenso sobre o corpo cadaverico do eremita, parecia um abutre prestes a abater-se sobre a carniça.

E assim, vegetava esse Vaso insigne, pleno de todas as virtudes; torturas e fadigas, tudo tramava e entretecia nelle a grinalda do martyrio. A sua gloria mesma de perfeição mais lhe aggravava a delicia de soffrer e merecer.

Mas porque nem até a virtude escapa á abominação do peccado e nem ha vaso sagrado que no fundo não se

lhe apeguem algumas fézes, estava reservado a Bohemundo o deixarse vencer pela cilada demoniaca do orgulho.

Foi o caso que passando uma vez pela estrada alguns mercantes, homens, de duro trato, que corriam varios feiras do mundo, o eremita de longe apercebendo-os esgueirou-se para dentro de uma moita cerrada e occultouse o mais que poude; mas não o fez tanto que não podesse ouvir as falas dos viandantes.

— Certo — dizia um delles espertando a mula com o chicote — Bohemundo é talvez um santo, mas não vale o nosso santo Preboste de Aquiléa... o maior santo da christandade...

E as vozes e os viandantes perderam-se ao longe. Aquellas palavras caíram como dardos sobre as carnes do eremita. Orgulho humanal é triste! O que valia a sua penitencia inutil diante daquelle novo espelho! não passava de um peccador sem freio na obstinação de todos os horrores e já se julgava glorificado!

E abatido pelo peso de suas dedicações inefficazer, quasi indecorosas, diante da incomparavel corôa desse santo Preboste, poz-se o velho eremita a uivar lugubrememente as suas culpas á face do céo, e, cheio de colera, porque ha coleras santas e divinas, galgou uma ladeira proxima e deixou-se rolar abai-

xo pelo pedregulho gritando pela morte, desdenhando todas as misericórdias, pedindo lepra e piolhos... lepra e piolhos...

No outro dia, levou a considerar quanto lhe faltava ainda para chegar áquelle esplendor perfeilissimos ao santo Preboste de Aquiléa; pois era de razão que posto Deus se achasse de conselho prompto em toda a parte, todavia mais elle fulgurava nos exemplos que escolhia neste mundo. E agora mais benigno e humilhado, pensou que devia ir ter ao Preboste e pedir-lhe o caminho da verdade e da beatitude.

— Aqui, dizia consigo, aqui não é o aprisco das ovelhas sagradas, porque o que valem ovelhas perfeitissimas onde não ha lobos que as devorem?

E tomou resolute um pouco de hervas, fez de uma vara bordão, e partiu.

* * *

A caminho de Aquiléa foi S. Bohemundo pensando em como havia de fazer ao avistar o Preboste; estender mãos supplices, pedir-lhe para matar a fome o cascão terroso dos sapatos, e se o Preboste não houvesse sapatos? lambe-lhe as solas dos pés. Repartiria com elle a sua pouca herva dos Abruzzos. Não. Não repartiria cousa alguma. E atirou as hervas fóra, pensando com gula na doçura deliciosa da poeira dos sapatos desejados.

Pelo caminho viu Bohemundo tristemente a sua fama a deminuir, deminuir, até que se extinguiu diante da do Preboste, que brilhava violenta como um incendio. N'um certo albergue tomaram-n'o por um mercador de Ravenna; isso accordou o orgulho do pobre frade e poz-lhe a maldição dentro d'alma. N'essa noite, rejeitou a dormida sobre o feno espalhagado na terra onde o luar lento e tremulo lhe parecia um abano luminoso a enxotar-lhe as moscas da podridão execranda; e saiu e procurou uma maéa de porcos e deitou-se na suidade e adormeceu. E para dar maiores provações ao seu corpo aguilhoado de fome velha e atrazada, revolveu-se na immundice clamando em prantina desenvolta:

-- Senhor! eu não sou digno!

Dias e noites tristissimas escoaram-se para o santo peregrino.

Valles asperos, caminhos difficeis, torrentes rugidoras, elle as atravessou resolute, ainda que se mais perigos havia mais o exaltava correl-os a risco de tudo, Em toda a jornada sentia-se já o esplendor do Preboste invadindo como um cheiro celeste; as aves parece que cantavam os seus louvores; e o clarão inexoravel de sua vida lançava atravez da natureza uma faixa luminosa, branca, longuissima como o rasto da ladainha mystica...

Num momento, á beira da estrada (encanto indizível!) viu o pobre eremita alguns aldeões que se atiravam de ventre á terra, murmurando: — o Santo Preboste! o Santo Preboste! — e uma cavalgata, levantando poeira, rápida e troante passou como tempestade.

A Bohemundo então quasi lhe veio a colera aos labios. — Pois era este o Preboste piedoso? era esse que ia com um sequito luxuoso, em cavallo ajaezados de prata e testeiras de ouro e as capas rubras adejantes?! Santo!? esse peccador abominavel de apregoada santidade!? mas logo Bohemundo aplacou a colera e emendou-se, constricto, porque ás vezes as apparencias illudem e «as ovelhas só são perfectas onde ha lobos que as devorem».

Entrando em Aquiléa procurou o eremita a casa do Preboste — que era um palacio maravilhoso a projectar-se no ar sereno da noite com as janellas amplas, abertas, incendiadas de luz. Entrou; e foi logo empurrado para uma grande sala que a vastidão de uma mesa opipara enchia com exquisitos manjares, faisões, cristaes cantantes na joalheria dos reflexos, amphoras esgalgadas e a gorgolejar capitosas odores. Atordado e varado de fome de dezoito dias de abstinencia desde a macêa dos porcos, Bohemundo sentiu-se desfallecer en-

tre a algazarra dos convivas vorazes, e quando deu fé comia (horror e tristeza!) comia uma perna de porco assado e já havia esvasiado um copo da boa uva abominavel e immunda.

O santo Preboste chegou então, indifferente, abstracto, e tomou o logar vago de um lacaio. E Bohemundo notou naquelle homem a piedade doce e infinita dos seus olhos sem vista, encovados, e viu-lhe a face escaveirada e pallida a boca immovel quasi de pedra, serena e incomparavel. Viu-o com espanto (e era de costume) reprimir a gula, rejeitar os pratos, nem siquer aspirar o vinho, e apenas apanhar da toalha uns restos de pão já mordido e escuro. E o eremita lembrou-se instinctivamente de que não ha perfeição de ovelha longe da voracidade dos lobos; e o Preboste avultou aos seus olhos, por sabel-o rico e a sua riqueza era dos pobres, por sabel-o esposo da mais bella mulher d'Aquiléa e guardar castidade, por vel-o n'um banquete perene do qual era elle o cão sem fome, sob a mesa, esperando a migalha desprezada, Mas, em breve, soou o estrepido da cavalgata em aprestos á porta, e o Preboste tomando o capacete saiu pela noite afóra com o seu sequito.

* * *

Pouco depois, ao penetrar no aposento que lhe fôra designado, e era o

quarto do Santo Preboste, sentiu Bohemundo subir-lhe ao pescoço a colera quasi a despejar-se em nausea, na remissão de precoces enthusiasmos; via bem claro agora que não podia ser certamente santo o homem que mantinha mulher e leito branco, fofo e largo como aquelle, ninho abominavel de femea a julgar pelas minuncias imponderaveis do cheiro e da volupia que andava no ambiente.

Jazia para traz do leito uma cuba d'agua tranquilla para os effeitos sacrilegos do aceio.

— Volupia! volupia!

Aquietou-se enfim; despiu o habito e deitou-se. A lamparina eternamente moribunda vacillava compondo sombras que iam e vinham pelas paredes, subiam ao tecto, desciam e desapareciam. Lá dentro na sala, vozes tambem compunham-se, e logo se desfaziam; parecia que aquella parte se desarticulava da casa e ia fugindo porque as vozes e os rumores foram pouco a pouco morrendo e extinguiram-se.

Afinal, caira tudo em silencio absoluto. E foi-se-lhe estreitando então o circuito das idéas confusas, e Bohemundo poz-se a catalogar os seus peccados nitidos, a perna de porco assado, o copo de vinho que lhe assolava os humores, os juizos temerarios e criminosos e ia já a cerrar os olhos quando de

subito uma porta se abre e entra pelo quarto um grande rumor branco. Era a mulher do Preboste.

O santo eremita encolheu-se todo na cama e estirou as mãos pelo corpo a ver se estava composto. Mas a mulher nem sequer o olhou — encaminhou-se a um canto do aposento enfrente á lampada sempre moribunda, e foi desatando os vestidos: como de uma rosa em violencia de vento foram-lhe os trapos voando em sussurro, e afinal a camisa contra a luz, gouflada sob os braços, luminosa e quente como um balão, voou pelo alto, invertida e difficil, deixando a trepidar os seios rijos e nús.

E o eremita viu-a, ave pernalta e branca bambolear-se em vôo, ir chegando, passarse para cima do leito, aconchegar-se ao pobre homem, metter-lhe ao pescoço os braços em escapulario, e dobrando o joelho travejar-lhe o corpo magro com a perna forte e macissa.

N'aquelle contacto tenebroso e terrivel sentia o misero frade a profusão inenarravel das serpentes curvas, de peçonhas invenciveis. E ao attrito dos seios que respiravam, o pobre eremita começou a perceber, longinqua, a harmonia das espheras, indo e vindo em rythmo divino, lentas, redondas, formidaveis, e todavia mansas como ladainhas. E poz-se a louvar e a cantar a Virgem Castissima, a Virgem Amantissima, o Re-

fugio, a Consolação dos Afflictos, e de novo, Arca da Alliança, amantissima, tres vezes amantissima e num momento, de dentro da barba hirtuta, cerrada e suja, aquella bocca outr'ora afundada, sem palavra, sahiu fóra, proeminiu, voraz e bivalve para colher a perola do beijo sacrosanto.

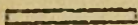
Mas logo que foi percebida a bestialidade do eremita, a casta esposa do Preboste empurrou-o para longe e de tal arte e com tamanha indignação que o mesquinho frade foi cahir com estrondo dentro da cuba d'agua regelada. E Bolemundo molhado a escorrer, a tiritar de frio e desengano, levantou-se e atirou-se de novo ao leito: corria-lhe por baixo um rio d'agua como a lavar-lhe as virtudes, e desta vez a perna de porco, o vinho calido, e o juizo temerario contra aquella cuba, vaso não de crear volupias damnosas mas de aplacar furores sacrilegos, tudo lhe subiu á cabeça confusa.

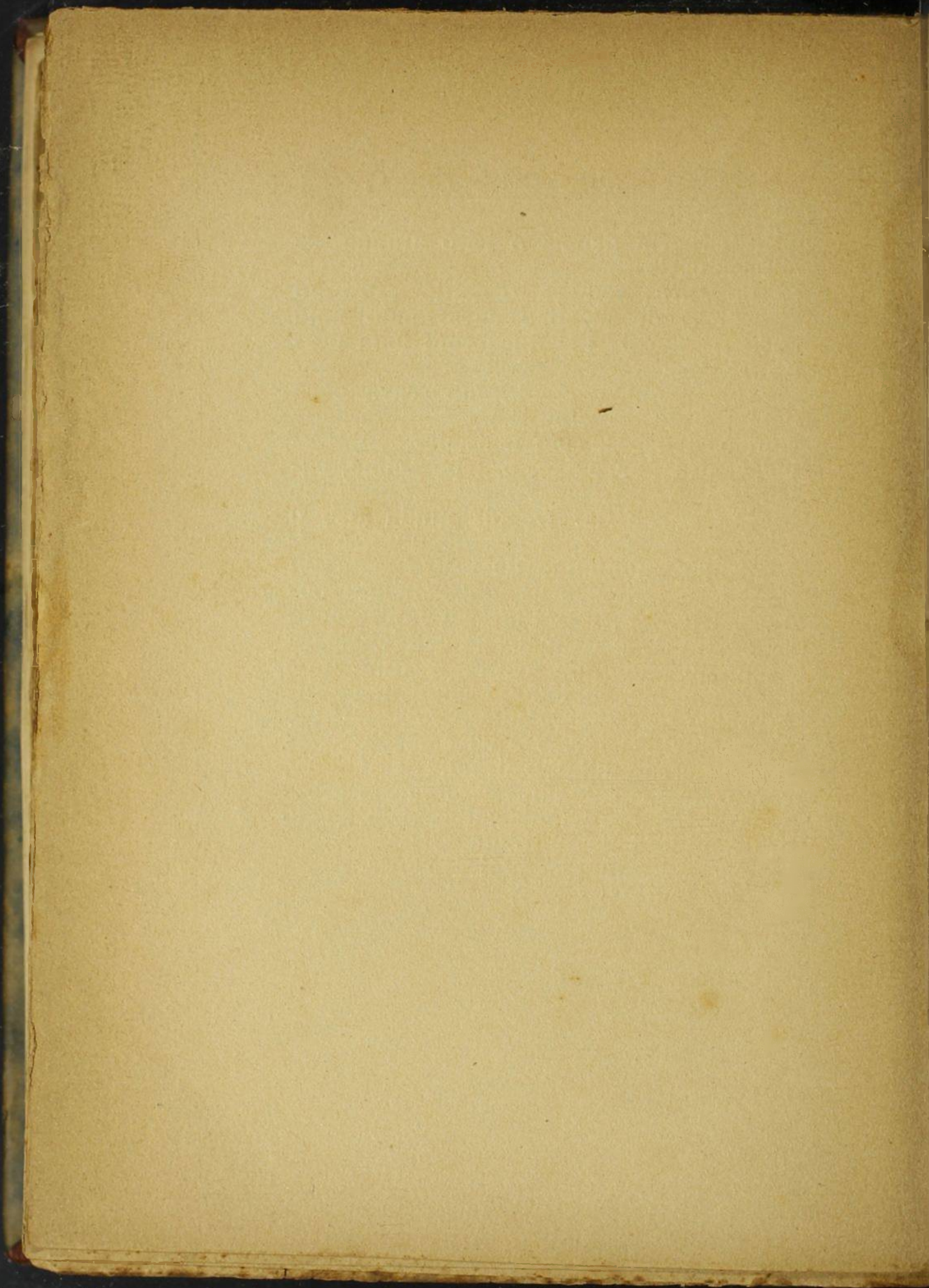
Sentiu o pobre eremita as veias cursarem-lhe o corpo e accender-lhe dentro uma fogueira. A febre declarou-se intensa e indomavel, e nem mais ouvia nem via coisa alguma certa. Parecia-lhe entretanto vêr melhor que ouvir. Via o leito estirar-se uma legua e depois encolher-se, e elle ia tambem se encolhendo e diminuindo ao ponto de ter os pés collados no queixo, juntos

á bocca; via depois o leito afundar-se descendo, descendo... e o seu habito solto nos ares tomara o feitio estranho de calças de alçapão cavalgando uma ovelha, toda ovelha, mas com uma perna de porco. De repente o leito ia subindo, subindo e zas! emborcava para baixo, e lá ia elle tombando a cair com os lençoes, com a mulher do Preboste, ora por baixo, ora por cima, caindo mas sem nunca cair, porque não topava em nada. Depois mudava-se o theatro, e viase a si mesmo nos Abruzos numa montanha de pedra com um joelho em terra, e as mãos quanto podia estendidas, estiradas em imprecação ao céo; e logo as mãos se colhiam para baixo correndo ao ventre a afundar-se na ignominia; a todo o ambiente cheirava a excremento suino.

Afinal as ideias e as emoções confusas, aereas, altas, caíram, de chofre, como pancada de chuva, jorraram grossas e foram-se. E aplacou-se tudo e veio a tranquillidade absoluta.

S. Bohemundo expirava...





|||||

INDICE

Floresta de Exemplos	5
O Vendedor de Passaros	9
O Hymno da Bactriana	13
Acerca da Nudez	17
Só a vista faz fé	21
Um Philosopho	25
A Mentira do Judeu	29
A Solidão	33
Geminae Columbæ	37
A Gallinha Branca	41
O Novo Esopo	45
Griselda	49
A Piedade do Numero	53
Acerca do Trias	57
Pisithanatos	61
Aquelle que sabia Ler	65
Acerca do Diabo	67
A Tolice dos Sabios	73
Acerca da Verdade	77
O Argumento Baculino	83
Contra a Cegueira	87
Um Subtil anachronismo	91
O Noivo Fugitivo	95

O Thesouro Escondido	99
A Senhora Capitoa	103
Acerca dos Livros	107
Cinzas	111
Rodam, a Malaventurada	115
Ainda a Respeito do Judeu	119
B por V	123
O Bom Ladrão	127
O Principe de Salerno	131
Acerca da Exogamia	135
O Velho da Montanha	139
A Legitima Cravelha	143
A Matrona de Epheso	147
Os Abutres	151
A Deusa da Fortuna	155
A Filha Prodigã	159
Os Sapatinhos	163
A Viuvez	167
A Maior Virtude	171
A Parte da Corôa	175
Das minhas Viagens	179
Parabola	183
La Tomba di Virgilio	187
Das minhas Viagens	191
Riso Amarello	195
Fabula de Gracian	199
Zeenoh Úreenoh	203
O Outro Rei Mago	207
Os tres Sonhos	211
Rachel e Sara	215
S. Bohemundo	219



Forman de Jose fernandez
 Parib. 31-70-41.

307
Fernando de
11
5

GEYSA LAPORT LEITÃO — *La méthode directe dans les classes de français* — obra didática para o estudo da lingua Franceza 8\$000

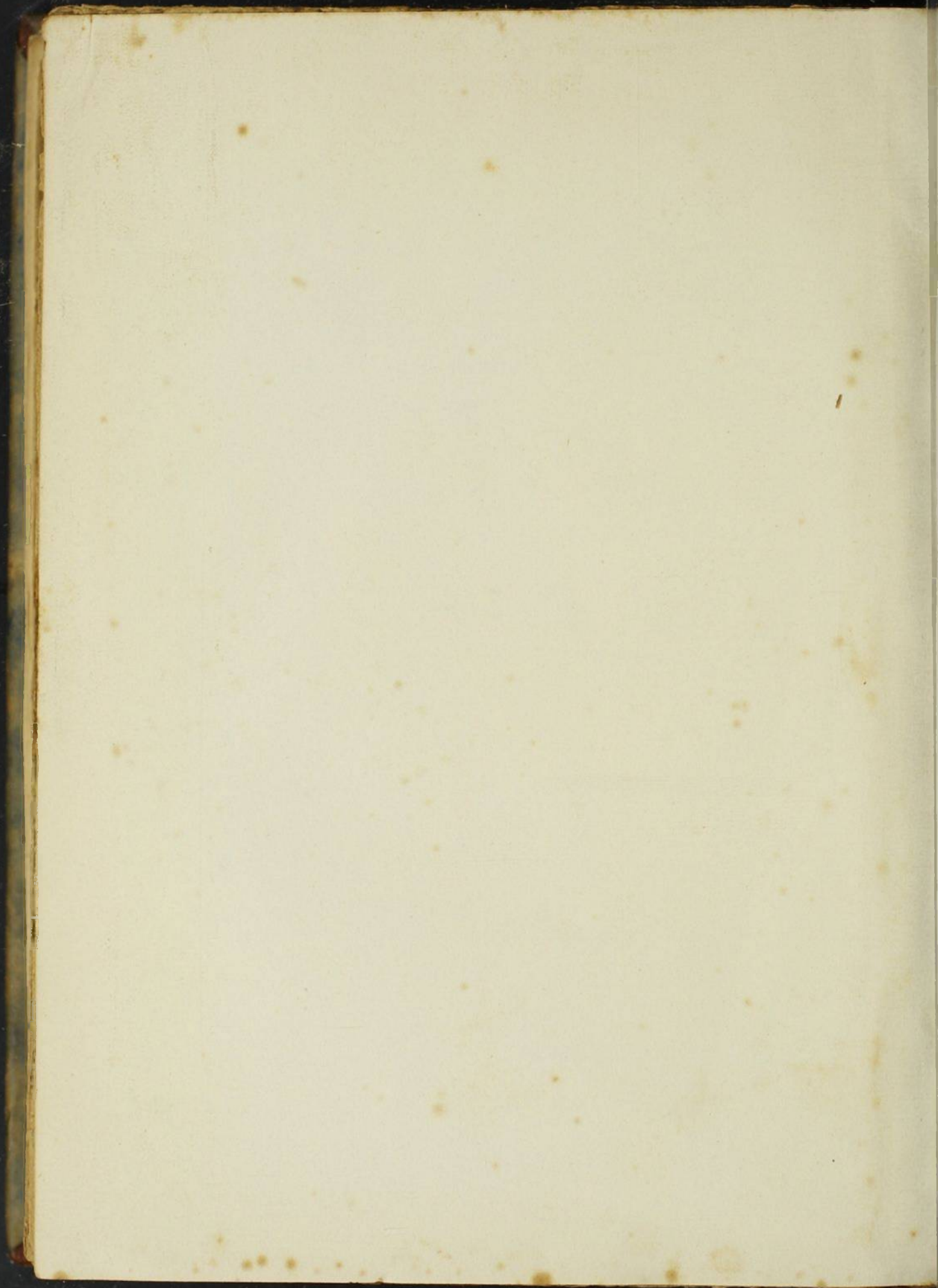
G. AUDIFFRENT — *Opúsculos sobre o Catolicismo* — Tradução do Dr. João Francisco de Souza : . . 8\$000

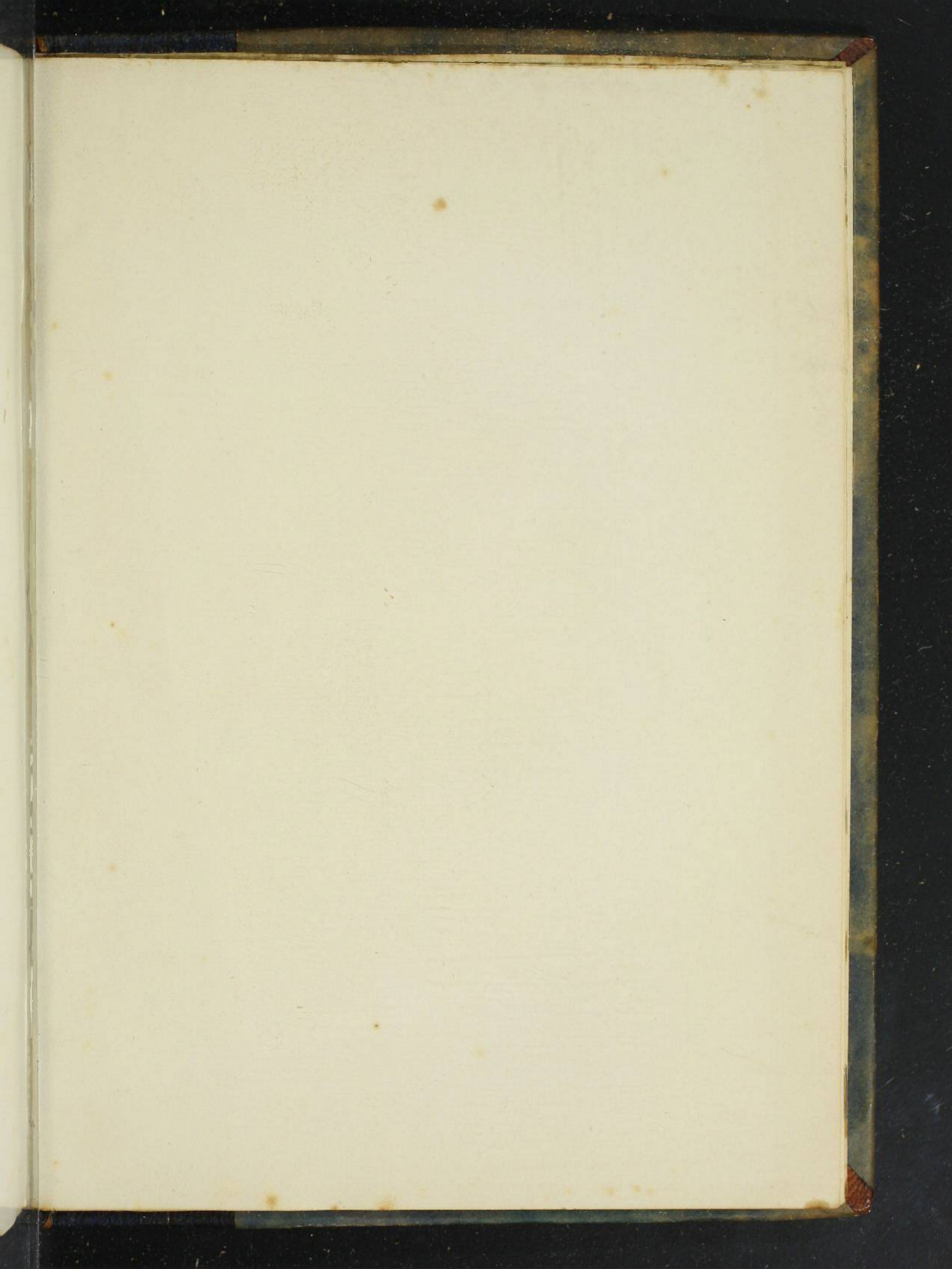
BRANT HORTA — *Manual da ortografia moderna* 2\$000

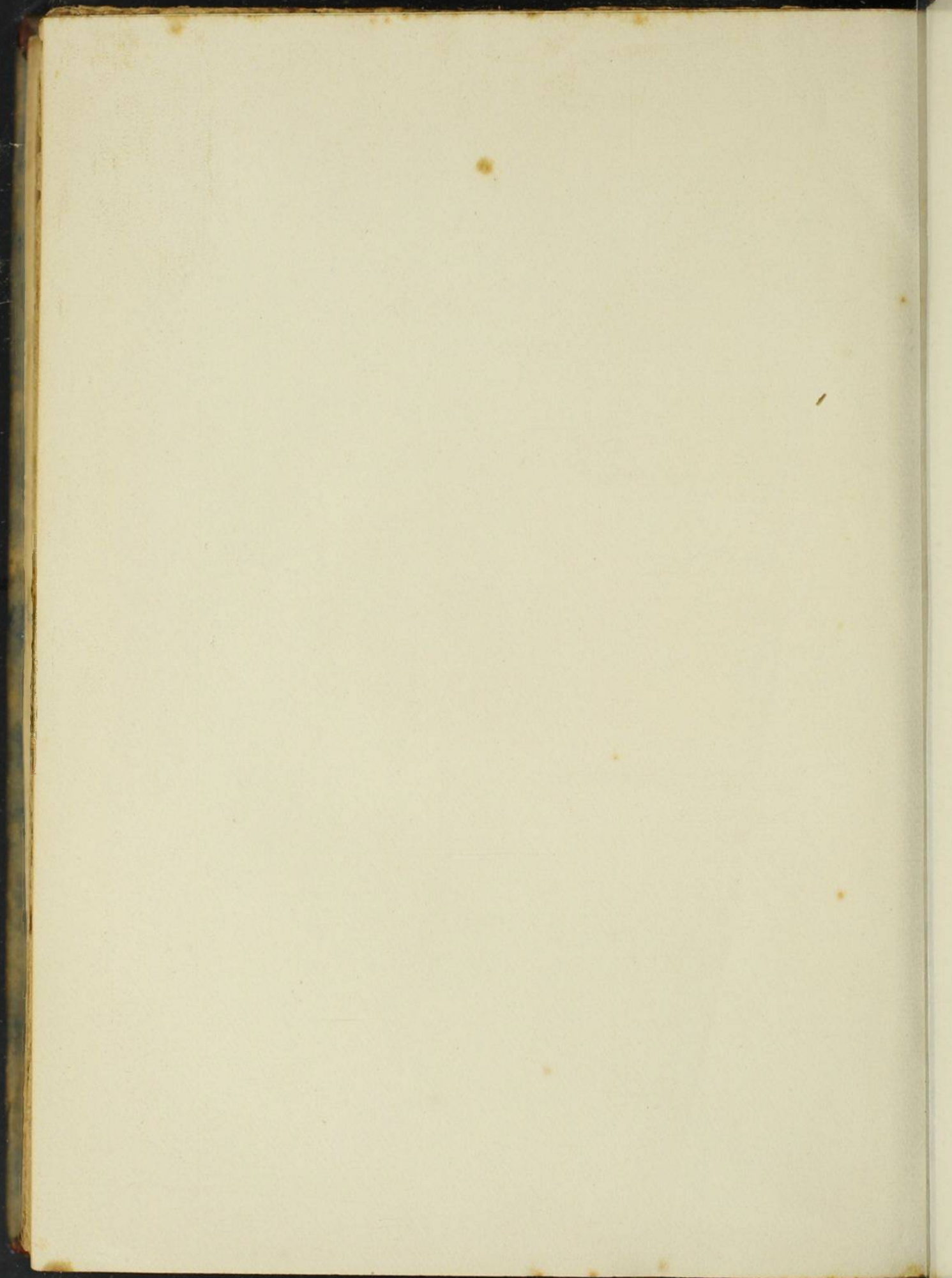
CANDIDO JUCA' (filho) — *O Crepusculo de Satanás* 5\$000

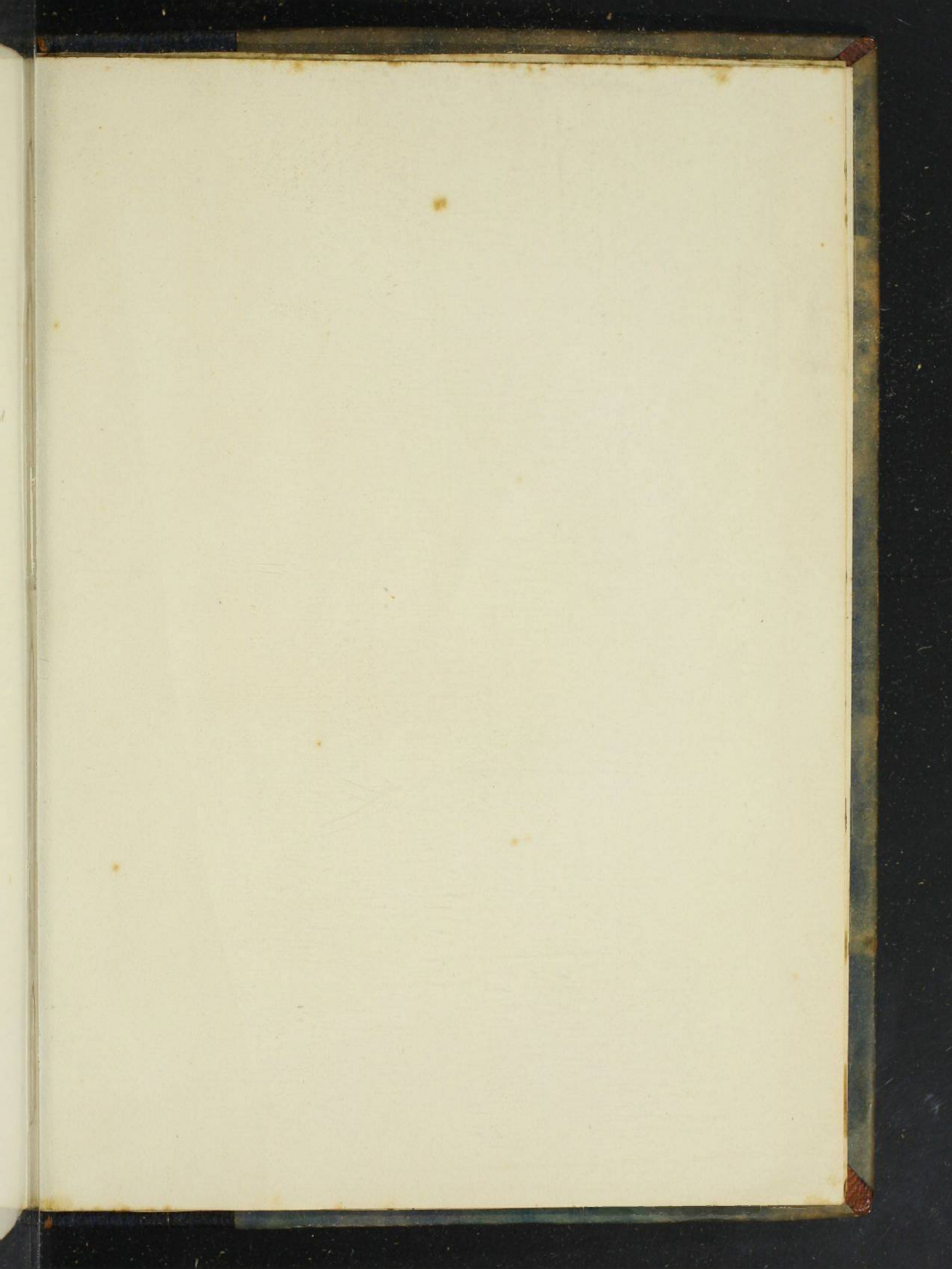
NO PRELO:

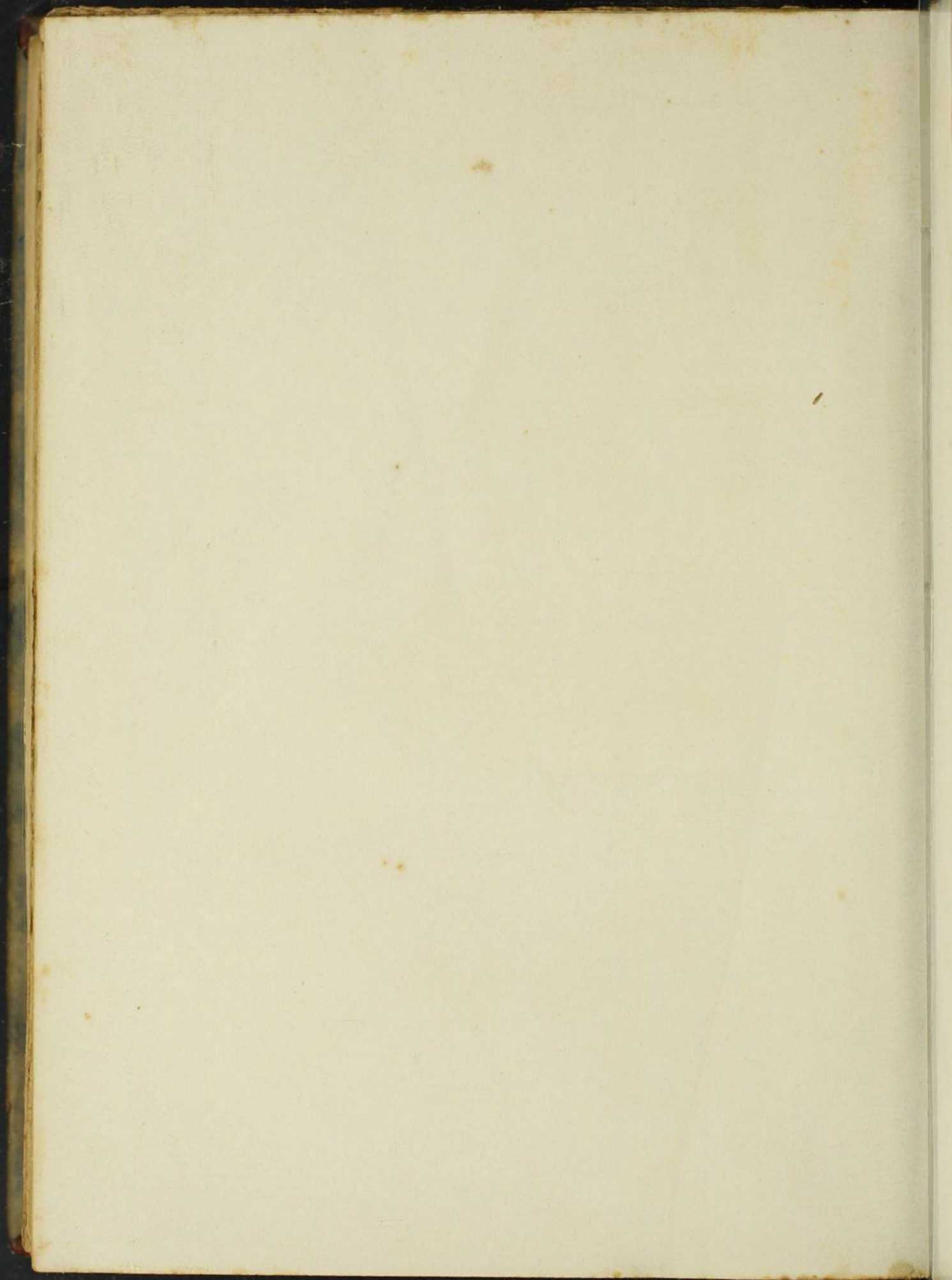
LEONI KASEFF — *Educação dos Super Normaes* 15\$000













17590

